

# Por amor ao ideal

Casa Editora Espírita "Pierre-Paul Didier"

Rua Leonardo Commar, 3179 Bairro Pozzobon Site: [www.mariadenazare.com.br](http://www.mariadenazare.com.br)

E-mail: [didier@terra.com.br](mailto:didier@terra.com.br) 15503-023 Votuporanga-SP Tel/Fax (0\*\*17) 3421-2176

Revisão: Fausto De Vito

Conferente: Maria de Lourdes S. Moitinho

Capa: Marcos Ferreira

Projeto Gráfico:

Editora Vitória Ltda.

Av. Cel. Joaquim de Oliveira Prata, 668

38022-290 Fone/Fax (0xx34) 3336-6588 Uberaba, MG

E-mail: [edvitoria@mednet.com.br](mailto:edvitoria@mednet.com.br)

Copyright 2005 by ©

CASA EDITORA ESPÍRITA "PIERRE-PAUL DIDIER" (*Homenagem ao 1.º editor das obras de Allan Kardec*)

Rua Leonardo Commar, 3179 Bairro Pozzobon

Tronco central: Tel/Fax (0\*\*17) 3421-2176

CEP: 15503-023 Votuporanga, SP Brasil

E-mail: [didier@terra.com.br](mailto:didier@terra.com.br) Site: [www.mariadenazare.com.br](http://www.mariadenazare.com.br)

TODO O PRODUTO DESTA EDIÇÃO É DESTINADO À MANUTENÇÃO DO LAR BENEFICENTE "CELINA" E SEUS DEPARTAMENTOS, OBRA SOCIAL DO GRUPO ESPÍRITA "MARIA DE NAZARÉ" (VOTUPORANGA, SP) 1ª Edição Do 1º ao 10º milheiro Março/2005

Impresso no Brasil \_\_\_\_\_

Printed in Brazil

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Baccelli, Carlos Antônio

Por amor ao ideal Carlos A. Baccelli, Inácio Ferreira. — Votuporanga, SP : Casa Editora Espírita "Pierre-Paul Didier", 2005.

1. Espiritismo 2. Mediunidade 3. Romance brasileiro I. Ferreira, Inácio. II. Título.

05-1190

CDD-133 93

## Verso

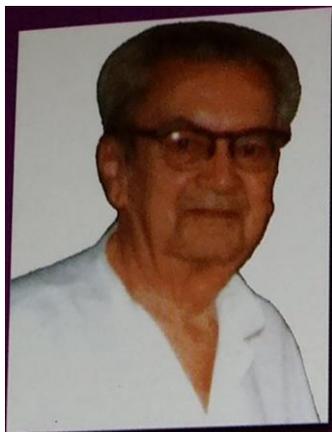
Reminiscências das lutas do abnegado médico espírita Dr. Inácio Ferreira, estas páginas de leitura envolvente, através da psicografia do médium Carlos A. Baccelli, relatam os desafios e incompreensões naturais que padecem *aqueles* que não se esmorecem e se decidem a servir em nome do Bem, no cumprimento do dever que abraçaram exclusivamente "Por amor ao Ideal". exemplos frisantes, além do presente valioso repositório de vivência e atividade caridosas no Plano Espiritual, intitulado "Na Próxima Dimensão", assistido pelo experiente e consagrado confrade e amigo Dr. Odilon Fernandes, bem como pelos acima citados companheiros. Este livro foi ditado ao psicógrafo uberabense Carlos Antônio Baccelli, também logopsicófono de "Sob as Cinzas do Tempo" e "Do Outro Lado do Espelho", ambos da lavra do mesmo escritor.

Outrossim, a seu crédito inalienável, importa mencionar a criação pelo Dr. Inácio

Ferreira do "Lar Espírita", inaugurado em 1º. de maio de 1949 - instituição fraterna de amparo e .educação para meninas desvalidas, com a participação dos integrantes ; da tinação da Mocidade Espírita de Uberaba, da qual é benemérito Departamento.

Fausto De Vito

## INÁCIO FERREIRA



O Dr. Inácio Ferreira de Oliveira nasceu em Uberaba (MG), em 15 de abril de 1904, filho do Sr. Jacinto \* Ferreira de Oliveira e de D. Maria Lucas de Oliveira e casado com D. Aparecida Valicenti Ferreira, vindo a e ele a desencarnar em 27 de setembro de 1988, na própria cidade natal, aos 84 anos de profícua existência.

Médico formado pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, clinicando em Uberaba, tornou-se espírita após observar, com sincera intenção de pesquisa e zelo profissional, os diferentes fatos neuropsíquicos relacionados com os enfermos internados no Sanatório Espírita de Uberaba, de que passaria a Diretor-Clínico por mais de 50 anos, e verificou a eficácia da Terapia Espírita para a cura de distúrbios mentais e/ou obsessivos.

## Por amor ao ideal

Capítulo singelo das reminiscências de nossas lutas em prol do ideal espírita, quando ainda mourejávamos no corpo de carne, este livro nada além pretende senão encorajar os companheiros que permanecem à frente do combate, que ainda se trava na Terra, pela definitiva vitória do Bem contra o Mal.

Embora presentemente fora do corpo, de quando em quando nos colocamos a refletir nas proveitosas experiências que o Espiritismo nos possibilitou vivenciar na condição de seus adeptos, nas abençoadas lides do Sanatório Espírita de Uberaba, que, por assim dizer, durante décadas, polarizou as atenções de encarnados e desencarnados, qual acontecia com inúmeras outras instituições espalhadas pelo Brasil, pioneiras no serviço da causa do Evangelho Redivivo entre os homens.

Esclarecemos que, escrita por nós em volumes anteriores que já vieram a lume, esta obra não sofre qualquer retoque, com o propósito de atualização ou mesmo com a preocupação de sequenciá-la às demais, e outras que, com o tempo, possivelmente haverão de ser publicadas todas transmitidas via mediúnica pelo amigo que se dedica a nos ceder um pouco de seu tempo e boa vontade, na consecução do projeto que nos é

comum.

É evidente que todo escritor, esteja ele encarnado ou não, lança mão de certos recursos literários, a fim de que a inspiração e os fatos se enriqueçam, tornando-se mais agradáveis à leitura e, em consequência, à própria assimilação. Todavia a verdade aqui comparece como ela sempre foi e continuará sendo, sem que nos afastemos um só milímetro do nosso compromisso com ela, o que, por certo, se acontecesse, invalidaria todo o nosso trabalho.

Agradecendo a Jesus e aos Bons Espíritos que nos tutelaram, em mais esta empreitada entre os Dois Mundos, continuamos a rogar que os obstáculos e, por vezes, as incompreensões não nos esmoreçam, no cumprimento do dever que abraçamos exclusivamente por amor ao Ideal!

Inácio Ferreira

Uberaba (MG), 31 de janeiro de 2005.

## 1º Capítulo O paciente

Lembro-me de que a campainha tocou e fui atender à porta. Um lindo gato siamês saltou de cima da mesa e acompanhou-me ronronando. Era uma quarta-feira, dia de sessão mediúcnica no Sanatório, dia em que, mais que nos outros, os espíritos costumavam ficar agitados...

— Pois não disse, estendendo a mão ao desconhecido, um vistoso senhor de pouco mais de quarenta anos de idade.

— Dr. Inácio Ferreira?..,

Sim, sou eu mesmo respondi. — Vamos entrar. Não repare na desordem...

Alguns dos meus livros estavam esparramados e vários recortes antigos de jornais haviam sido lançados ao chão pelo vento; é que eu procurava encontrar um escrito de Ernesto Bozzano, transcrito de uma revista italiana artigo que versava sobre a influência sutil dos desencarnados sobre os homens.

— Doutor, vim para uma consulta. Sei que, além de médico, o senhor é espírita... Estou cansado desta vida!...

— Eu também respondi, emendando a queixa do meu anônimo paciente daquela tarde.

Olhando-me, curioso, ele continuou:

—A minha existência é medíocre... Não sirvo para nada. Viver para mim tem se resumido em amargura. Não me falta dinheiro. O problema é o vazio que sinto... Não tenho alegria. Fui casado, mas a minha esposa não me suportou.

Tive ímpetos de desarmá-lo com uma ou outra observação hilária, como, aliás, era do meu feitio, no entanto o seu estado de espírito não me deixou à vontade; de fato, grande mágoa transparecia de suas palavras... Cessei de tentar colocar os papeis sobre a mesa em ordem e, reclinando na cadeira, pus-me a ouvir com maior atenção.

— Não sei se o meu caso é de remédio ou de internação. Já fui a outros especialistas, colegas do senhor. Desculpe-me, mas não me convenceram; ficaram com o meu dinheiro, e nada! Acheios mais medíocres do que eu. O senhor está me parecendo um homem mais despojado: ainda nem mencionou o preço da consulta...

— Continue, meu caro, sem dispensar observei. — Falaremos depois quanto ao preço da consulta.

— Tenho pensado seriamente em colocar um fim na minha vida; vivo sem qualquer objetivo... A rotina cotidiana me cansa sobremodo. Trabalhar para quê? Se a morte, mais cedo ou mais tarde, me espera, melhor que eu não a deixe esperando tanto... Se Deus

existe, não sei para que nos criou para a dor e para o desencanto? Aspiro ao descanso eterno... Tomar consciência das coisas significa sofrer. Tudo que percebo à minha volta me desagrada. Já me falaram em depressão... Seria depressão constatar a realidade? Para tudo e todos, nós, os homens, criamos rótulos: “Este é louco, aquele é esquizofrênico, outro é dominado por ideias compulsivas”... Quem dirige o mundo? Quem brinca conosco de maneira tão cruel?

Aquele meu inesperado paciente não era igual aos demais: argumentava bem, e, de início, tive a impressão de que uma mente invisível e poderosa o inspirava... Outrora, eu também já refletia de maneira semelhante, antes que o conhecimento espírita me iluminasse o escuro da alma. Coisa curiosa: eu me sentia, diante daquele senhor, como se estivesse me defrontando comigo mesmo, com um pedaço esquecido de mim... Inútil que tentemos fugir de nós, pois, quando o fazemos, a vida nos manda alguém com a nossa própria face interior.

Saindo daqueles rápidos devaneios, cedi de novo os meus ouvidos aos lamentos do paciente, que não parou de falar:

— Estou me sentindo totalmente sem ânimo... Dizem que a vida continua, porém onde estão as provas? Afirmam que Jesus ressuscitou, mas eu não estava lá para conferir... Acreditar em mentiras e basear-me nelas para viver? As evidências são as de que a morte do corpo é o termo da caminhada; nada antes ou depois do túmulo... É o mínimo de coerência que posso ter. De mim, nunca saiu nada de bom; nada descobri, nada inventei... Sou mais um na multidão dos inúteis. Para dizer a verdade ao senhor, Doutor, nem sexo me dá prazer; o orgasmo é um instante só acabou, acabou... O homem é insaciável... Todo dia, a gente faz a mesma coisa e... envelhecendo. De repente, um câncer e mais sofrimento; quem tem sorte morre logo, quem não tem, padece nas mãos dos outros...

Tomando fôlego, concluiu, atormentado, com lágrimas que sequer ousavam lhe saltar para fora das órbitas:

— Vim até aqui para que o senhor me ajude a viver ou a morrer, não importa.

— Você está colocando, meu caro, uma grande responsabilidade nos meus ombros comecei, sem saber por onde dar sequência ao diálogo. Sou médico, mas não tenho todas as respostas... As suas incertezas, segundo creio, não deixam de ser as incertezas da Humanidade; você está simplesmente dizendo o que os outros silenciam...

— Inclusive o senhor.

— Sim, em parte sim: inclusive eu. O que é que nós sabemos da Verdade Absoluta? Questionado a respeito dela, o Cristo não se manifestou. Você está pensando apenas em sobrevivência física, não levando em conta a sobrevivência moral. Os alicerces da civilização repousam sobre poucos ombros... Sob os rastros dos criminosos, dos violentos e dos cépticos, existe apenas destruição. Uma *força espiritual* que emana dos mártires e dos heróis é que sustenta a Humanidade e continua inspirando o homem ao Bem. Paira no ar algo além da matéria... Você fala em comprovação científica da sobrevivência, todavia a Ciência apenas engatinha. Quase nada se sabe do corpo, como se saber mais a respeito do espírito? Se você não tem consigo a chave que lhe descerre as portas do autoconhecimento, eu é que não as possuo no meu chaveiro... Eu não sou Deus, para dizer quem você é. Os meus cabelos brancos e as minhas rugas falam da minha incessante busca eu sei que *está lá*, não exatamente onde, mas eu sei que *está* íd, à minha frente, não à minha retaguarda... Devo, portanto, caminhar, avançando, nem que seja um insignificante centímetro.

— Agradeço a sua sinceridade observou o aflito senhor. — Ao tomar a iniciativa de procurá-lo, eu não esperava outra coisa, pois, com exceção dos padres e dos católicos mais fanatizados, a cidade inteira fala bem do senhor... Estive me confessando

por várias vezes, mas, infelizmente, nenhum sacerdote teve paciência de escutar as minhas queixas: interrompiam-me no meio da confissão e ameaçavam-me com o Inferno... Quanta tolice! Como são vazios e frios! Mais frios e vazios que as estátuas dos santos nos altares...

— Neste ponto, estamos de acordo atalhei, recordando as inúmeras perseguições que, por parte da Igreja, em Uberaba, eu sofrera ao longo do tempo.

— Sou de família tradicionalmente católica...

— Eu também.

— Como o senhor foi se tornar espírita? questionou-me o paciente, um tanto mais descontraído.

— Fazendo-me as indagações que o senhor se tem feito respondi sem evasivas.

— E obtive no Espiritismo o que desejava?

— Tudo, para ser sincero, ainda não; estou efetuando descobertas gradativas...

O homem primitivo não poderia saber o que sabemos hoje para o homem do futuro, seremos criaturas das cavernas... Daqui, por exemplo, a cem anos, tudo estará mudado, concorda?

— Concordo, desde que não seja necessariamente para melhor. Vejo que os progressos da Ciência não têm espiritualizado o homem...

— Mas o têm obrigado a pensar, aumentando em sua cabeça os pontos de interrogação, e isto lhe é altamente benéfico.

— Benéfico?! O abismo?!...

— Toda distância, por mais incomensurável, é obstáculo a ser transposto. Quanto menor a criatura se sentir, maior será a sua concepção do Criador.

— O problema, então, é de orgulho?...

— Basicamente.

— O senhor está me chamando de orgulhoso?

— Estou p respondi, olhando-o firmemente nos olhos.

— Não estou entendendo...

— É... O orgulhoso quase nada entende além de se sentir como se fosse o centro do Sistema Solar.

— O senhor não está me consolando...

— Você não me procurou para isto. Às vezes, a verdade dita a nosso respeito pode nos ajudar mais do que o carinho daqueles que contemporizam com os nossos erros.

— Isto é uma técnica, não é? conjecturou, evidenciando consigo estranha patologia obsessiva. — O senhor está querendo me ganhar, não é? Por ser psiquiatra, acha que é mais inteligente do que eu.

Para mim, o quadro clínico do indeciso senhor começava a tomar um diferente contorno, mais complexo do que me pareceu à primeira vista.

— Não argumentei não se trata, meu filho, de nenhuma técnica...

— Eu não sou seu filho redarguiu. — Aliás, eu não sou filho de ninguém; não sei quem foi meu pai e Deus certamente não é... Estou vivendo como o senhor: inteiramente à mercê dos acontecimentos. A vida é frágil e nada se explica. Crianças morrem todos os dias e velhos inúteis estão mofando em seus quartos lúgubres...

O paciente revelava impressionantes estados de personalidade alterada. Sinceramente, eu não sabia com *quantos* estava dialogando; ele, inclusive, chegava a se transfigurar... Percebi que tanto eu quanto ele, em determinados lances da consulta, nos contémamos para que não nos agredíssemos. Havia uma ironia de parte a parte...

Mais de uma hora se escoara. O torturado homem enfiou a mão no bolso, depositou algumas notas sobre a mesa e saiu, induzindo-me a pensar que não voltaria.

## 2º Capítulo Perseguição Espiritual

Cheguei ao Sanatório Espírita de Uberaba e, logo à entrada, me encontrei com nossa irmã D. Maria Modesto Cravo, companheira de ideal a quem, de fato, tanto fiquei devendo, em minha última romagem no corpo.

— Olá! saudei-a como de costume, estendendo a mão em cumprimento, percebendo, no entanto, que a médium de excelentes recursos não estava em um de seus melhores dias. *A senhora* me parece preocupada gajuntei.

—Alguma coisa de grave?...

— Não, Inácio — respondeu-me —, está tudo bem. Não se preocupe. Médium é assim mesmo; às vezes, captamos uma influência espiritual que nem nós sabemos definir... Estou um pouco deprimida, mais sinto que a depressão não é minha.

Angústia, vontade de chorar e, ao mesmo tempo desculpe-me a expressão mandar tudo às favas.

— Dia de reunião mediúnica é assim comentei, procurando deixá-la mais à vontade -, os desencarnados ficam alvoroçados. Por isso eu vivo comentando com os outros integrantes do nosso grupo acerca da necessidade de maior vigilância, principalmente na quarta-feira. Tudo conspira contra...

— É, sei como é prosseguiu D. Modesta no diálogo que se desenrolou. — Em dia de reunião de desobsessão, eu já me ergo diferente da cama: desde cedo, os espíritos parecem desejar sintonia conosco, os médiuns... Um mundo de sensações estranhas e ideias diferentes na cabeça. De um lado, os Protetores pretendendo nos auxiliar e, de outro, os que buscam nos entrar. Ainda há pouco, antes de sair de casa, o ferro de passar roupas deu um estouro e tivemos um princípio de incêndio; como se não bastasse, quando eu estava no portão, um casal de amigos apareceu gente de fora querendo conversar comigo. Infelizmente, estando em cima da hora, não pude dar-lhes a atenção devida. Expliquei o motivo da minha pressa, mas não sei se compreenderam.

— Eu deixo tudo, Modesta, deixo até a casa aberta... Veja você: temos a semana inteira para

— A semana inteira e todos os dias inteiros da semana...

— Compromisso é compromisso. Por tal motivo é que somos rotulados de fanáticos. É verdade que não vamos deixar filhos pequenos sozinhos (graças a Deus, creio que este é um dos motivos porque não os tenho) ou familiares que, doentes, estejam sob a nossa responsabilidade, mas também não vamos nos permitir embarçar por causa de uma dor de cabeça.

— Confesso a você, Inácio, que existem dias em que começo a cumprir com as minhas tarefas domésticas com lentidão de propósito, como se algo estivesse me impedindo de vir. Observo os ponteiros do relógio com frequência, procurando uma justificativa razoável para não comparecer à reunião...

— Uma espécie de ludíbrico da consciência, não é?

— Isto! Não quero faltar, mas quero, entendeu?...

— Comigo também às vezes ocorre assim; se eu não tivesse a responsabilidade de dirigir a reunião...

— Sem falar das dúvidas que nos assaltam. Por exemplo explicou D. Modesta -, durante o trajeto até o Sanatório, os pensamentos que hoje me ocuparam a cabeça foram os seguintes: — “O que é que você está indo fazer? Tudo é criação de sua mente; não engane a si mesma por mais tempo... Ninguém possui evidências de que a vida prossegue além da morte. Uma mulher inteligente como você, dando espetáculo para uma plateia de loucos... Recue enquanto é tempo. O Espiritismo para a maioria é um meio de vida. Allan

Kardec foi um espertalhão: arruinado financeiramente, imaginou uma fonte de lucros”...

— Que coisa pavorosa! - exclamei. — E eu, que pensava que você estivesse imune...

— Imune, Inácio? Eu?!... O próprio Cristo não padeceu tentações no deserto? Não creio que o tão controvertido episódio narrado pelos evangelistas Mateus e Marcos seja mera figura de retórica. Tenho comigo que os espíritos das trevas tentaram mesmo fazê-lo desistir... Não existem nuvens escuras que ousam obscurecer a face do Sol?

— Se o médium não tiver firmeza...

— É Firmeza e discernimento.

— E retaguarda espiritual...

— Conseguida com base na lei do mérito. **O** médium que não se dedica à caridade, que fica tão-somente à espera da teoria, imaginando que o contato espiritual com os considerados mortos lhe é suficiente, não se segura de pé...

— Roda e roda bonito! acrescentei em voz alta, para que o pequeno grupo que agora se formara à nossa volta pudesse ouvir.

— Ser médium não é tudo e nem mesmo o suficiente continuou D. Modesta de maneira brilhante. — Quando os nossos Benfeitores se afastam, ao retornarmos do transe, nos observamos a sós, entregues à nossa própria realidade existencial. A luta íntima é intransferível. Os nossos Maiores não nos observam de braços cruzados, mas não nos podem substituir na experiência que nos compete adquirir.

Verifiquei o relógio e lamentei que o tempo escasso não nos permitisse prosseguir com o interessante diálogo.

— Vamos? convidei. — Está na hora. Nem que estejamos aos pedaços, o dever nos espera.

Demos início à sessão mediúnica com sentida prece sendo proferida por Manoel Roberto, o devotado companheiro de tantas lides no Sanatório e na Doutrina. Naquela noite, no entanto, nenhum espírito logrou conversar conosco, não havendo, por assim dizer, nenhuma comunicação mais proveitosa. Apenas D. Modesta, oferecendo passividade, permitiu que, por seu intermédio, uma entidade gargalhasse com sarcasmo praticamente o tempo todo. Por mais que eu instasse com ela, não se dignou de dizer uma palavra; gargalhava e olhava para mim, como se estivesse a me desafiar...

Quando a reunião terminou, indo à cozinha para um café, Manoel Roberto falou comigo:

— Tive a impressão, Doutor, de que aquele espírito que ria o tempo todo estava provocando o senhor. A meu ver, não se trata propriamente de uma entidade em estado de demência...

— Senti o mesmo, Manoel comentei. — Não são apenas os inimigos encarnados do Espiritismo que nos ridicularizam; estou habituado a isto... Por onde caminho pelas ruas de Uberaba, sinto que está alguém rindo às minhas costas.

D. Modesta se aproximou e, observando que o assunto girava em torno da única manifestação que obtivéramos na noite, esclareceu:

— Vocês sabem: sempre *fica* com o médium mais daquilo que o espírito pôde ou não quis transmitir... Se ele nada disse entre nós, pude *escutar* o que pensava, e a coisa é realmente com você, Inácio. Trata-se de um homem inteligente, de um cérebro maquiavélico, por assim dizer... É um destruidor de crenças.

Quando a nossa irmã assim se referiu à anônima entidade, de imediato o meu pensamento se ligou à figura daquele aflito senhor que estivera consultando comigo naquela tarde e, só então, me dei conta que, pela vez primeira, consultara um paciente sem lhe perguntar o nome. Um esquecimento deveras imperdoável que, repito, jamais ocorrera comigo.

Contei rapidamente a D. Modesta e a Manoel Roberto o diálogo que mantivera com o

estranho paciente em minha casa, inclusive o fato de lhe desconhecer a identidade.

— Tome cuidado, Inácio! advertiu-me nossa irmã, sempre zelosa e atenta. — As trevas possuem *instrumentos* para toda espécie de serviço.

— Mas será que já não chega a luta que temos travado contra os padres?...

— Os que lutam conosco *porjora* não são nada; poucos são os que vêm lutar conosco *por dentro de nós*...

— É, Doutor disse Manoel Roberto, preocupado estamos atravessando dias difíceis; eu também venho experimentando um grande desalento... Talvez estejamos sendo alvos de espíritos que queiram nos fazer perder a fé. Ultimamente confesso -, mal tenho conseguido cumprir com os meus deveres espirituais; ando me irritando com facilidade e sem paciência com os internos...

Aquele estado d'alma do companheiro era preocupante. Manoel Roberto, sem dúvida, em matéria de tolerância, estava muito acima de mim e da própria D. Modesta. Não raro, era ele que me tranquilizava o ânimo quando sentia ímpetos de despedir um funcionário ou explodir com a família de um paciente. Se já atravessáramos várias crises no Sanatório, aquela estava sendo mais uma pensei.

A noite avançava. Entrei no carro e tomei o rumo de casa, procurando não dar importância àquilo tudo.

Ao chegar, após guardar o veículo na garagem, fui à cozinha e abri duas latas de sardinha para meu gato siamês e a namorada que ele arranjava nas vizinhanças. Ainda em teimosa fidelidade à tabacaria, acendi um cigarro, descalcei os sapatos e pus chinelos nos pés. Revirando os papéis sobre a mesa, deparei-me, então, com o recorte de jornal que, à tarde, estivera procurando, sem encontrar, um artigo de Ernesto Bozzano sobre *agêneres*, que eu estava com ideia de mencionar em uma de minhas palavras e transcrever parcialmente em “A Flama Espírita”. Kardec se referira aos *agêneres* na Codificação, mas, com certeza, não tivera tempo para um estudo mais detalhado. Segundo inúmeros pesquisadores, os *agêneres* existiam, ou seja, espíritos que, em determinadas circunstâncias, conseguem se tangibilizar por um tempo mais longo, chegando a ser confundidos com seres encarnados; seria, digamos, uma materialização objetiva, sustentada sem a presença de um médium específico...

Li, reli o artigo do célebre metapsiquista italiano e, vencido pelo cansaço, subi as escadas e fui para o quarto. O sono, sem dúvida, é uma bênção; se não desligássemos a *tomada* de quando em quando, os nossos neurônios entrariam em curto... Fechei os olhos e desejei que, naquela noite, eu não me afastasse do corpo em desdobramento. De corpo e alma, eu queria simplesmente dormir.

## 3º Capítulo Inspiração

Como de hábito, levantei-me antes que os pardais começassem a chilrear, provocando a sanha dos gatos que saíam para a caça. Sentindo me um tanto mais disposto, organizei, mentalmente, a agenda do dia, tomei um rápido café que minha mãe me servira e fui para o escritório tentar esboçar um artigo para “A Flama Espírita”.

Sentando-me à escrivaninha, acendi um cigarro e pus-me a pensar no tema a ser desenvolvido, sem, todavia, que inspiração alguma me acudisse ao cérebro. Àquela altura de minha vida, eu já não estava mais para polêmica; os padres haviam se calado de lá e eu estava silenciando de cá... Sempre funcionei muito bem diante de qualquer provocação. Confesso-lhes que isto me fazia falta à criatividade...

Durante mais de meia hora, esperei, em vão, que um tema se destacasse entre os demais, merecendo uma abordagem literária. Que nada! A minha cabeça, naquela

manhã, se mostrava completamente vazia e fora de qualquer sintonia. Num átimo, comecei a imaginar a dificuldade dos médiuns, mormente os de psicografia, para estabelecer contato com o mundo subjetivo. Com todo o meu acervo de conhecimentos, eu não estava conseguindo sequer grafar uma linha...

Acendi outro enganoso cigarro e, observando a fumaça que voluteava no ar, por instantes tive a impressão de que uma face se desenhara nela. Sem explicar o mecanismo do fenômeno e mesmo, naquela hora, sem dar a ele o devido valor, lembrei-me das gargalhadas sarcásticas do espírito que, por intermédio de D. Modesta, se apresentara na reunião de desobsessão do Sanatório.

O telefone tocou. Era Manoel Roberto, perguntando:

— Doutor, o senhor virá um pouco mais tarde hoje?

— Por que você quer saber? brinquei, com a intenção de deixá-lo confuso. — Você agora é meu chefe?

Sem levar em conta a provocação, o devotado enfermeiro-chefe explicou-se:

— Eu apenas queria conversar um pouco com o senhor. Não estou me sentindo bem... Saí da cama num estado de angústia que não me é comum. Parece que me *secaram* por dentro...

— A qualquer coisa, eu interno você... insisti na caçoada. — Tranco você, a Modesta e... me tranco também!

— Trancados nós já estamos, Doutor respondeu Manoel. — Os nossos enfermos ainda recebem alta; quanto a nós...

— Estou esperando o banco abrir, e subo em seguida; tenho alguns trocados para guardar...

— Está bem, Doutor. Conversaremos depois. O paciente que chegou anteontem pulou o muro, e preciso ir atrás...

— O que você está fazendo, que ainda não foi? indaguei, não escondendo a indignação que, por vezes, me induzia a certos impulsos dos quais eu sempre me arrependia.

— Não, ele já foi localizado explicou-se o companheiro, que era de minha total confiança. — Preciso ir apenas para tentar convencê-lo a voltar...

Despedimo-nos e, antes que eu me visse tentado a acender outro cigarro, o telefone tilintou outra vez. Era D. Modesta:

— Inácio, bom-dia! Como passou a noite?

— Dormi tanto, que estou com a cabeça oca; não consigo escrever sequer uma linha para o artigo destinado a “A Flama”...

— O mesmo está me acontecendo disseme, preocupada. — Ando para um lado e outro da casa, e o serviço não rende! Creio que estamos debaixo de uma influência de obsessores... Precisamos ter cautela. Ouvi, de manhãzinha, a voz do Dr. Bezerra de Menezes me recomendando maior vigilância.

— A gente não acredita que também possa estar à mercê dos espíritos das trevas, não é?

— De quando em quando, eles se lembram de que existimos... Não fosse pelo amparo que recebemos dos nossos Benfeitores Espirituais, largaríamos tudo.

— Eu hoje estou num dia assim comentei. — A vontade que eu tenho é a de não ir ao Sanatório... O Manoel Roberto acabou de me telefonar, com queixas semelhantes.

— Vamos ficar firmes, Inácio, que isto vai passar; já passou de outras vezes, não é? Não desanime. À noite, você escreve o seu artigo. Fede sobre o problema da tentação. Os nossos estados d'alma são idênticos aos da maioria; as nossas carências são uma espécie de *espelho* em que as carências alheias se refletem... Abandone um pouco o seu estilo combativo e escreva consolando os que sofrem.

— Você está me dando uma excelente ideia, Modesta, respondi, verificando que os canais da inspiração vislumbravam diminuta luz.

— Preciso desligar, Inácio, pois a senhora que me ajuda em casa acaba de cair na cozinha! Estou escutando os gritos dela...

Consultei o relógio: passava das nove. Abri a gaveta da mesa e contei o dinheiro. Não pensem que era muito; graças a Deus, o meu testamento decepcionou os que julgavam que eu enriquecera às custas do Sanatório. Pelas minhas contas, estavam faltando algumas cédulas, justamente aquelas que correspondiam à consulta do enigmático paciente do dia anterior... Procurei-as entre os diversos papéis que guardava, no meio das páginas de alguns livros sobre a mesa e... nada! O dinheiro simplesmente sumira! Não entrara ladrão em casa e, à época, eu não era casado para que a patroa me surrupiasse, como acontece a quase toda mulher que se casa com um sovina.

Conformado com o inexplicável prejuízo, estava de saída, quando ouvi o ruído do portão que se abria. Sem esperar que acionassem a campainha, atendi à porta. Era um velho amigo, dirigente de uma das casas espíritas mais tradicionais de Uberaba.

— Doutor, o senhor tem um minuto?

— Eu estava de saída, mas tudo bem respondi, tentando conter a contrariedade nas palavras. — Vamos entrar. A que devo a honra de tão ilustre visita?

— Sei que o seu tempo é precioso e serei breve. Não consigo definir o que está acontecendo. Por duas semanas seguidas, o nosso trabalho mediúnico não rende. Os médiuns caem em transe, mas os espíritos não dizem nada...

— O Mundo Espiritual está fazendo greve de silêncio observei, enquanto enrolava um cigarro de palha, numa inútil tentativa de ganhar tempo para fumar menos.

— Como?!...

— Parece que os mortos não estão querendo mais nada conosco; cansaram-se de nos ouvir ou de nos dirigir apelos que não atendemos...

— Não é bem o que está acontecendo, Doutor falou o confrade, franzindo o cenho. — Eles, de fato, não dizem nada, mas ficam rindo da gente o tempo todo...

— Como?! foi a minha vez de revelar espanto.

— Sim, os desencarnados estão presentes, mas não falam; quando os médiuns retomam a consciência, confessam-se angustiados, descrentes...

— Terrível! exclamei.

— Estamos até pensando em suspender a reunião...

— Não façam isto! É o que *eles* pretendem...

— *Eles*, quem?

— Os integrantes dessa falange... Estamos passando pelo mesmo problema no Sanatório.

— Incrível, Doutor! Fica um ambiente ruim na casa, uma espécie de pressão psíquica...

— Estamos ponderei sendo *visitados*, em Uberaba, por uma legião de espíritos que pretendem interferir no avanço da Doutrina.

p uFoi o que me disse o Dr. Odilon Fernandes. Dias atrás, estive com ele na “Casa do Cinza” e ele me explicou que os médiuns por lá andam sofrendo muito.

— O assédio está sendo grande em toda parte, mas não podemos nos entregar.

— Quer dizer que o senhor não nos recomenda uma pausa?

— Por causa dos espíritos, não. A menos que esteja ocorrendo algum tipo de indisciplina na reunião, o que não me parece ser o caso.

— Graças a Deus, não. Somos um grupo pequeno, mas unido.

— Então, perseverem. Redobrem as orações e aumentem a sua cota de trabalho na casa. Quando sopra o tornado, árvore que tem raiz não cai.

O irmão Moysés Sallum do Centro “Bezerra de Menezes”, se despediu e, finalmente, eu fui para a agência bancária, que não estava muitos metros de casa.

Cheguei ao Sanatório além das 10 da manhã, e Manoel Roberto já conseguira convencer o paciente que saltara o muro a retornar. Como de praxe, havia sido comunicado à família, e os pais do rapaz com psicose maníaco-depressiva, salvo melhor diagnóstico, estavam me aguardando.

— Dr. Inácio, isso não pode voltar a acontecer disseram-me, assim que me viram.

— Bom-dia! cumprimentei-os, fazendo questão de ensinar-lhes boas maneiras. —

O que é que não pode voltar a acontecer? perguntei em seguida.

BBgO nosso filho fugir... Confiamos no hospital do senhor e...

gggàEm primeiro lugar, o hospital não é meu retruquei, sem deixá-los concluir, -r-; O filho é de vocês. Se quiserem levá-lo...

— Não, não se trata disto apressaram-se em falar. — Por vezes, em casa, ele fica extremamente agressivo; da última vez, não deixou ficar um móvel inteiro... Depois, é aquele estado de apatia, seguido de muitas convulsões. Como iríamos contê-lo? O senhor sabe que dinheiro não é problema...

## 4º Capítulo Ouvidos de Deus

— Se dinheiro não é problema para vocês, que devem ter muito, não o é muito menos para nós, que não temos nada retruquei, agastado.

— Não quisemos ofendê-lo, Doutor disseram quase em uníssono.

— Não quiseram, mas o fizeram interrompi, não consentindo que se explicassem. —

Tudo que possam ter e mais alguma coisa é insuficiente para devolver a saúde ao filho de vocês; às vezes, internamos os parentes, isolando-os de nossa convivência, mas os verdadeiros enfermos somos nós...

Percebendo que haviam silenciado, procurei abrandar o ímpeto:

— Está certo, os serviços invigilantes serão punidos pelo Sanatório. Não se concebe permitir a fuga de um paciente; houve, sim, falta de responsabilidade nossa, mas vocês carecem convir que isto aqui não é uma prisão. Pode até sofrer de injusticável fama, mas não é. Vocês querem levar o moço? indaguei, pronto para mandar buscá-lo no pavilhão.

— Não, Doutor redarguíram, cabisbaixos. — Não teríamos a quem recorrer. Já o levamos aos melhores especialistas em São Paulo e no Rio de Janeiro.

— Então, procurem colaborar... O menino está aqui há quase dois meses e vocês ainda não vieram visitá-lo uma única vez! É comum que os familiares esqueçam os seus enfermos aqui. Pais esquecem filhos e filhos esquecem pais. Temos quase uma dezena morando em definitivo conosco; não podemos colocá-los na rua ou pedir às autoridades que tomem providências... A polícia, todos os dias, deixa indigentes à nossa porta. A sociedade nos critica (Uberaba é uma cidade tradicionalmente católica), mas, quando não tem recursos, o hospital de loucos dos espíritas ou dos espíritas loucos serve... É uma hipocrisia sem tamanho!

— O senhor tem razão responderam com timidez.

— Não, não tenho. O Espiritismo me ensina a aguentar calado todo e qualquer tipo de provocação. Só que, infelizmente, não é do meu feitio suportar humilhações. Ainda estou mais para Moisés que para Jesus Cristo. O que é uma pena, para mim... Sei que mais cedo ou mais tarde terei que me abrandar. Mas não tenho pressa de Céu...

O casal se despediu e, mal havia entrado no carro estacionado lá fora, terminei de entrar no hospital aos berros, assustando os próprios gatos que me esperavam para o

almoço:

— Quem é o infeliz escalado para o turno da noite e que deve ter dormido?...

Conhecendo-me a têmpera, Manoel Roberto me seguia, alguns passos atrás, na expectativa de que aquela crise uma das muitas que me acometiam semanalmente passasse.

— Vamos, quem é o macho que vai se denunciar?... Quero esfolá-lo vivo! Aqui ninguém é pago para cochilar no serviço. Se não aparecer o culpado, vou escolher qualquer um e demiti-lo.

Depois de uns quinze minutos, quando a fervura íntima começava a se acalmar, caminhou na minha direção um pobre coitado que eu empregara para tirá-lo do alcoolismo.

— Foi você, não foi? gritei com o dedo em riste, entre uma e outra baforada de cigarro. — Você é um ingrato! Deve estar querendo voltar para a sarjeta... Você sabe que a minha cabeça vive a prêmio na cidade; se alguma coisa de pior tivesse acontecido ao rapaz, eu estaria perdido... Não passam de um bando de incompetentes. Vocês deveriam estar tomando conta de um bordel, não de um hospital. A qualquer hora, tranco vocês e solto os loucos! Garanto que eles serão mais responsáveis...

— Doutor... tentou argumentar o serviçal, que, a rigor, sequer sabia assinar o nome.

— Você está despedido! Passe no escritório para acertar as contas... E vou avisando disse, olhando para Manoel Roberto que, desta vez, não volto atrás; se alguém interceder por você, o mando embora também!... O Sanatório precisa de gente mais bem preparada; vocês não servem para varredores de rua. Onde é que estou com a cabeça, que dou emprego a vocês?!...

Após ter vomitado impropérios à vontade, dirigi-me à cozinha, pois, afinal, os meus gatos estavam com fome e não tinham culpa. Enquanto abria algumas latas de sardinhas baratas e misturava com o que havia sobrado do jantar da fatídica noite da fuga empreendida pelo rapaz, Manoel Roberto me rodeava, sem ousar me dirigir a palavra.

A verdade é que, em contato com os meus bichanos, eu sempre me acalmava. Quando notou que o momento era propício, o Enfermeiro-Chefe ponderou:

— Doutor, o Silva é pai de família...

— Eu sei respondi, sem tirar os olhos dos três novos filhotes de uma gata angorá linda. — A única coisa que ele sabe fazer com perfeição são filhos...

— São os gatinhos dele, Doutor!...

Fuzilei Manoel Roberto com um olhar enviesado, sabendo perfeitamente aonde é que ele queria chegar.

— Afinal, quem manda nesta espelunca?...

— O senhor, Doutor...

— Quem é que dita as normas aqui? questionei, aproveitando para um recado indireto às cozinheiras, que viviam, nos bastidores, reclamando da minha criação de gatos.

— O senhor, Doutor...

— Se acontecer alguma coisa de grave aqui, quem é que vai para a cadeia?

— O senhor, Doutor!...

Não aguentei. A espontaneidade das respostas do devotado companheiro me fizeram cair na risada.

Vocês não prestam! Vocês conspiram contra mim o dia inteiro...

— Reconsidere, Doutor, a demissão do Silva! Ele é muito prestativo, tem carinho com os doentes... A mulher está esperando o quinto filho e o menorzinho teve paralisia infantil.

— Então, pelo menos uma suspensão: uma semana de gancho sem remuneração e, se

reincidir, rua amenizei, perdendo o primeiro *round*.

— Não dá, Doutor defendeu o meu “advogado do diabo”. %— O substituto do Silva está em férias e não temos ninguém para a noite; ele cochilou porque está cobrindo férias há quinze dias. Além do mais, tenho receio...

— Receio de quê?

— De que ele volte a beber...

Eu estava prestes a perder o segundo e definitivo *round* da luta que eu sempre soube que perderia.

— Então, você vai assumir a responsabilidade...

— Assumo, Doutor respondeu Manoel, dando-me o golpe de misericórdia. — Com o senhor e pelo senhor, assumo qualquer coisa.

— Mas, você avise o safado do Silva para ele deixar de incomodar a pobre da mulher durante o dia e dormir. Seis anos de casados, cinco filhos! Uma explosão demográfica sem precedentes e tudo para o Sanatório custear, não é?

O episódio estava mais ou menos encerrado, quando uma funcionária do escritório veio me avisar:

— Uma moça está chamando o senhor para uma consulta particular.

— Particular, só na minha casa. Eu já me cansei de explicar a vocês.

— Ela insistiu, está chorando...

— E isto aqui é o “muro das lamentações” um chora daqui, outro chora de lá... Eu é que sou obrigado a viver com os olhos secos, consolando todo o mundo.

— Vai-se ver, Doutor, que na outra encarnação... Í| intrometeu-se uma morena redonda, das melhores cozinheiras que já passaram pelo Sanatório.

— Cuide de suas panelas... Como é que pode ir adiante um hospital de loucos em que até a cozinheira dá palpites? Que outra encarnação, que nada!... É a primeira vez que estou vivendo no meio desta corja primeira e última, se Deus quiser.

A morena sorriu e caminhou requebrando com a sua pesada traseira, não dando a mínima para o que eu havia falado.

Terminei de alimentar os gatos e fui ver a moça.

— Doutor, o senhor me desculpe dirigiu-se a mim com grande aflição. — A funcionária me explicou que o senhor só atende *particular* no seu consultório da Avenida Fidélis Reis, mas não estou suportando...

— O que está havendo? perguntei, convidando-a para uma saleta reservada onde pudéssemos conversar.

— Eu não estou conseguindo dormir direito; toda a noite, Doutor, o mesmo pesadelo me assalta... Acordo assustada, repetidas vezes.

— Há quanto tempo o caso vem acontecendo?

— Vários meses, mas, nas últimas semanas, tem se agravado... Vejo uma sombra que se apossa de mim; tenho a impressão de se tratar de um homem...

— Você é solteira ou casada?

— Solteira, Doutor. Pui noiva por quase três anos, mas, infelizmente, o meu noivo morreu num acidente. Estávamos de casamento marcado. Não consigo mais me interessar por ninguém.

— Qual é a sua ocupação profissional?

— Sou bancária. A minha família mora perto de Belo Horizonte. A minha avó paterna era espírita, mas a minha mãe me criou na Igreja... Não entendo nada de Espiritismo.

— Além da *sombra* que se aproxima, o que mais acontece?

— É Tenho vergonha de dizer, Doutor.

Não se acanhe; você tem idade para ser minha filha... Eu não sou Deus, mas aqui os meus ouvidos são como se fossem os ouvidos Dele.

## 5º Capítulo Pesadelo e Obsessão

— O meu noivo mantém relações sexuais comigo durante o sono, Doutor! disse a jovem lacrimejando.

— Isto é possível e não tem nada de tão absurdo assim expliquei, tentando tranquilizá-la.

— Como?! O senhor acha normal manter contato sexual com um morto quase todas as noites? questionou, indignada, no diálogo que prosseguiu.

— Não quis dizer isto, filha; não ponha palavras na minha boca... Você não está fazendo nada de ilícito. O fenômeno que acontece com você acontece com muita gente. Eu mesmo já tive vários sonhos eróticos...

— O senhor?!...

— Qual é o problema? Não somos seres assexuados. Freud dizia que toda ventura ou desventura estava relacionada com o desejo: quando o consumamos, somos felizes, quando não nos frustramos...

— Mas é algo que me perturba, me deixa extenuada!

— Concordo; o espírito de seu ex-noivo ainda permanece dependente de você... É uma patologia obsessiva, um processo de vampirização psíquica. Você experimenta alguma sensação de prazer? perguntei com a discrição possível.

— Sinto; é como se acontecesse entre nós uma conjunção carnal... Fico com isso na cabeça o dia inteiro e é como se ele exigisse que eu me guardasse só para ele. Se olho para um outro homem, é como se eu o estivesse traindo...

— Nos conventos e seminários, os religiosos de vida celibatária, muitos deles sofrem o assédio de entidades que chegam a levá-los ao orgasmo; são os chamados espíritos íncubos e súcubos, ou seja, entidades que, no ato sexual, agem de forma ativa ou passiva... Os religiosos aos quais me refiro se aplicam cilícios e se submetem a rudes disciplinas físicas com o propósito de fugir à tentação...

— É verdade, Doutor?

— Não sou eu que estou dizendo: a literatura médica se repleta de citações neste sentido... O sexo não está no corpo, está na alma o corpo não passa de mero instrumento. Se todo o excesso traz consequências, a carência afetiva desencadeia problemas na área.

— Existe remédio para isto? Como é que eu poderia lidar com a situação?

muM Qualquer medicamento atuaria apenas em nível de reminiscência. Você poderia não mais se lembrar, mas continuaria a contactar sexualmente com o seu ex-noivo. Precisamos encontrar um outro caminho.

— Tenho ido à missa com frequência; rezo todas as noites...

— Você reza, mas não ora...

— Qual a diferença?

— Rezar é como se fosse soletrar uma cartilha, ao passo que orar é revestir a prece de sentimento; quem reza repete de memória, quem ora conversa espontaneamente com Deus... A reza é uma fórmula exterior; a oração é uma introspecção.

— Orar será suficiente?

~ Será o começo de uma mudança mental; a tomada de consciência do problema existente é o início de sua solução... Você precisa renovar os pensamentos; caso contrário, a situação tende a se agravar. A obsessão pode levar à subjugação completa, ocasionando danos ao cérebro.

— O senhor me assusta!...

— É meu dever alertá-la, porquanto, não raro, muitos de nós nos comprazemos sob o jugo das entidades que nos vampirizam...

— Não é o meu caso, Doutor.

— Talvez sim, talvez não. Ainda não temos domínio sobre o inconsciente; somos dominados por ele... As nossas experiências pregressas incidem sobre o presente; agimos comandados por nós mesmos... Os espíritos obsessores se prevalecem de nossa vontade. A rigor, não existe processo obsessivo não consentido. A nossa invigilância nos escancara portas e janelas na alma. A obsessão é um convite formulado e aceito...

— O senhor está querendo dizer que eu sou culpada?

— Não totalmente, mas, se você não oferecer sintonia...

Noto que a *sombra* que se aproxima de mim, durante a noite, como que me constrange...

— Tomaremos providências neste sentido. Quem sabe, poderemos conversar com ele... Aliás, creio que o espírito de seu ex-noivo esteja aqui nos ouvindo; posso senti-lo presente...

— O senhor também é médium?

— Não, na acepção da palavra; eu tenho o couro meio grosso para essas coisas; no entanto, posso dizer que o seu ex-noivo, neste momento, está registrando toda a nossa conversa e, certamente, contrariado...

— Por quê?

— Porque o espírito pouco esclarecido se acomoda dentro de certas situações; *morrer* não é tão simples quanto se imagina; deixar o corpo não é nada difícil é deixar o que nos prende à Terra... Quem não se prepara para a Outra Vida não encontra o caminho com facilidade; é como alguém que, de repente, se visse no meio do deserto sem saber onde é que fica o oásis.

— O senhor fala com uma convicção

— Falo com a lógica, minha filha. A Vida depois da morte há de ser assim, ou então, confesso, eu não entenderia Deus.

“ — Fui habituada à ideia de Céu e Inferno...

— Desculpe-me, ideias arcaicas que a Igreja tem sustentado em vão; o avanço da Ciência não mais nos permite crer no que não seja fruto do nosso próprio esforço. Deus não está sentado num trono, condenando de maneira irrevogável parte de sua própria Criação... Sendo Onisciente, atributo sem o qual não seria Todo-Poderoso, por que Ele haveria de criar seres destinados ao fracasso evolutivo e, o que é pior, conhecendo-lhes de antemão o destino?

— Sinto que ainda não estou preparada para conceber a Vida além da morte de maneira diversa daquela em que fui educada; estudei em colégio católico...

— Você deve procurar ler e refletir por si mesma. Somos espíritos parados no tempo. A cabeça do homem está cada vez mais repleta de indagações sem respostas. A fé cega não se sustentará. No Espiritismo, temos uma doutrina de tríplice aspecto: científico, filosófico e religioso...

— Admiro a caridade praticada pelos espíritas...

— A verdade que não nos melhorasse, além de nos esclarecer, ficaria a dever a si mesma, você não acha?

Ante o silêncio reticencioso da moça, levanteime, fui a uma estante próxima e retirei de lá um exemplar de “O Livro dos Espíritos”, presenteando-a.

— Desculpe-me não autografá-lo para você expliquei; o meu autógrafo no livro poderia comprometê-la... Assim, você poderá dizer que o encontrou esquecido em algum lugar. O preconceito religioso é sintoma de uma sociedade primitivista.

— Quer dizer, Doutor, que eu vou melhorar? voltou a insistir a paciente no assunto que a fizera me procurar.

— Não se preocupe respondi. — Falaremos depois. O essencial é que você, por si mesma, comece a lidar com o problema, sem permitir que ele a angustie tanto.

— O meu ex-noivo é um espírito obsessivo?

— Todos o somos. Os nossos pensamentos se projetam na direção dos outros, ininterruptamente. Vivemos, por assim dizer, interagindo tanto do ponto de vista intelectual quanto psicológico. Influenciamos e somos influenciados. A questão é aprender a separar o joio do trigo... Giramos na órbita dos nossos anseios e aspirações. Ninguém nada faz sem alguma intenção.

— Posso telefonar para o senhor?

— Perfeitamente.

— Não quero que aqui me vejam entrando e saindo com tanta frequência; se me questionarem a respeito, direi que vim saber notícias de um parente internado...

— Nicodemos fez o mesmo... brinquei.

— Quem?...

— Nicodemos, o doutor da lei, que procurou Jesus às escondidas, oculto pela escuridão da noite, para interrogá-lo a respeito da Reencarnação...

A jovem corou e me estendeu a mão em despedida.

— Foi bom conversar com o senhor falou, abrindo a bolsa e tirando uns óculos escuros com que cobriu parcialmente o rosto! Estou me sentindo mais calma.

Deixei-a caminhar sozinha até o *hall* de entrada e acenei, discretamente, enquanto ela descia a escadaria, ganhando a rua.

— Onde é que está o dinheiro da consulta? perguntei à atendente, adivinhando-lhe a resposta:

— Ela não acertou com o senhor?

— Claro que não.

— Eu pensei...

— Não pensou nada! Vocês aqui não pensam nada...

— Mas o senhor não liga...

— Não ligo, no entanto vocês querem receber no final do mês... Certamente, o dinheiro vai cair do Céu; é dinheiro que some lá em casa e dinheiro que aqui nem chega a aparecer. Isto aqui está igual à casa da Mãe Joana...

— Quem é Mãe Joana? indagou, ingênua, a funcionária.

— Sou eu respondi, enquanto, ao invés de acender um cigarro, cheirava um rapé que me fazia espirrar até a alma. — A Mãe Joana sou eu; noutra encarnação, eu botei uma filharada no mundo e agora tenho que aguentar vocês nas minhas tetas...

Salvo pelo rapé que o avô de um paciente me trouxera de Goiás, comecei a espirrar e não pude dizer mais nenhum improperio. E, com aquela sessão de espirros que me fez molhar um lenço, terminei o meu expediente daquela manhã no Sanatório.

## 6º Capítulo Visita a um amigo

Após o almoço, assim que cheguei ao Sanatório, recebi o recado:

— Dr. Inácio, a família do Sinfrônio telefonou. Ele está nas últimas e pediu que o senhor fosse vê-lo... Está internado no Hospital S. J. e os médicos já disseram que não há nada mais para ser feito; o tumor apresenta metástases no fígado e nos pulmões.

Sinfrônio era um velho conhecido com quem, de quando em quando, costumava conversar, sem nunca ter conseguido convencê-lo do Espiritismo.

— Morreu, acabou, Doutor costumava dizerme em nossos encontros quase mensais no Mercado Municipal. Sou católico, respeito os espíritas, mas não acredito na Outra Vida...

— Que incoerência, Sinfrônio! eu respondia. — A Igreja tem os seus erros, mas, pelo

menos, prega a imortalidade...

— Tudo interesse, Doutor! É a indústria da fé... No fundo, os padres e os médiuns agem movidos por interesses que se identificam. Nunca ninguém voltou da morte para mostrar o seu rosto... Eu não creio nas aparições são mentes em estado de sobreexcitação.

— Não é bem assim tentava argumentar; você não pode duvidar de todo o mundo. De fato, os charlatões existem, mas as pessoas confiáveis não são escassas quanto você imagina... **O** Cristo ressuscitou!...

— Nós não estávamos lá para saber, Doutor. Os Evangelhos foram escritos por homens sábios... Ao que estou informado, nem a história dos judeus comprova a existência do Cristo; as controvérsias são muitas... Se Ele fez tudo que dizem ter feito, como é que poderia passar ignorado pelos historiadores de seu povo?

— As profecias falaram a respeito da vinda de um Messias...

— ...que até hoje estão esperando!

E juntava:

— A religião católica foi uma invenção do Ocidente e o Espiritismo é uma reedição das filosofias orientais. Allan Kardec era muito inteligente. Professor malsucedido na França, concebeu uma doutrina que, economicamente, lhe garantisse uma velhice mais tranquila...

— Kardec morreu pobre, Sinfrônio.

Não teve tempo de colher o que plantou; outros estão colhendo por ele agora...

Os nossos diálogos eram sempre assim. Para todo argumento meu, Sinfrônio tinha uma resposta na ponta da língua. Apesar dos pesares, éramos amigos e nunca chegávamos a discussões mais acaloradas, principalmente pelo que ele me dizia:

— O Espiritismo, se fosse verdade, seria a religião ideal para a Humanidade. Só não deixo de ser católico e passo a ser espírita, porque seria trocar nada por coisa alguma...

Você é ateu, Sinfrônio...

— Não completamente, Doutor. Acredito no Criador... As coisas que vemos não podem ser obra do acaso. Eu não creio é no Deus das religiões. Para mim, Deus é o Universo, com o conjunto das Leis que o regem. O que morre se transforma noutra ser vivente. É assim que aceito a imortalidade...

Agora, no entanto, o amigo estava prestes ao confronto inevitável; finalmente, as suas dúvidas haveriam de ser sanadas... Com quase **70** de idade, o câncer o inclinava para o túmulo Ba grande incógnita de sua vida. Eu não poderia deixar de atendê-lo. Tomei algumas providências no Sanatório, entrei no meu Simca Chambord e rumei para o hospital localizado próximo à Catedral Metropolitana.

Estacionei o carro e comeci a subir a escadaria, ante os olhares curiosos de outros colegas médicos que sempre me viam com reservas. Até, na indumentária eu contrastava com eles: em quanto se trajavam impecavelmente de branco, *W* eu me vestia com um surrado jaleco branco e uma calça de qualquer outra tonalidade...

Como o referido nosocômio era de orientação religiosa católica, a minha presença naquela tarde, deve ter causado um verdadeiro rebuliço. No entanto, em alguns olhares que cruzaram com os meus, no corredor, pude descobrir certos traços de admiração e respeito, não evidentemente pela minha pessoa, mas pelo que eu representava.

Antes que adentrasse o quarto em que Sinfrônio agonizava, uma enfermeira, gentilmente, me abordou:

— Doutor, a direção da Casa...

— Já sei interrompi, tentando evitar-lhe maiores constrangimentos. — Diga-lhes que estou aqui apenas com o propósito de visitar um amigo.

E, desabusado, acrescentei, ironicamente:

— Por enquanto, não é minha intenção fazer nenhum *despacho*...

Um tanto sem jeito, a enfermeira se retirou e, após leve batida na porta, girei a maçaneta e me deparei com Sinfrônio, desfigurado, respirando com grande dificuldade. Um sobrinho que lhe fazia companhia no quarto se retirou e eu me sentei numa cadeira próxima ao leito do amigo dispneico.

Ao me ver à cabeceira da cama, o doente me estendeu a destra, que segurei e voltei a segurar, durante o tempo todo em que permaneci ao seu lado.

— Não fale. Poupe as energias ponderei.

Esforçando-se para concentrar as suas derradeiras reservas de força na palavra, o amigo balbuciou:

— Obrigado por ter vindo. Sei que eu talvez não passe desta noite... Respirar está cada vez mais difícil para mim... Antes de você chegar, eu estava no balão de oxigênio... Queria vê-lo... Tenho algo importante para lhe dizer...

— Acalme-se repliquei, ajeitando algumas almofadas que lhe escoravam o corpo debilitado e enxugando-lhe, com uma toalha, o suor gélido da fronte.

— Estou calmo... Não tenho medo da morte. O problema é que eu acho que você estava com a razão: eu vou viver, ou melhor, eu vou continuar vivendo...

— Se não é fruto da minha imaginação, creio que vi o espírito de minha mãe ao meu lado... Eu estava algo sonolento nesta manhã e percebi o vulto luminoso dela... Não pode ser delírio, pois eu a vi muito mais jovem... Se for verdade, meu amigo, perdi um tempo precioso na existência... Arrependo-me agora de minha auto-suficiência...

— A condição humana, Sinfrônio disse, procurando aliviar-lhe a consciência -, nos impõe muitas limitações. O essencial não é a fé, mas as obras da fé; você é um homem bom...

— Não, você se engana... Apenas não fiz o mal; a minha descrença não me motivava à prática da caridade...

E insistiu:

;v -7 Como vocês, os espíritas, dizem, perdi a encarnação...

— Temos a eternidade à nossa disposição...

— Mas de que me valeram os meus 69 de idade, Doutor? Sinto que, em termos de espiritualidade, não avancei um passo sequer...

Notando que o seu ritmo cardíaco se acentuava, chamei o sobrinho, que se postara do lado de fora do quarto, e verifiquei que a minha presença por mais tempo não seria benéfica para Sinfrônio.

— Não, não se vá ainda pediu-me ele. — Antes que você se retirasse, gostaria de fazer um pedido, tendo o meu sobrinho por testemunha.

— Pode falar, amigo.

— Eu não gostaria de receber a extremaunção... Seria hipocrisia minha. Há mais de 30 anos que eu não ponho os pés numa igreja... Não estou, à última hora, me convertendo ao Espiritismo, mas...

— Eles dirão que isto é artimanha minha, Sinfrônio aleguei. — Não há nada de mal em se tomar uma hóstia...

— A questão não é a hóstia em si... Não estou em condições de desrespeitar ninguém. O problema é que não quero *morrer* com mais um drama na consciência. Pelo menos na hora da minha morte, eu quero ser coerente. Por favor, digam que eu sou espírita...

Olhei para o sobrinho do amigo moribundo, que, infelizmente, me pareceu alheio àquilo tudo, sem dar a devida importância ao fato; tive a impressão de que apenas lhe interessaria a pequena herança do tio, que não possuía herdeiros diretos.

— Tranquelize-se, Sinfrônio. Verei o que pode ser feito.

Ele cerrou os olhos e, esboçando tímido sorriso, entrou definitivamente em coma.

Embora não tão habituado à oração, mentalmente roguei a intercessão dos nossos Maiores em favor do seu espírito, preste a desapegar-se do envoltório físico.

Quando estava de saída, porém, tive a grata surpresa de me encontrar com o Padre Sebastião Bernardes Carmelita, o único dos padres que tinha liberdade para frequentar a minha casa quando bem quisesse.

— Padre Sebastião!... exclamei, aliviado, ao vê-lo.

— Dr. Inácio!... respondeu-me. — Eu bem que estava estranhando este silêncio diferente hoje...

— Estou visitando um amigo, o Sinfrônio.

— Conheço-o também de longa data.

— Ele me fez um último pedido, Padre...

— Não precisa dizer; eu sei... Cuidarei de tudo.

O referido sacerdote era um dos médiuns mais seguros que eu conhecia; além da faculdade de cura (vivia visitando os doentes nos hospitais), possuía a clarividência e a clariaudiência... Portanto poupei-me de perguntar a ele como é que poderia estar a par do assunto, sem que sequer eu abrisse a boca para mencioná-lo.

— Não tenho o hábito de carregar hóstias comigo, Doutor... falou, enquanto caminhava pelo corredor.

Sinfrônio, de fato, desencarnara de madrugada. Infelizmente, premido por muitos afazeres, não pude comparecer ao seu sepultamento. Sentiria falta de suas contestações, que me obrigavam a verdadeiros malabarismos intelectuais para não permitir que as suas cépticas argumentações me dobrassem ou sequer me influenciassem.

## 7º Capítulo Dois Senhores

No outro dia, chegando ao Sanatório, me deparei com uma coleção de notas a serem pagas; estavam todas sobre a minha mesa, e aquele mês havia sido especialmente dispendioso: conta do armazém, conta da farmácia, conta do açougue... De um lado, o prontuário dos pacientes me esperando e, de outro, as notas a serem quitadas.

Olhei para um exemplar de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, que sempre deixava a um canto da mesa, e concluí que, de fato, Jesus tinha razão: era extremamente difícil servir a dois senhores, a Deus e a Mamom. E, depois, além das despesas próprias, o Sanatório arcava com parte da manutenção do Lar Espírita e do Centro Espírita Uberabense. As doações escasseavam, os internos gratuitos eram muitos e a arrecadação havia caído.

Como sempre, eu teria que me *virar*, lançando mão de um fundo de reserva pessoal, para que não ficássemos na insolvência. Repleto de projetos doutrinários na cabeça, sentia-me constrangido a pegar na caneta para tentar colocar em dia a contabilidade. Decididamente, não era fácil conciliar as coisas. Ainda bem pensava -que, na acepção da palavra, eu não era médium e, de certa forma, me considerava desobrigado de uma sintonia contínua com o Além.

Com o pensamento nos números, comecei a percorrer os pavilhões, mais pelo hábito de percorrê-los do que propriamente em condições de atender algum paciente.

— Dr. Inácio chamou-me uma senhora que estava conosco havia mais de seis meses -, eu não sei se vou ficar boa; tudo para mim é muito triste... Sou de família rica e não tenho nada, porque não tenho saúde. Conviver com esta gente aqui... Não se trata de orgulho, mas eu não sou louca como a maioria; apenas não sei a origem da estranha inclinação que me leva a tentar o suicídio... Já cortei os pulsos por diversas vezes, joguei-me nas águas traiçoeiras de um rio. Não quero a vida, e a morte não me quer. Que triste sina a

minha! Eu daria tudo para ter pelo menos uma noite de paz. Quando melhorarei, Doutor? Será que existe solução para o meu caso?

Andei um pouco mais e uma jovem de formosos traços veio ao meu encontro, catatônica:

— Doutor, Doutor disse-me, caminhando sob o efeito de pesados medicamentos —, a minha família virá me buscar hoje? Quero ver o meu filho... Dizem que eu o abortei, mas não é verdade. É mentira! Tenho inimigos aqui dentro que tramam contra mim. Eu quero o meu homem: não sou lésbica; por favor, troque-me de quarto, que não aguento mais dormir ao lado daquela mulher fedida... O senhor precisa saber o que acontece aqui durante a noite: homens nus invadem o meu quarto e fazem sexo comigo... Eu não consigo reagir; eles me hipnotizam... Um deles vem de batina e tudo para mim, trata-se de um sacerdote por quem me apaixonei na adolescência; ele apareceu morto... É tudo mentira; tomaram-no de mim...

Adiante, abrindo caminho entre as internas que me interceptavam, cheguei à presença de uma mulher que, outrora, vivera, em Uberaba, na zona do meretrício. Vítima do mal de Parkinson, falou-me com extrema dificuldade:

— Doutor, eu queria agradecer. Perto do Inferno em que estive durante muitos anos, isto aqui é o Céu...

Rejeitada pela família, Teresa não tinha para onde ir. A rigor, não se tratava de uma paciente psiquiátrica, mas... o que fazer? O Sanatório era também um albergue das almas que haviam desiludido a si mesmas. De certa maneira, Teresa era o meu refrigerio; quando a cabeça fervia, eu puxava uma cadeira e me deixava ficar ao seu lado, exercitando-me, por longos minutos, em escutar *a voz do silêncio*.

O mundo lá fora o mundo das contas a serem pagas era completamente outro. Impressionante a riqueza espiritual dos meus pacientes terras inóspitas a serem colonizadas por Jesus Cristo! O mundo inteiro, com todo o seu ouro, não valia um só daqueles internos misérrimos, de razão eclipsada. Infelizmente, a Medicina, no campo da Psiquiatria, estava tomando um rumo equivocado mais remédios e menos observação; os especialistas se insensibilizavam, perdendo a prodigiosa oportunidade de se encontrarem com Deus, auscultando a loucura dos homens...

Da ala feminina, passei ao pavilhão masculino.

— Doutor abordou-me um homem contando mais de quarenta de idade -, eu já matei três... Estou ouvindo dizer que o espírito sobrevive à morte do corpo e, se assim é, não concluí ainda a minha vingança. Aqueles três safados me lesaram; o ódio me enlouquece... Não me roubaram apenas a fazenda: inocularam veneno na minha alma... Quero também morrer para reencontrá-los; esganarei um a um com as próprias mãos... Desenterrei os seus ossos e os mastigava! Por este motivo, Doutor, me trouxeram para cá... Dei emprego àqueles três e eles me tomaram tudo. Enveneneios, esfaqueei-os!...

De fato, aquele senhor, transferido pela influência de um político, seu amigo, de uma penitenciária para o Sanatório, segundo diziam, havia matado três pessoas em sua cidade. Tendo sido preso, quando escapou, depois de alguns meses de reclusão, foi para o cemitério e os desenterrou, passando a morder os ossos de seus cadáveres!... Estava completamente alucinado.

— Doutor prosseguia -, eu os matei e quero matá-los de novo. Eles estão com a minha alma, Doutor!... Sou propriedade deles... Embebedaram-me certa noite e me fizeram assinar um documento, como se eu lhes tivesse vendido as terras que me tocaram por herança de meu pai. Deixe-me sair daqui!... Persegurei as sombras deles até os confins do Universo!

— Perdemos, amigo murmurei, antevendo o drama que, com certeza, se arrastaria por séculos.

— Gosto do senhor, mas não me fale em perdão! Depois de me roubarem e de me terem transformado num criminoso, eu é que ainda tenho de perdoar-lhes?! Quem é que deve a quem?

Um rapaz que passava o dia e a noite delirando aproximou-se de mim, com timidez de mim que nunca soube o que em mim os atraía de maneira tão obsessiva.

— Quero cigarro, Doutor! Cigarro de maconha... Se não fumar maconha, eu enlouqueço. Eu tenho um pé de maconha plantado no quintal da casa da minha avó.

Entre os seus dedos amarelados de tanto fumar mais amarelados do que os meus -, dois cigarros estavam acesos e, ao mesmo tempo, ele os levava à boca.

— Cigarro de nicotina não presta! Eu quero é fumar maconha pedia compulsivamente.

— Tenha paciência eu dizia. — Mandei plantar um pé de maconha aqui, mas ainda não cresceu; dentro de alguns dias, nós dois vamos ter maconha à vontade...

O rapaz sorria e se acalmava por instantes, imaginando ter encontrado em mim um parceiro ilustre para o vício. Mas, como todos os meus pacientes, ele tinha a sua história triste. A irmã mais velha, que o tomara sob a sua responsabilidade, explicou-me que, quando criança, ele e a mãe apanhavam juntos do pai, um homem violento, que, de tanto espancar a esposa na cabeça, lhe provocou a ruptura de um aneurisma seguido de óbito.

Aquele era o meu mundo o mundo das mentes enfermas no corpo e fora dele. Vez por outra, eu me punha a imaginar como haveria de ser o cenário espiritual por detrás de todos aqueles dramas. Sem a Reencarnação repito não dava para entender Deus. Aquelas almas mutiladas me induziam a constantes reflexões e, longe de me induzirem à descrença, me fortaleciam a convicção na Justiça Divina. Tudo se encadeava com uma lógica impressionante. Ante a matéria descartável, o espírito não interrompia a sua jornada ascensional.

Por que, numa ninhada de gatos, alguns nasciam sadios e outros não? Por que, das flores do jardim, algumas se abriam lindas ao Sol e outras despencavam em botão? Por que crianças lindas morriam em tenra idade e vidas aparentemente inúteis se prolongavam indefinidamente?

A Reencarnação é a mais sábia e a mais justa das Leis! Sem a tese das vidas sucessivas, a existência de um inseto careceria de significado.

Depois de ter feito a minha ronda médica, da qual lhes forneci simplesmente um resumo, voltei para o meu gabinete, que eu nunca soube definir se era um consultório ou um escritório. Chamei o auxiliar e ordenei:

— Pague ao açougue e ao armazém e peça para a farmácia esperar; não adianta remédio com barriga vazia...

— Doutor, mas já é o segundo mês com a farmácia e precisamos fazer um novo pedido argumentou o funcionário encarregado das compras.

— Se os doentes morrerem de fome, eles não terão mais para quem vender remédio. Isto aqui é uma mina para os farmacêuticos respondi, grosseiro, como só eu conseguia ser quando me fartava. Vamos dar mais água fluidificada para os doentes e menos medicamentos. Afinal, isto aqui é um hospital espírita ou é o quê? Temos feito a nossa parte blasfemei, espiando para ver se D. Modesta não estava por perto. Os espíritos terão que fazer a deles...

Quarta-feira havia chegado e, à noite, tínhamos a nossa sessão mediúnica. De quando em quando, o Dr. Bezerra de Menezes, com o intuito de amenizar as nossas lutas, concedia-nos a alegria de sua presença espiritual através da psicofonia de D. Modesta. Bons e inesquecíveis momentos de intercâmbio com a Espiritualidade! Confesso-lhes que é uma das poucas coisas das quais eu verdadeiramente sinto saudades na vida que deixei.

Naquela noite, em particular, o Dr. Bezerra, após preciosa alocução doutrinária,

dirigindo-se a mim, deu-me discreto puxão de orelhas que ninguém mais entendeu:

— Inácio, estamos aqui, fazendo a nossa parte. Não estamos omissos quanto aos nossos deveres junto aos irmãos de ideal. Apenas, em desencarnando, perdemos completamente a noção do valor do dinheiro...

## 8º Capítulo O Noivo Desencarnado

Na mesma sessão mediúnica a que me referi, anteriormente, manifestou-se o espírito do noivo da jovem bancária que me procurara. Eu havia comentado o caso com D. Modesta, mas não entrara em maiores detalhes.

Não sei como, aos poucos, tem se desprezado, nos nosocômios de orientação espírita, a desobsessão no tratamento de seus pacientes. Digo-lhes que os meus melhores êxitos no campo da Psiquiatria foram alcançados graças à Mediunidade. O tratamento unilateral dos enfermos da mente, ou seja, somente o convencional prescrito pela ciência médica, não surte o efeito desejado, porquanto, na base de todo desequilíbrio de ordem psíquica está a influência do passado.

No Sanatório, com o seguro concurso de D. Modesta, eu quase nada fazia, em relação aos internos mais graves, sem auscultar o Mundo Espiritual. Se, como médico, eu encontrava na médium o respaldo de que necessitava, devo esclarecer que, por outro lado, a mediunidade da dedicada obreira sempre contou com o meu apoio. Infelizmente hoje, a descrença parece ter se generalizado, e médicos e médiuns espíritas se rivalizam... O problema central de semelhante desavença é o dinheiro. À nossa época, minha e de D. Modesta, lutávamos pela sobrevivência, ou seja, para termos o pão de cada dia. Onde entra o excesso, a ambição se instala e logo se esquecem, com facilidade, os compromissos espirituais. O maior erro do homem, sem dúvida, é o de *encherse* de razão, quando, não raro, ele não possui nenhuma. Toda e qualquer reivindicação profissional, por mais justa, não deve estar acima do idealismo. O Irmão José, venerável Benfeitor que habitualmente dialogava conosco em nossas sessões, costumava nos dizer: “Tudo pelo Cristo e tudo pela Obra!”

Quando a colaboradora caiu em transe psicofônico, permaneci atento, rogando aos nossos Instrutores que não me faltassem com a inspiração da palavra e com o sentimento de amor de que o verbo carece se revestir, especialmente no trato com os desencarnados.

D. Modesta, lentamente, se transfigurava. Respiração ofegante, mostrava-se num quadro de contida agitação, revelando o controle que o seu psiquismo exercia sobre o espírito comunicante; sim, porquanto o bom médium é o primeiro doutrinador da entidade que se manifesta por intermédio de suas faculdades...

— Onde é que estou? Onde foi que me trouxeram? Desde que ela veio, eu não mais pude ir... Quem me prende nesta casa estranha? Eu não sou louco! falou o espírito do noivo desencarnado, no diálogo que se continuou:

Meu irmão, você está entre amigos esclareci. — Não se preocupe. Vamos conversar com calma.

— Com calma?... De que maneira ter calma, se ela parece estar me traindo com outro?! Não liga mais para mim, não me procura... Sou eu que, ultimamente, vivo insistindo em nossa relação. Percebo que ela me evita... Por que não me fala às claras?

— Estamos aqui para intermediar um entendimento entre vocês...

— Nunca precisamos de intermediários... Ela está jogando comigo. Quem é você? Eu não o conheço, não fomos apresentados... Como é que se atreve a abordar assim a vida particular das pessoas?

— Eu sou médico e a sua noiva me procurou...

— Médico?! Quem é que está doente? Eu é que não sou... Sofri um acidente besta, mas, graças a Deus, consegui sair ileso; aliás, tudo piorou entre nós dois a partir daquele acidente... Ela ficou mais traumatizada do que eu e mudou completamente o seu comportamento. Mas ela é minha e não abro mão; estávamos para nos casar e... convivíamos com certa intimidade. Sinto falta dela, do calor dela, do cheiro do corpo dela. Ninguém brinca assim com os sentimentos alheios!

Aqui, faço um parêntese na sùmula do diálogo que estabeleci com o espírito do rapaz, para ressaltar as dificuldades que o espírito enfrenta no Mais Além, quando, evidentemente, deixa o corpo, sem noção da realidade. A maioria perde a noção de espaço e de tempo situação dramática que pode se arrastar por longos meses ou vários anos, até que o espírito se dê conta do que lhe sucedeu. A conscientização da Vida Espiritual é um dos grandes benefícios que o Espiritismo vem prestar à Humanidade. Sem noção do que o aguarda depois da morte, o homem demanda as dimensões da Vida Mais Alta à semelhança de alguém que empreendesse viagem sem um roteiro de orientação. Graças aos esclarecimentos da Doutrina Espírita, já são muitos os que aportam Deste Outro Lado com os olhos semidescerrados para a Verdade.

— Você, meu irmão argumentei, retomando a conversa que entabulava com o jovem desencarnado -, talvez ainda não tenha avaliado melhor a sua real situação... O acidente ao qual se refere pode ter lhe afetado o raciocínio. Uma forte pancada na cabeça...

— Sim, recebi uma forte pancada na cabeça; o carro que eu dirigia bateu contra um poste... Creio que tive um rápido cochilo ao volante, pois dirigi quase a noite inteira. Devo ter sofrido um desmaio, mas recobrei logo os sentidos...

— E quando você despertou?

— Eu não estava mais lá; alguém deve ter me socorrido e, depois, vendo que nada de mais sério havia acontecido comigo, me largou... Não sei o que houve com o carro.

— Quantos dias faz hoje do acidente?

— Pelos meus cálculos, uns três meses...

— Em que ano e mês estamos? arrisquei perguntar.

— Creio que em **1958**, agosto de **1958**... Qual o motivo da indagação? Está querendo testar a minha memória?...

— Não, é que você está cometendo um equívoco. De fato, a pancada que você recebeu na cabeça teve consequências mais sérias. Eu sou médico e posso lhe afirmar isto.

— Equívoco?

— Sim, nós estamos no ano de **1961**, outubro de **1961**. Você poderá consultar um calendário...

— Impossível, tenho no pulso um relógio que marca dia, mês e ano... Você está tentando me ludibriar.

— Não, não estou. E os ponteiros do seu relógio também se movimentam? questioneei, intuitivamente. — Quantas horas são?

— Os ponteiros devem ter se danificado. Estão sempre marcando o mesmo horário: **22h 30**...

— No meu relógio de bolso são **21h 03**...

— Aonde é que você está querendo me levar? Daqui a pouco, virá com a conversa de que eu morri naquele acidente...

— Se tivesse morrido, você não estaria aqui conversando comigo.

— E não estaria mesmo, porque a morte é o nada...

— E se não for? insisti.

— Como?...

— Se a morte, para o espírito, for a verdadeira forma de existir? Já se atreveu a pensar nisto?

— Confesso que este é um pensamento que me tem visitado com insistência... No entanto eu o evito. A troco de que, mesmo sobrevivendo, eu morreria? Jovem, o futuro a realizar, a carreira, a família... O que, então, eu teria ido fazer na Terra? Um cochilo ao volante de um carro poderia mais que as Leis de Deus?

O tempo avançava na doutrinação e não convinha que eu me alongasse. O doutrinador não deve pretender que o espírito a quem esclarece se modifique ao encanto de suas palavras, quando ele mesmo requisita tempo mais dilatado para a sua mais plena vivência do Evangelho.

— São perguntas, meu irmão, cujas respostas você deverá encontrar por si mesmo. Apenas lhe digo o seguinte: reavalie a sua situação... A vida do homem não se restringe aos estreitos limites da condição material. Não estávamos no mundo, antes de vivermos sobre ele. Tudo tende a um regresso às suas origens. A árvore morre aos poucos, rente às suas próprias raízes, para, depois, ressurgir de si mesma... A fonte corre na direção do mar, que, ao evaporar-se, se precipita das alturas, realimentando a fonte...

— Se tudo que você está me dizendo for verdade...

— Tudo o quê?

— Que eu, estando vivo, estou... morto.

— Não, é o contrário: que você, estando supostamente morto, está vivo... O que é que tem? Falta-lhe algum pedaço? Algo do que você sempre foi, em seu íntimo, lhe foi tirado?

— O que me espera? Eu não sei viver outra vida diferente daquela... Eu me habituei a me olhar no espelho. Não tenho nenhum ponto de referência, a não ser ela a noiva, aquela com quem eu ia me casar.

— Meu irmão, inconscientemente, você começa a saber... Expressou-se bem quando disse: “a noiva, aquela com quem eu ia me casar”... Í

O rapaz silenciou e lágrimas rolaram pelas faces de D. Modesta.

— Vá com calma recomendei. — Somos filhos de Deus e, seja onde for que estivermos, não estaremos fora dos Planos dele. Coloque em ordem os seus pensamentos e tente olhar à sua volta...

— Até agora, eu não consegui enxergar ninguém...

— É porque você ainda não olhou além de si mesmo! Quem deseja enxergar o firmamento estrelado não deve procurar semelhante visão sobre a Terra. Torna-se-lhe imprescindível levantar a fronte!

— Estou me sentindo sonolento, Doutor; cansado, extremamente cansado...

— Adormeça sem receio. Amigos nossos cuidarão de você de maneira conveniente.

— Quem é o vulto luminoso que vejo, caminhando na minha direção? Estou de olhos fechados, no entanto eu o enxergo como se estivesse vindo ao meu encontro, emergindo das nuvens obscuras do meu pensamento...

Com voz que, gradativamente, foi emudecendo na garganta da médium, o espírito murmurou:

— Não, não é possível!... É a minha mãe, minha mãe!...

— Que Deus o abençoe, meu filho, em seus novos caminhos, doravante! consegui dizer, tendo a voz embargada, enquanto retirava do bolso do jaleco um lenço que ofereci a D. Modesta, para que igualmente enxugasse as lágrimas.

## 9º Capítulo Domingo de Chuva

Domingo de chuva torrencial sobre Uberaba. Impossibilitado de sair de casa, controlava as coisas no Sanatório por telefone e aproveitava para colocar a papelada em ordem coisa que, infelizmente, nunca consegui.

Passara o dia vasculhando gavetas e trabalhando na elaboração de um extenso poema “Onde Mora o Esquecimento?” que somente anos mais tarde eu publicaria em álbum ilustrado. Uma de minhas maiores frustrações confesso era a de não ter nascido poeta; pela Poesia, eu teria, inclusive, deixado a Medicina... Creio que justamente por este motivo escolhi como especialidade a Psiquiatria, um ramo da Medicina tão abstrato quanto o da inspiração poética.

A chuva, que não cessava de cair, fizera a noite chegar mais cedo e a minha solidão se evidenciar com mais nítidos contornos. Éramos somente eu, meus livros e meus gatos... Ao contrário do que se dizia a meu respeito, eu não gostava de ser sozinho; a minha vida, até então celibatária, não havia sido uma opção. O problema é que eu nunca encontrei a alma afim da minha vida, a parte que me completasse, principalmente na área do pensamento e na esfera do ideal. O sexo me era, sim, prazeroso, mas cansativo e sem objetivo. A polêmica intelectual sempre me foi muito mais excitante.

De insinuações, as mais diversas, a meu respeito, eu andava transbordando... A realidade dos meus pacientes, no Sanatório, não me permitia conceder à chamada maledicência mais que alguns poucos minutos; absorvido o golpe que, com frequência, me era desferido por ela, eu me refazia e prosseguia no cumprimento do dever. Se, conforme diz o ditado, a voz do povo é a voz de Deus, pelo menos a língua do povo pertence ao mítico Diabo...

Estava quase já me recolhendo, disposto a me levantar bem cedo no outro dia, quando escutei o portão ranger, entre o ribombar dos trovões e os coriscos que riscavam o céu a fogo.

— Quem será pensei debaixo desta chuvarada?..

A campanha souu e, descalço, em trajes que me deixavam à vontade dentro de casa, fui até à copa para espiar por entre as grades da janela, pois não fazia muito que haviam jogado um bilhete no meu jardim, ameaçando-me de morte. Artimanha, segundo deduzi, da turma comandada pelo Xandico para me aterrorizar em minhas polêmicas com a Igreja. Aquilo ainda mais me influenciava e a inspiração, à semelhança das lavas de um vulcão, era impulsionada em jorros combur entes.

Um homem que me custou reconhecer debaixo da capa molhada olhou-me de modo tão sinistro quanto o temporal que inundava o centro da cidade, e disse-me:

— Doutor, sou eu... Desculpe-me a hora inoportuna.

— Ah, é você! exclamei, reconhecendo nele o paciente cujo nome sequer eu havia perguntado quando estivera comigo, semanas atrás.

— Hoje é que pude vir e estou necessitado de falar com o senhor...

Voltando à biblioteca que utilizava à guisa de consultório, girei a chave na porta e, convidando a entrar, pedi a ele que não se importasse com a informalidade dos meus trajes.

Sem sequer se despir da capa-de-chuva e, ao menos, tirar o chapéu que lhe ensombrava parte do rosto, o estranho paciente entrou, deixando várias e diminutas poças d'água sobre os seus rastros, fazendo-me de imediato pensar que, à sua saída, eu ainda teria o trabalho de enxugálas.

— Estou muito angustiado disse-me, dando início àquela que era a nossa segunda entrevista. — Creio que o meu estado de espírito agravado é devido à chuva, que, sempre que cai, me deprime. Gosto da noite, mas não gosto da noite com chuva... Conversar com o senhor me faz bem; fico atento ao que não me diz...

— As palavras não expressam tudo que desejamos redargui e, mesmo quando se aproximam disso, a distância entre o que dizemos e o que sentimos é incomensurável... O espírito não está preso somente pelos laços que o unem ao corpo: os nossos cinco sentidos é que não nos atendem bem; são cinco acanhadas janelas que nos estreitam o horizonte...

— O senhor estima filosofar, não é?  
— Não, não estou filosofando. Antes de você chegar, eu estava tentando desenvolver um longo poema...  
— Quem não sofre não consegue ser poeta, Doutor.  
— Você é poeta? questioneei, tentando inverter os papéis, ou seja, sair do divã em que ele me colocava e ser o analista.  
— Já fiz os meus versos...  
— E qual o motivo de não mais fazê-los...  
— Fàlta de inspiração, ou melhor, descrença...  
— Muitos dos melhores poetas do nosso idioma eram cépticos. Antero de Quental, por exemplo... Raimundo Correia, Augusto dos Anjos...  
— Augusto dos Anjos era médico, não?...  
— Sim, embora, ao que me consta, nunca tenha exercido a profissão. Desencarnou moço ainda...  
— O senhor quer dizer *morreu*...  
— A morte é uma utopia respondi.  
— A morte do corpo sim, concordo, mas a do espírito não é uma utopia...  
‘ — Não estou entendendo... O espírito não morre.  
— Não desapareceu senhor quer dizer. Muitos estão sentenciados à eterna apatia...

Começava a entender agora que o rapaz, não ousando falar diretamente de si mesmo, se exprimia através de evasivas.

— Os elementos que constituem o corpo, evidentemente, não se desintegram; neste sentido, ninguém *mata* a Vida, a Eterna Maldição do Criador prosseguiu. — O que morre verdadeiramente é o espírito...

— Como assim?... indaguei. — Você considera a Vida uma Eterna Maldição?  
— Viver é sofrer. O homem vive na expectativa da dor...  
— Tudo depende do seu ângulo visual... A chuva que desaba lá fora não traz somente destruição: enche os rios, fecunda os campos, saneia a atmosfera...  
— Para quê? Qual o objetivo da vida humana?

Ascender espiritualmente, procurando uma definitiva integração com Deus...

— De onde, dizem, saímos...  
— Sim e para onde, dizem, vamos voltar...  
— Sair e voltar para o mesmo lugar de que se saiu?... Qual o tempo para isto?  
— Milhares de anos retruquei, sentindome intelectualmente pressionado.  
— Não parece ao senhor um contra-senso? Gastar milhares de anos a fim de voltar para onde se estava?...  
— Você está raciocinando como quem já possui acesso a toda a Verdade...  
— Raciocino com a verdade disponível...  
— A verdade atualmente disponível é uma caricatura rebati, na esperança de que argumentos não me faltassem.

Então, percebendo que o rapaz se colocara momentaneamente na defensiva, continuei:

— Existir sem consciência de que se existe seria o mesmo que não existir. Em nossa odisseia evolutiva, estamos adquirindo lucidez...  
— E o que virá depois?  
— Não sei. Você sabe?  
— Imagino...  
— Imaginar não é raciocinar com a Verdade...

- O senhor é ardiloso... acusou-me com enfado.
- Nem tanto. Sou apenas, digamos, um defensor da fé.
- O mundo sem fé seria o mundo real...
- Engano seu. O mundo sem fé não seria o caos?... O que, por exemplo, você faria se visse alguém, nesta noite, ser arrastado pela enxurrada, prestes a afogar-se?
- Não, não pense para responder... — insisti, antes que o meu paciente tivesse tempo para um novo sofisma. — Quero a sua primeira resposta. O que você faria modifiquei um pouco a pergunta, apelando para o emocional se um filho seu estivesse sendo levado, nesta noite, pela fúria das águas?
- O meu impulso seria o de salvá-lo, mas...
- Desconsidere o *mas*. Isto é Amor, e ninguém explica o Amor. Existe dentro de nós *algo* que transcende *algo*, com certeza, maior que o próprio Universo! Esse *algo*, por si só, justifica a Vida. O Amor compensa todo e qualquer sacrifício. Pergunte isto a um coração de mãe.
- Eu não conheço o sentimento ao qual o senhor está se referindo...
- Não conhecemos tantas pessoas que existem no mundo que, no entanto, apesar do nosso desconhecimento sobre elas, continuam existindo.
- O homem levantou-se da poltrona e, desta vez, sem sequer o dinheiro da consulta nem que fosse para desaparecer -, caminhou na direção da porta de saída.
- O senhor deve se sentir um deus, não é? — questionou com ironia, já tendo a porta entreaberta.
- Por quê? devolvi a ele o ponto de interrogação.
- As pessoas estão sempre vindo ao senhor...
- Aprendo mais com elas do que elas comigo. A nossa conversa, nesta noite de chuva, me ilustrou muito. Você me trouxe notícias de um mundo diferente... Talvez Deus tenha nos criado, meu filho, para enxergar o mundo com os nossos olhos.
- Então, Deus é cego?...
- Digamos apenas que Ele não tivesse espelho para se olhar...
- Eu não gosto de espelhos... disse, ganhando o alpendre e preparando-se para enfrentar o aguaceiro.
- A propósito, qual é o seu nome? indaguei, curioso.
- O meu nome não importa muito.
- Sei que nomes não passam de rótulos, mas tudo neste mundo tem um sinal de identificação... O meu é Inácio, e eu gostaria de saber o seu.
- Olhando-me, significativamente, com os seus olhos encovados e sombrios, declinou:
- Legião. O meu nome também é Legião!...

## 10° Capítulo No velório

A resposta do paciente que saíra de minha casa sob o medonho temporal que desabava, me provocara, confesso, um frio na espinha.

— “Legião. O meu nome também é Legião” dissera-me ele, sem sequer me dar tempo para qualquer alusão ao nome com que se identificara. Recordei-me, de imediato, do encontro de Jesus com o possesso de Gadara, o homem vampirizado por muitos espíritos que moravam num cemitério... Assim se lê nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas.

— Como existe gente louca neste mundo! pensei, em voz alta, querendo afastar da cabeça certa intuição que me ocorria a propósito daquele estranho visitante.

Recolhi-me sem maiores problemas, mas na segunda-feira, logo pela manhã, o

telefone tocou avisando que um dos mais antigos obreiros da Loja Maçônica a que eu me ligava havia desencarnado naquela noite, vítima de colapso fulminante. Entrei em contato com o Sanatório e avisei que chegaria um pouco mais tarde. O velório estava sendo realizado no prédio do templo que ele auxiliara a fundar, o primeiro que a Maçonaria construía em Uberaba, ante os olhares nada amistosos da Igreja.

Após cumprimentar os familiares do amigo desencarnado, sentei-me ao lado de um colega de profissão que, à época, era um dos diretores da Faculdade de Medicina da cidade. Após termos permutado fraternas impressões sobre o companheiro que partira, exaltando-lhe, com justiça, as muitas virtudes, o médico, em tom discreto, puxou assunto:

— Dr. Inácio, há muito esperava uma oportunidade de lhe falar. Talvez o momento não seja oportuno, mas, como ambos temos o tempo quase todo tomado, você me desculpe a informalidade.

— Pode dizer, esteja à vontade redargui, praticamente adivinhando o teor da conversa que se desenrolaria.

— Tenho acompanhado a sua polêmica religiosa pelos jornais e creio que isto o tem prejudicado, inclusive profissionalmente. Você é um homem culto, formado no Rio de Janeiro; não deveria estar se expondo tanto assim por causa do Espiritismo, uma seita de tantos adeptos insanos...

— O Espiritismo não é uma seita, Doutor, e a insanidade, como você sabe, independe de cor, raça, sexo...

— E possível que eu tenha me expressado mal. Veja, não é meu propósito ofendê-lo. Sou católico, mas também não sou extremista. O problema é que a sua postura tem suscitado rancores... A minha esposa me fornece notícias do que se diz de você nos bastidores: a Igreja o considera como o seu principal adversário em Uberaba. Não fica bem. Você poderia ter o seu consultório mais bem frequentado; a rigor, não temos um psiquiatra do seu gabarito...

— Estou habituado ao que dizem de mim; por vezes, nem os próprios irmãos de ideal me compreendem... Eu tenho o hábito de falar às claras, não às escondidas. Infelizmente, não sei contemporizar. O Espiritismo não ataca: o Espiritismo se defende... Não mandamos ninguém para a fogueira, não perseguimos e não pregamos contra religião alguma.

— Não vale a pena, Inácio...

— Concordo, não vale. Todos os nossos interesses mesquinhos vão parar num caixão emendei, apontando para o defunto à nossa frente.

Não posso viver em desacordo com a minha consciência. Os espíritas têm lutado muito no campo da caridade...

— Esta, ao meu ver, é a única parte boa que conheço... É inegável a obra assistencial de vocês.

— Então, não fazemos parte de uma doutrina constituída apenas de insanos. Penso que Jesus, há quase dois mil anos, trajando uma túnica rota, rústicas sandálias e cabelos revoltos ao vento, acompanhado por um séquito de doentes e mendigos, seria a imagem clássica de um agitador do povo e de um louco, descrito em nossos compêndios, não é?

— Mas você poderia, pelo menos, não ser tão contundente em seus escritos. Não é razoável para a nossa classe. A Igreja tem nos pressionado para uma tomada de posição...

Tomem-na sem o menor constrangimento respondi, procurando me conter. — Você se esquece de que os nossos antepassados, os precursores da ciência médica contemporânea, foram condenados nos tribunais da Inquisição? Hoje, o interesse da Igreja pelos médicos é pura conveniência; aliás, você me perdoe, é conveniente para

ambos os lados...

— A Igreja, em determinado período de sua história, se equivocou disse ele, como desculpa.

— E continua equivocada. Não podemos cercear a liberdade de pensar o direito mais sagrado do homem! de quem quer que seja.

— Você, que conhece o Evangelho, Inácio, sabe que Cristo nos recomendou que deixássemos os mortos enterrar os seus mortos... A mediunidade não seria uma profanação do Mundo Espiritual? insistiu ainda.

— O sentido das palavras do Cristo não é este e, depois, não somos nós, os supostamente vivos, que chamamos os considerados mortos para que entrem em contato conosco; somente com a existência de médiuns não teríamos mediunidade... Os espíritos é que têm insistido conosco no intercâmbio entre as duas diferentes dimensões da Vida; eles, os espíritos, é que são responsáveis por existirem médiuns... A Igreja está alicerçada nos fenômenos mediúnicos que ela teima em abominar.

— Seja como for, o conflito religioso apenas concorre para a fragilidade da fé...

— A que fé, meu amigo, você se refere? Não confundamos crença com fanatismo. Jesus afirmou que não vinha trazer a paz, mas a divisão... A Verdade, que se opõe às ambições, não pode, de certa forma, deixar de ser agressiva por aqueles que se sentem combatidos por ela.

— Façamos, no entanto, esforço para uma trégua... Estamos dispostos a intermediar. Tenho falado com colegas nossos e, digo-lhe, apesar do respeito que se tributa aos seus dotes intelectuais e morais, a maioria o critica...

— A maioria aplaudiu a absolvição de Barrabás... Em breve, Doutor, estaremos todos como o nosso irmão que velamos nesta manhã. Até quando continuaremos mentindo para nós mesmos?

— Para mim, não existe vida depois da morte...

— Como?! indaguei, aguçando os ouvidos.

— Ora, Inácio, nós já dissecamos muitos cadáveres...

— Mas você não me disse que é católico? Seja como for, a Igreja tem na imortalidade um de seus dogmas. Eu não posso entender o que você está defendendo...

— Todos carecemos de uma roda social...

— Religião, no entanto, não pode ser negócio.

— O homem não vive sem ilusões. Seria bom se fosse diferente, mas não é agora, se fez mundano.

Como eu silenciara por alguns instantes, erguendo-me da cadeira, para abraçar a viúva do companheiro maçom que partira nas primeiras horas daquele dia, quando voltei a me acomodar ao seu lado, o colega mudou o discurso.

— Inácio, estou conversando com você em torno de tão desagradável assunto, porque, em verdade, eu tenho um convite a lhe ser feito.

— Pois não, sou todo ouvidos respondi, sem excesso de palavras.

— Como você sabe, sou um dos diretores da Faculdade e precisamos preencher uma vaga em nossos quadros. Gostaríamos que viesse trabalhar conosco. O salário é compensador, fora o *status* de lecionar para futuros médicos...

Fazendo uma pausa estratégica para me observar a reação, prosseguiu:

— Por este motivo você me desculpe toquei com você nessa história de Espiritismo...

— Eu agradeço muito...

— Quer dizer que você aceita? questionoume, ensaiando um sorriso que tratei logo de desmanchar.

— Não, a tal preço. Por dinheiro nenhum e por posição alguma eu renunciaria às minhas convicções.

— Você não teria que renunciar a elas; apenas, de início, ser mais maleável. Só não daria para conciliar...

— O quê?...

— A posição que atualmente ocupa no Sanatório Espírita. Você é o Diretor-Clinico, não é?

— Diretor e fundador...

— Teria que abdicar do cargo ou, quem sabe, concordar que a Faculdade de Medicina o encampe; o Sanatório passaria a ser um departamento chefiado por você...

Olhei para o meu colega de profissão e, sinceramente, em respeito ao defunto, não tive coragem de lhe dizer, em altos brados, tudo que me veio à cabeça e à boca naquele instante.

— Seria, Inácio, uma questão de ajuste estatutário; temos pessoas influentes e deputados que cuidariam da parte legal... Papelada é burocracia.

Porém, profanando o ambiente, eu não resisti. Antes de me levantar e ir embora, aproximei os lábios de seu estúpido conduto auditivo e sussurrei-lhe, pausadamente, certos termos chulos que quase todo menino da rua sabe dizer! O homem arregalou os olhos, as suas faces ficaram congestionadas e eu pensei que, ao invés de um, teríamos dois cadáveres expostos no salão...

Aquela não fora a primeira tentativa das trevas contra mim, para que eu desistisse do ideal que, ainda moço, abraçara com todo o vigor do meu espírito.

Chegando ao Sanatório, peguei um exemplar do “Novo Testamento” e, em silêncio, fiz questão de ler por alguns minutos as anotações do evangelista Mateus:

*“Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares.*

*Então Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito:*

*Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele darás culto.*

*Com isto o deixou o diabo, e eis que vieram anjos, e o serviam”.*

No meu caso, não haviam sido exatamente estas as palavras do meu vocabulário e nem posso dizer que os anjos tenham vindo a mim, mas o certo foi que o tal diabo me deixara...

## 11º Capítulo Obsessão em Família

O diálogo que eu mantivera com aquele colega de profissão, que, em outras palavras, tentara me corromper, me aborreceu profundamente. Considerara os termos de sua proposta uma ofensa e creio mesmo que ele estivesse a serviço da Igreja. Não era do meu feitio uma reação, digamos, tão extemporânea quanto aquela, mas, entre ter um colapso e ter dito o que lhe dissera aos ouvidos, é óbvio que fiquei com a segunda opção.

Não comentei o episódio com ninguém apenas com D. Modesta, que, para mim, era como se fosse uma mentora espiritual sempre a postos.

— Você agiu bem, Inácio disse, aliviandome a consciência. — Foi a maneira mais prática de encerrar o assunto. Essa gente é interessante: cobram-nos, na condição de espíritas que somos, uma conduta moral irrepreensível, no entanto, por outro lado, vivem achincalhando a Doutrina... Ora, se consideram o Espiritismo capaz de promover conosco a reforma íntima, por que não o abraçam na excelência de seus postulados?

— Mas eu xinguei o homem, Modesta...

— Ele pensou que você fosse um Judas... Não é só com reza, Inácio, que a gente exorciza um tentador dito Demônio; às vezes, precisamos mostrar a ele que não estamos assim tão à mercê de suas artimanhas...

— Seria melhor, no entanto, se eu tivesse ficado calado e me entregasse à oração...

— Se você fosse santo, sim...

Sorri e, de espírito mais aliviado, retomei as atividades do dia. Logo, um dos nossos funcionários veio me avisar que alguém me chamava com insistência ao telefone.

— Sou eu, Doutor, a bancária que estive com o senhor numa consulta esclareceu. — Fiquei de telefonar, lembra-se? Estou me sentindo mais tranquila; não sei o que vocês fizeram, mas tenho conseguido dormir... Aqueles pesadelos não se repetiram.

— Está tudo certo, filha respondi. — Não se preocupe. O espírito de seu ex-noivo não voltará a importuná-la; tivemos oportunidade de conversar com ele... Você já começou a ler o livro que eu lhe dei?

— Ainda não tive tempo, Doutor desculpouse. — Estamos em balanço e tenho trabalhado até mais tarde. Estou telefonando só para agradecer. Mas, interessante, eu agora estou sentindo falta dele... O senhor não há de ver?

— Falta de quem? perguntei, basbaque.

— Do meu noivo...

Definitivamente, eu jamais lograria entender a alma humana. Se continuasse tentando, ficaria louco. De fato, a obsessão não era um problema unilateral. Aquela jovem compreenda quem puder não queria e, ao mesmo tempo, queria a presença do noivo desencarnado com o qual, inclusive, chegara a manter intimidades sexuais durante o sono.

Então, fiquei na expectativa de que, agora, ela me pedisse que providenciasse a volta do parceiro de seus sonhos eróticos, quando, para meu alívio, me disse:

— Há uma semana atrás, conheci um viúvo, cliente da nossa casa bancária; no próximo sábado, iremos jantar juntos. Estou esperançosa, sabe? Ele não tem a aparência física do Ricardo, mas...

Querendo encurtar o assunto e cuidar dos pacientes à minha espera, recomendei:

— Não deixe de, pelo menos, correr os olhos pelo livro que eu lhe dei... “O Livro dos Espíritos” é uma obra formidável.

— Lerei, Doutor. Assim que me sobrar um tempinho, eu o lerei prometeu.

Despedimo-nos e fiquei com a nítida impressão de que a anônima paciente, se aquele seu novo namoro em perspectiva fosse adiante, sequer teria a curiosidade de folhear a obra com que eu a presenteara. Era sempre assim e não mudaria tão cedo: as pessoas, de modo geral, estavam apenas interessadas em resolver os seus problemas imediatos; a cogitação mais séria, em torno dos enigmas da existência, era apanágio de pequena minoria... De fato, a dor não poderia ausentar-se dos caminhos humanos, pois somente o sofrimento o látego invisível de Deus nos compelia a avançar além dos próprios interesses. Não fosse o receio da morte, o homem haveria de viver de maneira mais irresponsável e leviana. Sem dúvida, a Humanidade ainda não estaria preparada para que a sua dúvida, concernente à imortalidade, se transformasse em certeza, pois, caso plenamente convicto de sua sobrevivência ao decesso físico, o homem viveria como se fosse um eterno adolescente.

Tomei algumas fichas dos internos e mal começava a ordená-las, antes da minha incursão médica aos pavilhões, quando um companheiro de ideal chegou, esbaforido:

— Dr. Inácio, viemos pedir socorro...

— O que foi que houve? Alguém se acidentou?

— Não! É mais grave explicou. — A família do Sebastião...

— O que tem?

— Está toda obsidiada pai, mãe e filho...

— Não é possível! exclamei. — O Sebastião e a esposa são espíritas...

— Estão todos incorporados lá... contou o confrade. — Vamos precisar

interná-los; tentamos doutrinar as entidades e nada!...

— Como foi isso acontecer?

— Eles estavam fazendo sessão mediúnica em casa e o menino exercitava psicografia... A esposa está tomada por um espírito que não cede e revela-se agressiva. Já oramos, já transmitimos passes... O senhor precisa vir conosco. Não podemos deixá-los assim... Logo o Sebastião, um homem tão bom e caridoso!

— A caridade não vigia sozinha observei.

Deixando as fichas dos pacientes sobre a mesa, entramos no carro e partimos. Chegando à referida residência, a situação, de fato, era estarrecedora: o pobre do Sebastião deitado, sendo pasmem! B submetido a uma *cirurgia* no perispírito; a esposa, totalmente fora de controle, dominada por um espírito pseudo-sábio, e o rapaz recebendo mensagens atribuídas ao Dr. Fritz, enchendo laudas e laudas de papel com garatujas ilegíveis...

Assim que me viu adentrando a sala, a esposa em transe, conduzida pela entidade correu na minha direção:

— Dr. Inácio! O senhor chegou na hora falou, procurando me envolver. — Estamos intervindo, cirurgicamente, no corpo espiritual do Sebastião. Ele está com uma espécie de *hemorragia* de princípio vital... Se não lograrmos êxito, ele desencarnará. O senhor, com os seus conhecimentos e a sua mediunidade de efeitos físicos, poderá nos auxiliar...

— Então, o Sebastião vai desencarnar respondi com firmeza, mas ironizando a entidade. — Eu não sou médium de efeito nenhum... Isto é obsessão, e de obsessão eu entendo.

O espírito, através da médium em desequilíbrio, me fulminou com o olhar e vociferou:

Ninguém sai daqui... Todos eles são nossos. Como ousam invadir um terreno que não lhes pertence? Esta casa não é de vocês!...

Pálido, estirado no leito sob sugestão hipnótica, o Sebastião não movimentava um dedo. O menino que, à essa altura, parara com a “psicografia”, foi conduzido à cozinha por amigos para tomar um copo d’água e sair daquela corrente vibratória negativa.

Manoel Roberto, que seguira comigo, à minha determinação, preparou o estojo e, com dificuldade, aplicamos uma intramuscular em D. Alice, por cujos lábios o espírito continuava a me dizer impropérios:

— É assim que vocês agem?!... Onde é que está a força moral de vocês?!

— Está na injeção repliquei, notando que a médium começava a se acalmar, não mais oferecendo sintonia ao obsessor, o qual relutava em partir.

— Vocês me pagam!... Bloquearam o cérebro dela, mas eu voltarei! Ela não ficará dopada o tempo...

— Não, meu irmão acrescentei. — Você também seguirá conosco para o Sanatório...

— Mas eu não quero ir... Soltem-me! Deixem-me!... Que *fiós* são esses que me prendem?... 0 que vocês estão fazendo comigo? A minha cabeça está rodopiando...

Os efeitos do medicamento, dado o processo de simbiose mental e de vampirismo que se havia estabelecido entre a mente do obsessor e a da médium, se faziam igualmente sentir sobre a entidade. Em nível de perispírito, obsessor e obsediado compartilham determinados fenômenos pertinentes ao quimismo cerebral.

Enquanto Manoel Roberto providenciava a internação de Alice, demorei-me conversando com Sebastião.

— Doutor perguntou-me ele com voz sumida o que foi que aconteceu conosco? Nada fizemos de errado...

— Invigilância, meu amigo, invigilância! retruquei, enquanto o auxiliava a sair da

cama para um banho esperto.

— Mas praticamos a caridade, frequentamos o centro espírita... Qual o mal em querermos ser médiuns? Onde a proteção que os nossos Benfeitores nos dispensam?

— Aqui, materializada dentro da casa de vocês...

— Como?!...

A Alice, depois de ficar alguns dias conosco, receberá alta; você poderá retomar o trabalho amanhã mesmo e o seu menino irá para a escola... Um problema obsessivo solucionado rapidamente. É o mérito da caridade. Não fosse por isso, iriam vocês três para o Sanatório e só Deus para avaliar as sequelas psicológicas com que haveriam de permanecer.

O meu filho viveu com o Dr. Fritz noutra existência...

Balela, Sebastião! retruquei, incisivo. Esqueça isso. Que essas sementes de treva não prosperem na sua cabeça. O verdadeiro Dr. Fritz está longe dessa confusão. Não faça mais reunião mediúnica em casa. Poderia ter acontecido alguma coisa pior. Mediunidade sem vínculo com o centro espírita expõe o médium a mais fácil ação dos obsessores.

## 12º Capítulo O grão de Mostarda

Alice permaneceu conosco, internada, por mais de um mês. Aos poucos, fomos suprimindo os medicamentos e tentando conversar com ela. Dava para notar-se claramente, no entanto, que o seu vínculo psíquico com as entidades que a perturbavam não se desfizeram de todo. Algo havia se modificado no brilho dos seus olhos... Aquele processo de vampirismo, segundo deduzi, não se iniciara na presente existência. Por vezes, quando reencarnamos, conseguimos nos ocultar dos espíritos que nos perseguem por um bom período de tempo, todavia, quando nos descobrem no corpo, eles passam a nos assediá-lo. Por este motivo, as obsessões aparentemente incompreensíveis que nos surpreendem, ensejando o súbito aparecimento, ou melhor, reaparecimento de mazelas morais que não supúnhamos possuir. Famílias bem estruturadas e companheiros de conduta ilibada mudam de comportamento, causando estranheza nos que se habituaram a vê-los como ponto de referência espiritual.

Alice recebeu alta, mas receei que ela nunca mais pudesse ser a mesma. Falando pouco e sequer ousando me fitar diretamente, despediu-se de mim com discreto aperto de mão. Sebastião e o garoto haviam se refeito quase inteiramente, todavia a nossa desventurada irmã não se libertara a contento da influência do obsessivo.

Trocando impressões com D. Modesta acerca do problema, ela comentou:

— Inácio, em alguns casos entre obsediado e obsessivo existe uma ligação afetiva que, de imediato, não podemos compreender. Não vejamos somente ódio ou desejo de vingança nos quadros obsessivos que se instalam. Muitas paixões exacerbadas do pretérito, quando nos identificam no corpo, imantam-se em nosso psiquismo numa espécie de enxertia espiritual. Não raro, quando tal acontece, passamos a depender da presença dos parceiros das experiências que vivenciamos em comum.

— Mas como ficam os novos compromissos afetivos assumidos? Alice é esposa e mãe...

— Sebastião e o filho, com certeza, fazem parte de suas dificuldades cármicas, sem significar que principalmente o esposo seja o espírito eleito por ela para os seus sonhos de ventura. Nas vidas que já se foram existem relacionamentos tais, que nos custam esquecer...

— O esposo dela, no entanto, me parece um bom homem, submisso aos seus caprichos de mulher...

— Ele talvez simbolize tudo a que uma mulher aspira em termos de esposo: carinhoso, pai dedicado, trabalhador, mas, contraditoriamente, ele representa tudo que ela não quer...

Durma-se com um barulho desse... graciei, meneando a cabeça.

— Você sabe o que estou dizendo, Inácio. Não queremos a felicidade que temos; somos tão personalistas, que a felicidade dos outros é a que queremos para nós, nem que tal felicidade nos seja menos felicidade que a felicidade que possuímos.

— É complicado...

— Extremamente complicado.

— Somos, de fato, mentes ensandecidas sentencieei.

— Todavia Deus é sábio. Se fôssemos indiferentes, não nos comprometeríamos e, se não nos comprometêssemos, nos privaríamos da lição.

— “É necessário que venha o escândalo”...

— Exatamente. Alternando posições na vida física e revezando-nos com os companheiros que ora estagiam no corpo, ora fora dele, vamos aprendendo uns com os outros o que nos compete saber. Um só espírito problemático que, por exemplo, reencarna em determinado grupo familiar, mobiliza a família inteira. Por este motivo, enquanto não nos tornarmos inacessíveis, não viveremos sem problemas e desafios.

— Quer dizer, então, que a loucura é um mal necessário? avengei, incentivando-a.

— A loucura e todo o seu séquito de desajustes. Quantos pacientes nossos no Sanatório provêm de famílias bem postas na sociedade!... Têm dinheiro e regalias, mas desconhecem o que seja alegria. Um filho ou uma filha psicopata, um neto ou uma neta esquizofrênica e um pai ou uma mãe paranoica são instrumentos de reflexão para todo o clã.

— Muitos parecem esquecer-los aqui comentei.

— Não importa; estarão acumulando mais brasas sobre a própria cabeça... O remorso é um vulcão que, antes de entrar em erupção, muitas vezes se prepara demoradamente. Ninguém logra isolar-se completamente dos problemas que o cercam. Mais dia, menos dia, todos seremos chamados a reparar os erros cometidos.

— E esta angústia que sinto, esta sensação de fracasso diante da cura impossível de determinados pacientes...

— Ora, Inácio, não queiramos fazer a obra de Deus! Não estamos operando a cura de ninguém, a não ser a nossa. O fracasso que sentimos em relação aos outros é o fracasso que sentimos em relação a nós. A questão básica é que não conseguimos nos doar mais do que já nos doamos; sabemos disto e ficamos tristes... Na verdade, as lágrimas que choramos pelos nossos semelhantes são as lágrimas que vertemos por nós, ao verificarmos a extrema indigência que ainda nos cerceia os passos nas aspirações de ordem superior. A satisfação gera o comodismo. O homem inquieto não cessa de procurar. Disse-nos Jesus: “Bemaventurados os aflitos, porque serão consolados”... Consolados por quem? Por si mesmos, quando lhes cessarem as aflições, ou seja, quando alcançarem o objetivo pelo qual estão se afligindo.

'-1 — Estamos indo longe com nossa conversa...

— Não tão longe quanto deveríamos ir em nossas atitudes. Está vendo, Inácio? Você acionou um mecanismo de defesa mental... Quanto mais sabemos, mais exigimos de nós. Por este motivo, não nos convém saber muito ou, por outra, não queremos saber muito. Não estamos dispostos a ceder quanto a consciência nos solicita. Admiramos Francisco de Assis, desejamos ser como ele, mas, de preferência, sem termos necessidade de fazer o que ele fez. Em outras palavras, o nosso propósito é de que o Céu se acomode à Terra e não que a Terra se conforme ao Céu. O Paraíso nos interessa, desde que não tenhamos de abdicar da nossa condição humana.

Positivamente, D. Modesta, em que pese os seus elevados dotes de inteligência, não estava se expressando sozinha... Curioso, insinuei:

— Você está inspirada hoje!...

Confirmando as minhas suspeitas, ela respondeu:

<sup>TM</sup> — O nosso Eurípedes Barsanulfo está aqui conosco, Inácio, desde o início.

As lágrimas me afloraram instantaneamente aos olhos. A luta, apesar de árdua, tinha as suas compensações. Quando, não raro, de espírito quebrantado pelos reveses do caminho, o Mundo Espiritual se fazia presente e, então, eu me sentia à feição de uma flor ressequida no deserto, visitada pelo orvalho da noite...

A revelação, porém, tirara a minha espontaneidade no diálogo. Sem mais ousar olhar diretamente para a médium, em transe natural, escutei as derradeiras palavras do inolvidável Benfeitor:

— Inácio, meu filho, não nos deixemos desalentar. O caminho é deveras longo, mas o Senhor nos precede. Evitemos os equívocos de outrora e não mais posterguemos a tarefa da própria ascensão. O nosso esforço no Bem pode nos parecer diminuto, mas não nos esqueçamos de que o Senhor comparou o Reino de Deus a um grão de mostarda: “E dizia: A que é semelhante o Reino de Deus e a que o compararei? É semelhante a um grão de mostarda que um homem plantou na sua horta; e cresceu e fez-se árvore; e as aves do céu aninharam-se nos seus ramos”... O questionamento excessivo em torno da Verdade não nos permite colocar em prática aquilo que já sabemos do Amor. Todos somos filhos de Deus e, a rigor, todos nos sentimos irresistivelmente atraídos pela sua Luz; na ânsia de alcançá-la, muitas vezes mergulhamos mais profundamente nas trevas de nós mesmos... O mal é um estágio transitório. Tudo o que não se identifica com a Divina Essência possui existência fugaz. Portanto não nos amarguemos desnecessariamente. O homem ainda não passa de uma criança, imaginando que o mundo seja o seu parque-de-diversões particular; engendra guerras de extermínio, a violência em nome da fé, a discriminação racial... Não obstante, a Lei do Carma tudo reverterá no momento justo. Quanto mais Mal, mais Bem e, quanto mais Bem, mais Deus! Não depreenda destas nossas palavras que sejamos pela fatalidade do Mal, no entanto a experiência mostra que a criança chora porque tem fome e não tem fome porque chora...

Com o lenço, todo amarrotado, que sempre trazia à minha disposição no bolso do jaleco, eu tentava enxugar as lágrimas que me desanuviavam o espírito. Pousando a destra em meu ombro, à altura do coração, o venerável Mentor disse, em despedida:

— Filho, asserene-se. Não nos percamos daqueles que já se identificam com o Senhor e conhecem o caminho que estamos começando a trilhar agora. Ainda que, em torno, tudo nos seja convite ao cepticismo e à desilusão, perseveremos. O verdadeiro idealismo continua sendo opção de poucos e, no instante do testemunho, o discípulo se verá sempre a sós com as aquisições que tenha efetuado em seu mundo íntimo. A Ciência capitulará repetidas vezes, a Filosofia reconsiderará conceitos e a Religião se libertará dos dogmas que a escravizam. Nada deterá a marcha da evolução. Das ruínas de prédios antigos é que se levantam as modernas construções. As civilizações se sucedem, mas o espírito é o mesmo em sua trajetória bendita. Que o Bem nos sintetize as aspirações, e teremos certeza de que não estamos consumindo o tempo em vão, adiantando-nos na senda que, graças ao conhecimento espírita, lobrigamos na atualidade. Quem retrocede candidata-se a difícil recomeço. Não olhemos para o Alto à procura de Deus, quando o trazemos conosco no coração. A edificação do Reino Celeste é de ordem íntima. Não virá com aparências exteriores... O Universo, que se expande por fora, não é mais que o universo do espírito, que abarca toda a Criação Divina. Possuímos asas e não sabemos!... Nenhuma distância se nos faz incomensurável e não existe lugar em que não possamos estar. Que o Senhor seja louvado!...

## 13 ° Capítulo Mãe

A comunicação espontânea do Apóstolo de Sacramento muito me edificara, pois eu sempre nutrira pelo espírito de Eurípedes Barsanulfo a maior admiração e respeito, chegando mesmo, quando encarnado, a coletar alguns subsídios e reuni-los em singelo volume para a sua futura biografia. De fato, o Mundo Espiritual nunca nos faltava com a sua presença consoladora diante das lutas.

Conforme já havia narrado, Alice, a esposa de Sebastião, recebeu alta e, desde então, pude notá-la diferente comigo e com os amigos que os socorreram naquela crise obsessiva. Quando, porventura, tínhamos oportunidade de nos encontrar, discretamente ela procurava me evitar, apenas se dignando de me cumprimentar em situações inevitáveis.

Nunca pude compreender, repito, inteiramente, o consórcio psíquico existente entre os médiuns e as entidades que, com maior frequência, se expressam por seu intermédio. A rigor, eu não saberia dizer até onde era Alice que me evitava, com ressentimento que mal conseguia disfarçar, ou era o espírito obsessor que fora desmascarado por mim. O certo é que o nosso relacionamento amistoso perdera toda a espontaneidade; inclusive Sebastião, sempre submisso à mulher, mudara o seu jeito comigo.

Ao que pude saber, o fato na residência do casal nunca mais se repetira, ou seja, aquele desequilíbrio mediúnicos generalizado envolvendo pai, mãe e filho cessara por completo. Se deles não se afastaram por completo, as entidades que os molestavam se sentiram impedidas de maior aproximação. Em que pese o seu excessivo misticismo e pequeno conhecimento da Doutrina, Sebastião e Alice viviam na periferia, amparando os mais necessitados, visitavam os doentes nos hospitais e eram entusiastas do ideal espírita.

Com certeza, o quadro obsessivo não fora equacionado por mera intervenção nossa. Assim, um simples injetável e uma breve internação hospitalar tivessem o poder de solucionar questões cármicas que há séculos se arrastam! Junto às providências que tomamos, os Amigos Espirituais se mobilizaram nos bastidores, conseguindo uma trégua para o casal, que ~ disto não tenho a menor dúvida -, se não possuísse extensa folha de serviços a seu favor, teria a sua situação complicada.

Ainda debaixo daquelas reflexões que, entre um vicioso e implacável cigarro e outro, e mais outro, eu efetuava, observando as espirais de fumaça no meu consultório, recebo o recado que uma mãe em extremo desespero chamava por mim à porta do Sanatório. Imaginando, como sempre, tratar-se de mais uma pedinte das muitas “freguesas” que procuravam por mim durante o dia, remexi nos bolsos e separei algumas cédulas de menor valor.

Quando saí para efetuar a doação, depareime, no entanto, com uma senhora que chorava muito e que eu nunca vira antes. Com os cabelos desgrenhados, aquela mãe estampava no rosto o retrato da aflição.

— Dr. Inácio, por caridade! O senhor precisa me valer... Tenha piedade de mim! Estou sofrendo... disse-me entre soluços.

— Acalme-se, minha irmã respondi, ainda não fazendo ideia do tamanho da tragédia que ela estava vivenciando. — O que foi que houve?

— O meu filho, Doutor... O meu filho morreu ontem, à noite, e eu preciso fazer o enterro dele!

Imaginando que a questão ainda fosse dinheiro, perguntei:

„ A senhora já providenciou a funerária?

— Está tudo arranjado, Doutor. O problema não é este... Somos pobres, mas eu venderia tudo que tivesse em casa, para dar ao meu filho um enterro condigno...

Pedindo a um funcionário que providenciasse um copo d'água para a pobre mulher, indaguei:

— O que houve com o seu menino, minha filha?

— O André, Doutor, o André se enforcou!... Um rapaz forte, inteligente, de 17 anos de idade... O senhor não avalia quanto estou sofrendo! O meu coração está prestes a explodir...

— Mas... por que, meu Deus, ele teria feito isso?

— Por causa de namorada, Doutor. Eles brigaram, e a moça não quis reatar o namoro... Eu não entendo. O meu filho estava no 2.º colegial. Subiu numa cadeira e, com um pedaço de corda do pai, que é carroceiro, enforcou-se numa viga de madeira. Ai, meu Deus! O meu marido está enlouquecido!...

Diante de determinadas situações de sofrimento, momentos existem nos quais nos sentimos completamente sem repertório e sem ação. Eu não sabia o que dizer e o que fazer para consolar aquela senhora, que tinha deixado em casa o corpo inerte do filho, a fim de me procurar.

— Vocês são espíritas? questionei.

— Não, Doutor; somos católicos. Eu frequento a igreja, vou à missa todos os domingos, o meu filho fez a primeira comunhão...

— No que, então, minha irmã, eu poderia lhe ser útil?

— Uma prece, Doutor respondeu-me com a voz entrecortada -, uma prece pelo meu filho. Eu não quero que o André seja sepultado assim... Venho pedir que o senhor vá à minha casa e ore pelo meu filho!

— Mas vocês são católicos!... argumentei, receando ampliar a minha área de conflito com a Igreja.

— F\ii. De hoje em diante não sou mais; onde o corpo do meu filho não pode entrar, a minha alma não entra... O padre da paróquia que frequentamos não quer orar por ele; disse-me que o suicídio é contra a Lei de Deus e que todos os que o praticam vão para o Inferno... É verdade, Doutor? O meu amor de mãe seria maior que o Amor de Deus?...

Avaliando a extensão do drama que eu tinha à minha frente, esclareci:

— Não, minha irmã, não é verdade. O Inferno não existe e Deus é Pai de Infinita Misericórdia. Quem comete o suicídio está fora de si. O que um menino como o seu André poderia saber do que estava fazendo?

— Fale, Doutor, fale mais pediu-me. — Quer dizer, então, que no Espiritismo existe esperança para os suicidas?

— Deus não nos criou para consentir que nos arrasássemos a nós mesmos. É evidente que todos arcamos com as consequências das atitudes que ferem a nós e aos outros, mas ninguém está irremediavelmente condenado ao sofrimento.

— O senhor irá à minha casa, Doutor?

— Irei agora com a senhora respondi, enquanto voltava para dentro do Sanatório, com o propósito de pegar sobre a minha mesa um exemplar de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

Em chegando à casa humilde, situada no mesmo bairro, observei a simplicidade com que vivia aquela família e, infelizmente, não pude evitar o pensamento: “Se este casal fosse gente abastada, que pudesse ofertar à Igreja altas somas em doação, os padres haveriam de arranjar um sofisma qualquer, descaracterizar o suicídio do menino e abrir as suas portas para encomendá-lo a alma...”

Alguns escassos familiares e amigos, presentes no recinto, olharam-me com certa estranheza quando cheguei. O pai do rapaz, que ganhava a vida em cima de uma carroça, estava debruçado sobre o corpo do filho exposto na sala de acanhadas dimensões.

Aproximei-me respeitosamente e, confesso, sentindo-me indigno de ali estar para

o que eu fora fazer, atendendo a solicitação de uma mãe em desespero, abri as páginas de “O Evangelho” e li, em voz alta, um trecho do capítulo V “Bemaventurados os aflitos”.

Quando, em seguida, concluí a oração, notei que vários fizeram, às pressas, o sinal-da-cruz, algo confusos quanto à situação que era vivenciada por aquela família católica.

— Deus lhe pague, Doutor, Deus lhe pague! exclamou a senhora, ante o olhar complacente do esposo, que não se erguera hora alguma de cima do corpo do filho prestes a ser sepultado.

Antes de me retirar, como de praxe em Uberaba, assinei o culto de saudade e, em nome do Sanatório, deixei pequena colaboração financeira que, na maioria das vezes, a funerária encaminhava para as obras assistenciais da Igreja. E, sem conseguir me livrar da minha velha tendência à ironia, raciocinei:

— Dinheiro espírita para o bolso dos padres...

E rematei:

— Que eles, aliás, aceitarão de muito bom grado!...

No dia em que seria celebrada a chamada “missa de sétimo dia” de seu filho, D. Efigênia me procurou e, um tanto mais confortada, me disse:

— Doutor, eu e o meu marido, definitivamente, não iremos mais à igreja... Depois do enterro do André, o padre esteve lá em casa, à noite. Abrandou as suas palavras e nos falou que, talvez, houvesse esperança de que o nosso filho esteja no Purgatório... No entanto, o que ele nos disse não nos convenceu. Uma vez mais, venho agradecer e pedir que o senhor continue orando por nós.

— Temos orado, minha irmã redargui, admirando a fibra espiritual daquela mulher, que auxiliava o marido nas despesas de casa trabalhando como lavadeira.

— O espírito do meu filho estará bem, não é?

— Sem dúvida!

? xiH Eu ouvi dizer que ele poderá estar vagando no “vale dos suicidas”...

Onde ele estiver, ele jamais estará fora do Amor de Deus. Se nós, sendo imperfeitos como somos, estendemos as mãos àqueles que caem, não podemos acreditar que as Leis Divinas assistam, com indiferença, os nossos padecimentos.

— O meu marido está querendo mudar para a roça, Doutor. Temos o convite de um fazendeiro para trabalhar como caseiros. Talvez nós não nos vejamos mais tão cedo... Eu não o esquecerei. Gostaria, no entanto, de lhe pedir uma coisa.

— Pois não, se estiver ao meu alcance respondi.

— Eu queria ganhar aquele livro que o senhor leu em nossa casa, quando fez a prece antes do enterro do meu filho!...

## 14º Capítulo Falanges do Mal

Não podemos atribuir às trevas a autoria da nossa invigilância, isentando-nos de culpa naquilo que nos acontece de desagradável. Sabemos que os espíritos infelizes permanecem sempre à espreita de nossas fragilidades, mas semente alguma germina em terreno que não seja propício.

Conforme dissemos noutro trecho, no Sanatório, periodicamente, sentíamos mais diretamente a ação das falanges do Mal. Entidades espirituais que, parecendo se organizar, nos assediavam, intentando comprometer o trabalho da Doutrina. Atravessávamos, neste sentido, fases difíceis, que exigiam de nós outros maior recolhimento na oração e, sobretudo, perseverança no cumprimento do dever. Quando, imaginando que tudo estivesse bem, descuidávamos da vigilância, os problemas

explodiam: desavenças entre os funcionários, atritos com familiares dos pacientes, inquietação dos internos... Não poucas vezes, evitamos que um ou outro dos nossos pacientes cometesse o suicídio. Não sabemos como possuíam lucidez, por exemplo, para planejarem e colocarem em execução os planos de autoextermínio que, mercê da Misericórdia Divina, sempre se frustravam.

A Igreja e, de resto, a sociedade de maneira geral, viviam na expectativa de que um escândalo acontecesse no Sanatório ou nos centros espíritas de Uberaba, para que ganhássemos as páginas policiais.

Certa vez, uma de nossas pacientes, parcialmente sedada, sem que ninguém percebesse, valendo-se de diminutas tiras de lençóis, cobertores e toalhas e até mesmo de barbantes, a que tivera acesso, tentou enforcar-se, dependurandose no chuveiro... Ainda bem que, em qualquer instituição espírita que se preze, o material de construção é todo de segunda linha, quando não de terceira. O reboco da parede cedeu, o cano do chuveiro entortou-se e ela, nua, caiu sentada em pranto convulsivo...

Curioso que, nos dias anteriores, eu estava me indispondo com o pessoal da lavanderia, chamando-os de relapsos, devido justamente ao número de peças de cama e banho que estavam aparecendo rasgadas.

Se, nos pavilhões, um doente agredisse outro e nele provocasse qualquer hematoma, os familiares dos envolvidos em semelhante querela que quase nunca iam vê-los “coincidentemente” surgiam e nos submetiam a interrogatório nazista, chegando, veladamente, a nos ameaçar com denúncias.

De temperamento algo explosivo tanto quanto possível, eu delegava qualquer explicação ao nosso preclaro Manoel Roberto, que, além de competente Enfermeiro-Chefe, sempre se mostrava zeloso dos assuntos pertinentes à Doutrina.

De quando em quando, bilhetes anônimos nos eram endereçados com teor que aqui não nos cabe reproduzir; os mais amenos nos acusavam de promover orgias e bacanais com os internos, como se o hospital que dirigíamos fosse o mais reles prostíbulo.

Sem dúvida, as trevas não nos concediam tréguas, no entanto os seus representantes encarnados revelavam-se extremamente competentes e oportunistas.

Em nossas sessões de desobsessão, que classifico, sem nenhuma modéstia, de memoráveis, os espíritos que se opunham deliberadamente aos nossos propósitos, por vezes, induziam D. Modesta ao transe e entabulavam conosco longas conversações. Certa noite, um deles, que não se identificou, falou por quase vinte minutos, sem nos permitir o menor aparte.

— Vocês estão enganados disse-nos, com altivez. — Palavras não nos convencem... Podemos enxergá-los em suas intenções mais ocultas. Em nada vocês se diferenciam de nós; aliás, são até mais hipócritas lobos em pele de cordeiro... Nós acreditamos no que fazemos e, para tanto, não temos que recorrer à fé: o nosso próprio ideal nos basta... Com vocês é diferente, pois que vivem evocando a intercessão de espíritos supostamente redimidos... Tudo é uma deslavada mentira. Os interesses que os movem são semelhantes aos nossos. Juntem-se a nós e desistam da santidade. Essa Doutrina que professam é perfeita demais para vocês... Falam em perdão, mas quem é que verdadeiramente perdoa? Pregam o desprendimento, porém quem é que vive com desapego? Ensinam a solidariedade; muitos, no entanto, aqui dentro mesmo, desconhecem o nome da maioria dos que se recolhem a esta casa... O que lhes interessa é o maior número que lhes ensejará maior ganho financeiro. Por que os pacientes que pagam são tratados com deferência, ao passo que os gratuitos são sempre os últimos os últimos na hora do banho, os últimos a serem servidos no almoço e no jantar, os últimos a serem examinados? Não queiram ser o que vocês, positivamente, não são. A Terra gira, isolada, no espaço... Deus não é senão o conjunto das Leis insensíveis que sustentam a Vida. Nada está programado: nós é que

nos programamos... Não existe saída. Vejam o que os homens fizeram com o Evangelho: inúmeras seitas cristãs disputando entre si a primazia da Verdade... Para que mais engodo? Sejam honestos. Vocês falarão a todos que a morte não existe, que a Reencarnação é um fato insofismável... Neste sentido, não iremos contestá-los. Sim, a morte não existe; e daí?... Não encontramos Deus e nada sabemos do paradeiro de Jesus Cristo se é que, realmente, a sua figura não passa de um mito engendrado pela Religião. Digo-lhes que quem *morre* não sai da Terra o nosso único *habitat* no Universo. Precisamos disputar o mundo com os homens... Nós, os que vocês chamam *desencarnados*, não passamos de aves que, transitoriamente, foram lançadas para fora do ninho e o nosso espaço é o espaço que vocês estão ocupando agora. Viveríamos melhor se fôssemos mais realistas. É a brandura que conturba e fragiliza os espíritos...

O discurso da entidade era envolvente. Escutando-a em prece, para não consentir que o veneno do desalento se me inoculasse na alma, permiti que continuasse por mais alguns minutos, antes de intervir.

— Estamos em toda parte e não cederemos. Formamos, onde estamos, extensas comunidades e temos procurado nos organizar, para que vocês não nos submetam. Nós nos infiltramos com facilidade no meio de vocês e somos nós que, sob disfarce, damos presença em muitos dos templos denominados *espíritas* e os seus médiuns nos servem com docilidade, ao ponto de, com a maioria, fazermos o que queremos fazer. Vejam a rivalidade e a desunião existente!... O Cristianismo, há quase dois mil anos, fez mais e melhor no seu primeiro século do que o Espiritismo está fazendo; os cristãos primitivos eram mais sinceros que os espíritas modernos... A vaidade e o personalismo os consomem. A rigor, não temos tido muito trabalho. Se interesses materiais não existissem por detrás das religiões, de há muito os homens teriam abandonado o Evangelho...

Interrompendo a fala inflamada do comunicante, um dos vários que, de tempos em tempos, nos visitava como que para nos testar a fé, argumentei:

— Meu irmão, você tem razão em boa parte da sua palavra e até precisamos agradecer o seu alerta. Compreendemos que você não nos odeia. As suas colocações são de cunho filosófico e, apenas neste sentido, nos cabe contestá-las e nos cabe contestá-las, pelo simples fato de que pensamos diferente. Onde estão as provas de que o que você nos diz é a expressão da verdade? Se não estamos à altura de responder a todos os seus questionamentos, reparamos que as suas dúvidas concernentes à existência não são menos numerosas e complexas. Ousaríamos dizer, no entanto, que contamos com a lógica e com o bom senso a nosso favor. Algo, dentro de mim e de você, nos diz que o Bem é a Lei Natural da Vida... A sensação de paz que experimentamos quando agimos positivamente contrasta com a aflição que nos domina quando agimos contrariando os alvitre da consciência. Instintivamente, procuramos a luz... Não há quem se compraza no bem. Por mais egocêntricos sejamos, há sempre alguém por quem seríamos capazes de renunciar à própria felicidade. Ninguém vive sozinho e ninguém se basta inteiramente. Você nos cobra, e com razão, maior coerência entre o que cremos e o que fazemos... Consideremos, no entanto, que a Doutrina Espírita é muita luz de uma vez só para os nossos olhos habituados à escuridão. Somos ainda excessivamente frágeis para o modelo de vida a que o Senhor nos exorta. Não estamos, porém, paralisados. A cada dia, nos tem sido dado avançar um pouco mais e tomar consciência da distância que nos separa do ponto que nos compete alcançar. Todo trabalho íntimo é moroso. A própria Criação Divina não é uma obra acabada!

Una-se a nós. Outrora, pensávamos como vocês; compreendemos, porém, que é inútil nos opormos ao curso natural das coisas...

— Você é um bom jogador interrompeu a entidade, sem ânimo para contestar-me.  
— Você blefa, sabe? Venho lhe falar de um assunto concreto e você teoriza.

— Todos somos livres, não é? retruquei, sem o propósito de provocar. — Você nos falou o que quis, comportou-se com moderação... Estamos, meu irmão, esgrimindo no mundo das ideias. Você aventava a hipótese do Cristo não ter existido... Vestígios de sua presença física na Terra nos dariam uma maior convicção a respeito de sua passagem entre nós do que o seu Pensamento Vivo, exarado nas páginas do “Novo Testamento”? Qualquer cadáver de homem que tenha vivido há muitos séculos poderia ser ou não ser o dele, concorda? Agora, a quem atribuir a autoria dos ensinamentos que dividiram a História e construíram, no Oriente e no Ocidente, o que de melhor possuímos na civilização? O Cristo é grande demais para que possamos personificá-lo... A existência dele entre nós transcende a nossa compreensão.

O comunicante não quis mais ouvir. Com um “até breve”, deixou o recinto da nossa reunião mediúnica mergulhado em profundo silêncio.

Sinceramente, eu não saberia dizer de onde me provinha a argumentação para o diálogo com as diversas entidades que, praticamente a minha existência inteira, tentavam me baquear a fé. O certo é que, se buscavam me desanimar, de cada embate daquele eu me retirava espiritualmente mais fortalecido e disposto a continuar.

## 15° Capítulo A Presença do Irmão José

Para a nossa alegria, novamente a presença do Irmão José se fez, ao término da nossa reunião. O venerável Benfeitor, controlando as faculdades mediúnicas de D. Modesta, discorreu, como de hábito, destacando a excelência dos ensinamentos de Jesus, detendo-se no enfoque do capítulo VI, versículo 43, das anotações de Lucas: “A árvore que produz maus frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má...”

A abordagem viera a propósito da comunicação da entidade com a qual mantivéramos, anteriormente, longo diálogo, em nossa costumeira sessão mediúnica de toda quarta-feira.

“Meus irmãos disse-nos -, atentemos para a lúcida palavra do Senhor, que, como ninguém, nos conhece em nossas mais íntimas intenções.

“A árvore que produz maus frutos não é boa, mas também não é inteiramente má, ou seja, o homem não estará irremediavelmente condenado pelas ações infelizes que pratique... A redenção espiritual é apanágio de todos. Não há quem se coloque fora do Plano Divino de aperfeiçoamento para todos os seres. Na sequência, o Mestre nos ensina que “a árvore que produz bons frutos não é má”... Evidentemente que não. Todavia, porque igualmente não a considera completamente boa, já que se revela capaz de produzir bons frutos? O problema é que, se a bondade é um estado natural nas criaturas, ainda não o é de forma definitiva. Assim como o homem transitoriamente bom é capaz de atitudes insensatas, o homem temporariamente mau é capaz de gestos de elevação e nobreza. Entre quedas e ascensões no mundo de nós mesmos é que, aos poucos, nos levantamos para Deus. A rigor, no atual estágio evolutivo em que nos encontramos a linha divisória que separa o homem delinquente do virtuoso, é tênue e frágil. Muitos de nós, infelizmente, transitamos de uma condição para outra com extrema facilidade. Num átimo, Paulo de Tarso saiu da posição de algoz para a de mártir do Cristianismo; Judas Iscariotes empreendeu movimento contrário: de apóstolo do Senhor, passou à História na condição do invigilante companheiro que o traiu... Evitemos, portanto, efetuar qualquer julgamento sobre a conduta alheia. Nem sempre a árvore frutífera consegue

reprimir no pomar a mesma produção de frutos nem na quantidade nem na qualidade... Até que o Bem seja em nós um estado de espírito invariável, com certeza, experimentaremos várias recaídas no Mal. O fortalecimento da vontade é gradativo. A repetição da experiência positiva é que a estratificará em nossos espíritos. Neste sentido, embora tenhamos o dever de fugir à queda, consideremos que, sem os reveses do cotidiano, através das vidas sucessivas, não adquiriremos justa noção de equilíbrio. O equívoco deliberado gera o remorso, e o remorso cria em nós mecanismos de defesa contra o erro. Somente com o sábio concurso do tempo é que nos convenceremos da excelência da virtude, opondo-nos, decididamente, à influência dos vícios. Se raros já se encontram domiciliados nas regiões da luz e muitos estagiam nos campos da sombra, a esmagadora maioria, indecisa, simbolicamente estagia nas dimensões da penumbra... Dentro de nós mesmos, ora emerge o santo, ora desponta o pecador. Infelizmente, as circunstâncias externas é que nos fazem ser o que, intrinsecamente; não somos...

Efetando ligeira pausa para que absorvêssemos aquele caudal de precioso esclarecimento, o qual eu me esforçava, ao máximo, para fixar na memória, o Irmão José prosseguiu:

— O interesse se conflita com o desinteresse; o desejo se contrapõe à renúncia... Ter é a melhor forma de não possuir. Quanto mais se entrega, mais o homem se pertence... Tudo quanto carecemos de reivindicar não é nosso. Quem reclama excessivamente não atende com generosidade. O egoísmo é a negação de Deus. A Criação Divina é um ato de Suprema Solidariedade. Quem não estende a mão não encontra distâncias, porquanto não logra sair da órbita de si mesmo. O que aparenta não é. A essência das coisas somente pode ser alcançada por aqueles que se preocupam com o essencial. Enquanto o homem não se despojar, ele não se sentirá pleno. Reflitamos novamente: “A árvore que produz maus frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má...” Não reparamos nas palavras de Jesus qualquer espécie de reprimenda à árvore que produz maus frutos e nem de louvor à que produz bons frutos... Cada uma delas se revela no estágio que lhe diz respeito uma não é boa ainda e outra não é má de todo, mas ambas estão fadadas ao Supremo Bem, de onde, originariamente, procedem. O espírito só se purificará completamente quando mergulhar no Oceano Divino... A fonte nasce cristalina, polui-se em seu percurso, todavia, quando, após longo trajeto, se precipita no mar, retorna à sua primitiva pureza. A água salgada como que se decanta de todas as impurezas remanescentes... Estamos em Deus, mas ainda não somos com Deus. Falta-nos conscientização permanente, estabilidade emocional e diretriz psicológica. O espírito, em certas incursões no corpo físico, avança significativamente; em outras, porém, permanece estacionado, sem maior aproveitamento da ensancha reencarnatória. Nem o cérebro humano se encontra presentemente apto para que o espírito logre maior êxito em suas experiências na carne espírito e matéria travam milenar combate entre si; a matéria reclama o espírito e este, por sua vez, se debate em seus tentáculos, ansiando por libertação... Não somos, evidentemente, apologistas da Teoria dos Anjos Decaídos, porquanto não há quem verdadeiramente se precipite das cumeadas da Evolução. Quem cai simplesmente se expõe em sua oculta fragilidade. Cremos não ser, de nossa parte, afirmação temerária dizer que o defensor da vida humana numa existência, noutra, se se descuidar de seu ideal, poderá se transfigurar no agente de sua destruição. Uma multidão, anônima e desconhecida, vive de nós...

Devido ao adiantado da hora, o Instrutor, que sempre se dignava nos visitar, sintetizou:

— Irmãos, silenciemos diante das fraquezas alheias e permaneçamos sempre na expectativa do melhor. Assim como brilha o ouro no cascalho e a semente floresce no monturo, a criatura humana haverá de ressurgir de si mesma. Um dia, perguntaram a

um escultor que, incansável, trabalhava sobre um bloco de mármore:

— “Qual o motivo do seu martelar sobre esse bloco de pedra disforme?”

O artista, sem desviar a atenção dos golpes do cinzel com que talhava a rocha, respondeu:

— Necessito libertar o anjo que está preso dentro dela...”

Nas mãos do Artífice Divino, o Tempo é o martelo e a Dor é a precisão do golpe com que Ele nos embeleza a forma. Que o Senhor nos abençoe e proteja, agora e sempre!...

A voz do Benfeitor silenciara no salão e tive a nítida impressão de que, então, a penumbra no ambiente se fizera mais densa; foi como se uma luz gradativamente acesa de súbito se apagasse... Uma enorme e indefinível sensação de vazio se me apossou da alma. Eu vararia a noite escutando o Irmão José, no entanto a realidade era outra. Estrelas luziam no firmamento, mas a noite, de fato, era o império das trevas... O máximo que poderíamos fazer era não deixar de olhar para cima!...

Lentamente, D. Modesta se refez e, por alguns minutos, não houve no recinto quem ousasse romper o silêncio. Verificando, todavia, que ninguém se manifestava, convidei:

— Vamos tomar um café quente...

Enquanto, pois, D. Modesta e Manoel Roberto providenciavam xícaras e canecas, remexi as sobras do jantar, preparando a refeição noturna para os meus gatos, que, miando à minha volta, me traziam de volta ao mundo com as suas aflições e os seus ais.

Chegando a casa, com receio de perder a substância das palavras do Irmão José naquela noite inesquecível, rascunhei um resumo do teor de sua preleção, lamentando a ausência das comodidades tecnológicas que hoje facilitam a vida humana na Terra.

No outro dia, entretanto, no anseio de maior fidelidade possível à comunicação que nos fora transmitida na véspera, entrei em contato com a médium para que ela me auxiliasse a lembrar o que permanecera nos arquivos da mente.

— Inácio disse-me ela não me recordo, com riqueza de detalhes, da alocução proferida pelo nosso Benfeitor, mas algo ficou, sim, retido em minha memória mediúnica... O médium também escuta e, de certa forma, também grava o que o espírito comunicante está dizendo pela sua boca.

D. Modesta, ao contrário de muitos medianeiros que eu conhecia, não tinha receio algum de ser transparente. Os diálogos que eu mantinha com ela em torno da mediunidade eram sempre proveitosos. Entre nós existia mútua confiança; ela sabia do meu amor à Doutrina e eu conhecia o seu idealismo à Causa que nos era comum. As outras pendências, tão próprias de tantos espíritas da atualidade, permaneciam de lado. Onde existe sinceridade de propósitos, os motivos não são questionados. Na realidade, a dúvida quanto à autenticidade da fenomenologia mediúnica é mais concernente à incerteza que as pessoas têm a respeito de suas intenções do que propriamente à existência do Mundo Espiritual e à possibilidade do intercâmbio entre os *vivos* e os *mortos*.

Com a prática, fui aprendendo -, creiam, até hoje não passo, a semelhante respeito, de mero aprendiz que os desencarnados se prevalecem dos medianeiros como instrumentos, independente de suas convicções pessoais, ou seja, por diversos médiuns que vacilavam e vacilam quanto à sua condição mediúnica, a Espiritualidade se faz presente, e eu, que de idiota sempre só tive a cara, aguçava os ouvidos e percepções outras, para não deixar escapar nada do que, por vezes, fortuitamente, me chegava do Além.

# 16º Capítulo Provação e Descrensa

Aquela senhora, aflita, viera me procurar por recomendação de um amigo que lera os meus livros. Era de Feira de Santana, Estado da Bahia. Acompanhada do esposo, rico fazendeiro da região, fora até à minha *casa*. para uma consulta. Convém esclarecer que, ao longo de minha vida de médico, tratei dos mais diversos e estranhos pacientes portadores de enfermidades psicológicas e espirituais. De modo que digo-lhes com sinceridade nada mais me causava estranheza. Já tive oportunidade de dizer, alhures, que o meu consultório mais se assemelhava a um confessionário do que propriamente a um posto médico. Não é sem razão que, no passado, os sacerdotes eram médicos, e vice-versa. A arte de curar não se distanciou da arte de crer! Sem fé, nem o médico, nem o paciente logram o êxito necessário.

Encurtando divagações, descrevo-lhes, socorrendo-me da memória que, em mim, nunca foi muito lá essas coisas, principalmente para nomes e datas, o diálogo que mantivemos. Espírito prático, eu me habituara a reter apenas o indispensável, anotando em pequenos pedaços de papel o que não me convinha esquecer.

— Doutor disse-me ela -, sou espírita há mais de trinta anos; antes de mim, a minha avó era adepta da Doutrina... Não frequento centro espírita algum com regularidade, mas sou médium. Realizo todas as semanas o Culto do Evangelho em minha casa. Estou aqui, Doutor, porque estou descrente... O meu filho foi assassinado há quase um ano um rapaz bom, honesto e trabalhador. Numa discussão com o seu sócio, levou um tiro no coração... Estou desesperada. Onde os Espíritos Amigos, que não me valeram? Eu vivia orando por ele...

— Neste mundo, minha irmã argumentei, comovido com o drama daquela mãe todos estamos sujeitos à força do carma; sendo espírita, a senhora não ignora isto... Não somos diferentes de ninguém. Não estamos no Espiritismo por mérito, mas por necessidade... Para nós, conhecer a Doutrina significa, não raro, receber o remédio antes da dor...

— Doutor, isto tudo eu sei... Tenho, no meu Estado, conversado com muitos companheiros de ideal. É fácil dizer que foi o carma que se cumpriu; é como costumamos dar o assunto por encerrado, não é? Mas e as minhas orações de mãe, não foram ouvidas?

— Nenhuma prece de mãe pelo filho é ignorada pelas Leis que nos presidem o destino. É natural a sua amargura, mas não a sua revolta. Cada espírito renasce com a sua trajetória terrestre mais ou menos definida...

— Mas o Espiritismo nos ensina que podemos mudá-la...

— Nós podemos, minha irmã, não os outros.

— O meu filho era bom...

— Nem Jesus Cristo aceitou ser chamado de bom... Acredito nas virtudes dele, mesmo porque um jovem não teria muito tempo para complicar-se na existência. Quanto mais se vive, por vezes, mais se erra...

A conversa prosseguia em tom ameno, embora, interrogando-me daquela maneira, eu me sentisse a própria Doutrina sentada no banco dos réus... A sofredora mãe me inquiria como se estivesse inquirindo a Deus, sem desconfiar que, em minha condição humana, eu, em incontáveis ocasiões, igualmente vacilava. Coisa curiosa! Quando me encontrava mais debilitado espiritualmente é que me apareciam aqueles desafios, que me obrigavam a encontrar forças dentro de mim para superá-los.

— Doutor continuava a paciente devolvame a fé... Eu já não acredito em mais nada. Estou começando a desconfiar que nem médium eu nunca fui; que tudo é invenção da minha mente... Sei que o meu menino tinha temperamento explosivo. Nisto, ele puxou a mim, mas era incapaz de fazer mal a quem quer que fosse... Devolva-me a fé, Doutor!...

— Se eu tivesse esse dom, minha irmã respondi -, haveria de sair pelo mundo... O nosso problema é que nos consideramos em situação de privilégio, e as nossas reações, quando sofremos, desmentem o que falamos quando tudo está bem conosco. Não somos diferentes de ninguém. *Estamos* transitoriamente bons, mas ainda não *somos* definitivamente bons... O passado não fica esquecido; quando surge a oportunidade, ele nos chama a inevitável ajuste de contas...

— Ele era tão jovem; ia completar trinta anos no próximo mês... Deixou a esposa, viúva, com dois filhos pequenos...

— O que vale um corpo perecível, diante da Eternidade? indaguei, observando que, naquele instante, eu nada mais possuía além de palavras para oferecer a ela e, mais que ao coração, eu precisava lhe falar à razão. No curto lapso de uma existência física, um simples acidente de percurso é capaz de mudar o rumo de uma vida. Às vezes, perder o corpo em circunstâncias trágicas pode modificar a trajetória que o espírito vem cumprindo há séculos... É provável, minha irmã acrescentei que, no Mundo Espiritual, aquele que foi seu filho na Terra esteja se submetendo agora a novas reflexões... Nada acontece por acaso.

— Não existe, Doutor, um remédio que eu possa tomar, um remédio que me arranque esta angústia do peito? Eu estou brigada com Deus; não sinto mais o menor ânimo para orar... A morte do meu filho está me acabando.

— A senhora, desculpe-me, o está sobrecarregando...

— Como assim?!

— Responsabilizando-o pela sua apatia. Imagine como, no Além, ele deverá estar se sentindo, ao percebê-la tão descrente assim... Quando responsabilizamos os *vivos* pelos limites que não ousamos transpor, responsabilizamos os *mortos*.

Verificando o efeito que, aos poucos, os meus argumentos iam tendo sobre ela, continuei:

— Se a senhora começar a se igualar a qualquer mãe de qualquer filho e admitir, mas admitir com sinceridade, que o seu menino, antes de ser seu, é patrimônio de Deus, a senhora não verá nada de injusto ou de antinatural no que lhe aconteceu. O seu filho foi assassinado? Melhor do que se tivesse sido ele o assassino... Ele partiu tão jovem e tão amado? Melhor do que se tivesse partido mais tarde, deixando sentimentos de indiferença na retaguarda... Quando sofremos sem revolta, minha irmã, o próprio sofrimento parece compadecer-se de nós e nos reabilita, ou seja, na resignação que a dor nos provoca, encontramos meios de anulá-la.

— A Verdade esclarece, mas não consola... sentenciou, cabisbaixa.

— O consolo vem da fé redargui. — A fonte nos desliza rente aos pés, mas, para saciarmos a sede, carecemos de nos abaixar. Deus nos solicita o menor esforço; no entanto, queremos que Ele tudo faça sozinho. Existe um provérbio, não sei de quem a autoria, que diz mais ou menos assim: “Que a brisa sempre esteja às suas costas e que o Sol lhe resplandeça no rosto”. Para que o Sol nos brilhe nas faces, carecemos de caminhar na direção da luz, impulsionados pelo vento das circunstâncias.

Lágrimas deslizaram, silenciosas, dos olhos daquela senhora que viera de tão longe. Antecipando-me ao seu gesto de procurar um lenço na bolsa, ofereci a ela alguns lenços de papel que eu sempre mantinha a postos para aquelas ocasiões constrangedoras.

— Perdoe-me, Doutor disse, tentando se conter. — É a primeira vez que choro em muitos meses; eu sequer quis que Deus tivesse as minhas lágrimas!... Feriu-me com

indiferença; procurei reagir à altura. O senhor é pai, Doutor? questionou-me.

— Não, minha irmã, não tive este mérito. Gostaria de tê-lo sido...

— Nem que fosse para passar pelo que eu estou passando?...

— Se essa fosse a Vontade de Deus respondi, tentando avaliar a extensão da dor tangibilizada à minha frente. — Veja a senhora prossegui sou médico, lido com muitos pacientes, cada qual, do ponto de vista psicológico, um universo diferente, e, como pode observar por esta biblioteca que nos rodeia, leio ou tenho procurado ler muito, tendo acesso a outras formas de pensar, todavia a experiência que a senhora está vivenciando na condição de mãe é única... Nesta existência, eu nunca poderei conhecer a alegria de ter sido pai ou a tristeza de ter perdido um filho ambas, acredito, experiências sumamente enriquecedoras. Eu sou estéril, senhora emendei, sem pejo. A Vida me negou o que concede até aos meus gatos...

— O senhor me desculpe a indiscrição...

— Tenho revelações de que, no pretérito, vivi de maneira devassa; devo ter deixado muito filho no mundo sem pai e abusei do sentimento alheio... Não sei quando recuperarei o privilégio de ter um descendente meu, alguém a quem o meu corpo possa ter dado corpo.

— As suas palavras me auxiliaram; estou me sentindo um tanto mais aliviada...

— De fato, minha irmã, a Verdade não consola, mas nos ajuda a pensar... A questão é que todos somos péssimos em efetuar cálculos; sabemos somar as desventuras, mas não as bênçãos. Um simples acontecimento funesto é o bastante para zerar as infinitas alegrias com que temos sido aquinhoados pela Bondade Divina.

Chamando o esposo que ela própria pedira que a aguardasse no *hall* de entrada de minha residência, pediu à ele que preenchesse um cheque com o valor da consulta.

— Não, não é necessário reagir. — Isto não foi propriamente uma consulta.

— Mas tomei tempo do senhor...

— Não. A senhora cooperou comigo.

— De que maneira?!...

Respondendo com uma evasiva, desconversei e, à saída, ainda ofereci ao casal um exemplar do meu livro “Tem Razão?”

— Deus lhe recompense, Doutor. A minha viagem não foi em vão. Jamais esquecerei o que o senhor me disse.

Quando ambos se retiraram, recostei-me na poltrona giratória e acendi um enganoso cigarro, procurando descansar o pensamento. Eu tentara dar àquela mãe sofredora o que, muitas vezes, não possuía nem para o meu próprio consumo, ou seja fé!

Naquela entrevista com o sofrimento alheio, eu fora obrigado a me superar. Sim, o maior beneficiado havia sido eu mesmo. Os meus argumentos no diálogo, que nem sei onde fora buscálos, prosseguiram me ressoando na alma e me fazendo enorme bem.

## 17º Capítulo Tendo Observado

Naqueles dias de pelejas mais intensas que, periodicamente, me ocorriam, tinha a estranha sensação de que, o tempo todo, olhos invisíveis me observavam. Eu não saberia definir aquele estado; por vezes, a impressão de que estava sendo seguido era tão nítida, que chegava a reparar em torno de mim, na esperança de surpreender o incógnito espião.

Falando com D. Modesta a respeito daquela situação inusitada, ela confirmou que com ela vinha acontecendo o mesmo:

— Os espíritos, Inácio, sempre nos acompanham para nos examinar a coerência... Aqueles que supostamente doutrinamos, em nossas sessões mediúnicas, não saem de todo

esclarecidos; não raro, permanecem ao nosso lado, por tempo mais ou menos indefinido, analisando o nosso comportamento de acordo com as nossas palavras... Se se convencem da sinceridade com que nos externamos, aceitam a argumentação de que nos valem no sentido de esclarecê-los; caso contrário, rebelam-se contra nós.

— Mas eu não tenho certeza, Modesta, se é gente *viva* ou gente *morta* que está me espreitando... Você sabe, temos muitos adversários e não são poucas as ameaças que sempre recebo.

— Ora, Inácio disse a companheira, tranquilizando-me -, quem é que teria coragem de fazer algum mal a você, que só tem se preocupado em fazer p Bem? Não há quem lhe estenda as mãos que se retire com elas vazias...

— Tenho sido contundente em meus artigos contra o Clero... Os padres me causam maior receio do que os que não acreditam em Deus; escondem muita hipocrisia sob a batina... Certo, não são todos. Muitos, ou melhor, raros são apóstolos do Evangelho, mas a maioria ainda lê pela cartilha da “Santa Inquisição”.

PR Neste aspecto, você tem razão argumentou a estimada irmã -, mas ninguém ousaria enfrentá-lo, pois, afinal de contas, hoje você é nacionalmente conhecido; se alguém o agredisse, iria parar na cadeia. Tenho comigo que o problema é de ordem espiritual...

— Às vezes redargui fico com medo de pegar uma paranoia qualquer, se é que já não me contagiei... De tanto lidar com os nossos doentes, temo o desequilíbrio, pois não temos tanta sanidade assim... Os pacientes do Sanatório, os desafetos da Doutrina e os espíritos obsessores eis a espécie de gente com a qual convivemos no cotidiano.

— Eu também, Inácio, às vezes me pergunto se não serei apenas mais um deles... Vou lhe contar o que me sucedeu ontem. Tenho uma vizinha que implica com os mendigos que me procuram em casa. Você sabe, estou sempre à disposição daqueles que me procuram no Ponto “Dr. Bezerra de Menezes”. É uma consulta, um medicamento, um agasalho algumas senhoras costumam, cooperando conosco... Em certos dias, chego a atender quase cinquenta pessoas, sendo que muitas delas são provenientes da zona rural... A vizinha vive atirando dejetos no meu quintal; ela tem dois pirralhos que já quebraram, a pedradas, diversas das minhas telhas. Venho tentando contornar. Ontem, ela chegou ao insulto máximo. Você não há de ver que, à tarde, ela enviou uma mocinha à minha casa com um embrulho, dizendo-se portadora de uma encomenda de um doador anônimo. A jovem, que não teria mais que uns **14, 15** anos, entregou-me o pacote e partiu. No entanto, ao desembulhá-lo, deparei-me com fezes de animais...

— Que absurdo! exclamei. — Que falta de respeito! E você comunicou o fato ao Major?...

— Não, o meu marido, como você sabe, teria ido à casa dela tomar satisfações e, tanto quanto possível, devemos evitar o confronto.

— Você não fez nada, Modesta? Se não desejava envolver o Major, deveria ter me chamado...

pS E o que você teria feito, Inácio? Você vive apanhando e também não reage!...

— Bem respondi, procurando amenizar -, mas eu pelo menos teria providenciado que a tal encomenda fosse para a lata de lixo...

— Tive um destino melhor para ela...

— Qual?!

— Por inspiração dos nossos Maiores, adubei, no jardim, os meus inúmeros pés de rosas roseiras adoram esterco! Dentro em breve, quando florescerem, colherei as mais lindas e as mandarei à minha vizinha com um pequeno bilhete meu...

— Isto chama-se pagar o Mal com o Bem...

— Nem tanto; melhor que eu ficasse quieta, mas, com certeza, o Mundo

Espiritual desejava lhe dar uma lição.

O assunto fora encerrado. D. Modesta, ocupadíssima, necessitava voltar para cuidar do jantar.

Manoel Roberto, que escutara parte da nossa conversa, alertou-me:

— Doutor, não é do meu feitio sobrecarregá-lo, mas creio que seja meu dever informá-lo... Nos últimos dias, tenho notado um desconhecido nos arredores do Sanatório; ele fica nas esquinas, escorado nos muros... Não sei de quem se trata; o senhor sabe que isto aqui, por vezes, é pior que porta de igreja...

— Isto, não, Manoel esbravejei, brincando -; tudo, menos porta de igreja... Mercado, cadeia, rodoviária, mas igreja não... Não rebaixe o “meu” hospital.

— Certo retrucou o zeloso amigo -, mas, de qualquer forma, o senhor tome cuidado. Afinal de contas, conforme costuma dizer, os maiores psicopatas estão nas ruas, não é?

— Estão todos à solta... Os que estão aqui conosco são os mais inofensivos; os perigosos frequentam clubes, bares, restaurantes...

Sem dar muita importância ao assunto, pois, de fato, eram muitos os andarilhos e mendigos que rondavam às portas do Sanatório, encerrei o expediente daquela tarde e me preparei para ir embora. Quando coloquei os pés para fora do hospital, notei um vulto que, dobrando a esquina, se escondera, deixando à mostra apenas um pedaço da aba do chapéu...

Entrei no carro e acelerei na rua deserta, pela qual apenas ecoavam os insistentes latidos de um cão.

Chegando à garagem de casa, quando me dispus a abri-la, fui abordado por um homem de muletas, com a face semicoberta de trapos.

— Doutoral disse-me, suplicante -, eu estou com fome...

— Estou chegando agora, meu amigo respondi -, e não tenho nada na cozinha... Você aceita uns trocados?

— Não, dinheiro não; estou é com fome... respondeu, deixando-me surpreso; que eu me recorde, ele era o primeiro pedinte que recusava dinheiro...

— Mas, com o que eu lhe der insisti -, você poderá comprar um pão com mortadela e guaraná...

— Não como essas coisas, Doutor... Eu queria mesmo era um prto de arroz com feijão e um pedaço de carne.

— Eu não tenho o hábito de jantar expliqueime, tentando equacionar o problema.

Os gatos do senhor jantam, não jantam? questionou-me com uma ponta de ironia nas palavras.

—Você tem razão disse-lhe, intuindo o que, no momento, não ficava mais claro para mim.

— Espere um pouco. A minha mãe mora nos fundos e eu vou conseguir comida para você!

Arroz, feijão e carne? perguntou.

— Carne, feijão e arroz... confirmei.

— Será muita bondade sua, Doutor!

— Bondade alguma, meu amigo. Se fosse lá no hospital, você comeria na hora, mas eu moro sozinho e a cozinheira vai embora cedo.

Após guardar o carro, disse-lhe, auxiliando a acomodar-se numa cadeira do alpendre:

— Dentro de alguns minutos, estou de volta. Escore as suas muletas na parede... Você deve estar andando longe, nunca o vi por essas bandas...

— Estou apenas de passagem... Eu moro em Veríssimo. O senhor conhece?

— Atendo pacientes de lá.

— O Doutor é famoso... É médico e espírita, não é?

Mais espírita do que médico, meu filho, e menos espírita do que eu deveria ser. Eu sou um *nada* tentando ser alguma coisa.

O homem de pele escura sorriu e eu entrei, pedindo a D. Marica, minha mãe, que morava com uma de minhas irmãs:

Prepare um bom prato de comida para mim arroz, feijão e carne...

— Uai, Inácio! retrucou a querida genitora, abeirando-se do fogão a lenha, pronta para me atender. Estou estranhando a sua fome hoje...

— É para um senhor que está lá fora comentei, enquanto voltava para tirar os sapatos, que me estavam acabando com os joanetes, e colocar um par de chinelos.

Enquanto, nos vinte minutos subsequentes, eu abria duas suculentas latas de sardinhas para os meus gatos, que, impossíveis, me passavam por entremeio às pernas, ronronando, minha mãe preparava o referido jantar, que, com certeza, seria o almoço daquele homem.

Para minha surpresa, porém, quando fui, feliz, levar ao misterioso andarilho o prato de comida, ainda fumegante, ele não mais estava lá. Em vinte minutos, simplesmente desaparecera! Pui lá fora, ao jardim, procurei-o nas redondezas, perguntei por ele a um funcionário de antigo posto de gasolina contíguo à minha casa, e... nada!

Sem entender o que havia acontecido, desapontado, tornei a entrar em casa, somente então verificando que, na ânsia de encontrar aquele senhor, eu esquecera o prato de comida, destapado, em cima da mesa da copa e os gatos estavam fazendo a festa!

Nunca mais vi o misterioso mendigo em parte alguma. Durante vários dias, por onde passasse, eu o procurava com o olhar, chegando mesmo a indagar por ele, descrevendo-lhe os traços fisionômicos, que eu não identificara bem, a outros pedintes que de hábito me batiam à porta de casa.

O fenômeno ainda me valera uma zanga da minha mãe, que, ao ver os gatos comendo no prato de porcelana de sua coleção de casamento, me chamou aos brios:

— Ora, Inácio! Não havia pobre nenhum com fome... Se você tivesse dito que a comida era para os seus gatos, eu teria providenciado numa outra vasilha...

— Não, minha mãe! tentei, em vão argumentar. — Estava um senhor de Veríssimo lá fora...

— Cuidado, meu filho! Bem que os padres dizem que o Espiritismo deixa muita gente doida!

Ela disse-o rindo carinhosamente.

## 18º Capítulo Sutilezas

Através da psicofonia de D. Modesta, recebíamos, no Sanatório, a visita do célebre pesquisador italiano, Ernesto Bozzano, autor de diversas obras que eu tanto admirava, dentre as quais cito: “Pensamento e Vontade”, “A Crise da Morte”, “Os Enigmas da Psicometria” e “Animismo e Espiritismo”. Bozzano, sem dúvida, fora um dos continuadores da Codificação Espírita, esforçando-se, ao máximo, para difundir a tese da imortalidade entre os seus compatriotas. Era a primeira vez que, digamos, de rediviva voz ele nos visitava em nosso modesto núcleo de trabalhos e nos permitia, pela médium em transe sonambúlico, o diálogo que se seguiu.

Com leve sotaque, mas falando um português escorreito, o cientista desencarnado, após breve saudação aos presentes em reduzido número, explicou:

— Talvez vos intrigue o fato de eu estar me expressando em vosso idioma... A palavra

é mera figuração do pensamento. A ideia se reveste dos mais diferentes trajes idiomáticos sem que, com isto, sofra distorções de vulto. Se eu vos falasse em italiano, as minhas palavras soariam sem eco à vossa compreensão... Eu e nossa irmã estamos nos entendendo além dos limites do alfabeto, que, em verdade, em qualquer língua, por mais rica do ponto de vista gramatical, é o cárcere do pensamento. Os espíritos, estejam no corpo ou fora dele, antes de contactarem através da palavra articulada, contactam-se pelos prodígios da percepção que transcende o verbo humano. Falamos e sentimos emitindo vibrações com as quais sintonizamos. Para a mediunidade, o fenômeno é o mesmo: antes das palavras, o médium capta as imagens do pensamento e as emoções, revestindo-as com o vocabulário ao seu dispor. Diz-se que o estilo é o homem; diríamos que o pensamento é o espírito, e vice-versa. Para vos provar que aqui sou eu mesmo, necessito de ideias e não de linguagem que, a rigor, qualquer um poderia imitar.

Efetando pequena pausa no magnífico preâmbulo, Bozzano passou a discorrer sobre mediunidade:

— A chamada percepção extra-sensorial é uma faculdade imanente; todos a possuem... Desenvolvê-la, sobretudo, é desenvolver a sensibilidade. O médium, por assim dizer, *capta por todos os seus poros* e não especificamente pelos sentidos representados pelos seus órgãos de percepção. Mediunidade é contato espírito a espírito. Nos fenômenos de psicometria, que tivemos oportunidade de estudar quando na Terra, o sensitivo entra em contato com o objeto que *rastreia* psiquicamente, auscultando-lhe a memória consubstanciada nas vibrações ou nos cumprimentos de onda que lhe são característicos. O mediano, para melhor produzir, carece de entrar em contato com elemento do Mundo Físico e do Mundo Espiritual... Sirvamo-nos de uma analogia para corroborar o que afirmamos. Alguém, observando uma casa exteriormente, poderá descrevê-la imaginando a dimensão de seus cômodos e, mesmo, o traçado arquitetônico, que a constituem internamente, todavia, para uma descrição mais exata do seu interior, deverá adentrá-la, percorrendo salas e quartos. O médium que, por escrúpulos, se priva da informação, nega aos espíritos importantes pontos de contato para que a sintonia aconteça sem maiores embaraços, parte a parte. Avancemos um pouco mais. Suponhamos que determinada entidade espiritual que, por exemplo, tenha vivido em Atenas, na Grécia, deseje produzir uma obra mediúnica narrando episódios da Hélade distante... Se o seu instrumento encarnado nada souber do Olimpo, da Acrópole, de Sócrates, de Platão e dos costumes do povo grego, muito provavelmente o espírito comunicante se frustrará em seu propósito, desistindo do intento ou, então, escrevendo um volume que será questionado no que se refere à sua autenticidade. Além de se dedicar ao estudo, o médium é alguém que necessita de exercitar a memória e apurar a sensibilidade.

Pausando novamente, o notável investigador prosseguiu:

— Recordo-me de que, quando estava trabalhando no livro “Os Enigmas da Psicometria”, o espírito Erasto, discípulo de Paulo de Tarso, que pontifica em “O Livro dos Médiuns”, de Allan Kardec, recomendou-me uma visita à determinada biblioteca em Florença. Naturalmente, questioneio acerca dos títulos dos volumes que eu deveria pesquisar, crendo que semelhante indicação de Erasto me pouparia tempo. Para minha surpresa, ele me respondeu: — “Nenhum título especificamente... Apenas folheie o maior número possível de obras, procurando concentrar-se nas mais antigas. Entre em sintonia com a biblioteca como um todo, sinta o seu *cheiro*, perceba as vibrações que falam mais que as palavras...” Assim procedendo, notei que, através dos chamados *registros acásicos* (do sânscrito *â-kâsha*: fluido), ou seja, da *memória* que todas as coisas possuem, daqueles que as tocam ou são tocados por elas, a minha própria percepção da Vida se dilatou...

As considerações de Bozzano que, à época, aproveitei quanto possível em meus

comentários espíritas nos artigos e livros que escrevi, me faziam enxergar a mediunidade em suas sutilezas inimagináveis. Quanto, de fato, os candidatos ao serviço mediúnicamente deveriam evoluir, abdicando de certos preconceitos que entravam a livre manifestação de suas potencialidades psíquicas.

Agora, permitindo que lhe endereçássemos algumas perguntas, o cientista italiano desencarnado se colocava, com simplicidade, à nossa disposição. Como nenhum dos presentes ousasse efetuar-lhe qualquer indagação, tomei a iniciativa e questionei:

— Sob o seu ponto de vista, quais as perspectivas da mediunidade para o futuro?

— As melhores respondeu, incisivo. — Todavia não olvidemos que a percepção extrasensorial por si só não basta; o direcionamento que se lhe dê é mais importante que a simples possibilidade de se intercambiar com as mais diferentes dimensões da Vida... Mediunidade sem Evangelho comparar-se-á a qualquer sentido de natureza física. Paraphraseando o Cristo, diríamos: “Se as vossas faculdades medianímicas vos forem motivo de perdição, anulai-as”...

— Em que a mediunidade poderá ser mais útil ao homem?

Conscientizando-o do seu porvir espiritual e, conseqüentemente, mudando o fulcro de seus interesses... E o imediatismo que escraviza o homem às sensações grosseiras da matéria, impedindo-o de destacar-se do corpo perecível e assumir o controle de si.

— Kardec disse tudo em termos de mediunidade?

— É evidente que não. O notável mestre lionês não teve a pretensão de dizer a última palavra; ele próprio afirmou à exaustão que se trata o Espiritismo de uma doutrina dinâmica, ou seja, suscetível de aperfeiçoar-se com o avanço intelectomoral da Humanidade... As bases, porém, foram lançadas. Kardec sinalizou o caminho que, desde primárias eras, os homens percorriam de maneira aleatória. A abordagem indiscriminada do Mundo Espiritual foi o que levou Moisés, o grande legislador hebreu, a coibir os abusos. Neste sentido, a Codificação jamais será ultrapassada. Evidentemente, no entanto, que, com um pouco mais de um século, a Ciência Espírita ainda está no seu alvorecer.

— E o animismo?

— Merece mais cuidadosa análise. A alma do médium não pode ser subtraída do fenômeno. A este respeito, admito que alguns apontamentos meus necessitariam ser revistos. Com o intuito de afastar o fantasma da mistificação, generalizamos, e toda generalização tende a equivocarse. O animismo genuíno não existe. Sem a efetiva participação do médium, não existe mediunidade. Aliás, devemos pugnar por uma mais consciente participação do medianeiro no intercâmbio entre as Duas Dimensões da Vida.

— O que teria a dizer quanto aos interesses subalternos na mediunidade?

— Deixa de ser mediunidade para ser obsessão. O vampirismo espiritual é mais frequente no que chamais de mediunidade do que podeis supor. Sem ética, o médium passa a ser um instrumento questionável. Falanges inteiras de desencarnados se interessam em manter a Terra na retrógrada condição espiritual em que, infelizmente, ela ainda se encontra. Espíritos existem que, há séculos, resistem à Divina Luz do Cristo e não se mostram dispostos a converter-se tão cedo.

— O Espiritismo cumprirá o seu papel?

— O Cristianismo logrou ou tem logrado cumprir inteiramente o seu? Não nos esqueçamos da sábia advertência de Denis: “O Espiritismo será o que dele os homens fizerem...” Em vosso meio, já se encontram corporificados vários agentes das trevas, com o intuito de comprometer o avanço da Terceira Revelação. Vede as constantes polêmicas em torno do seu caráter religioso...

— Qual a sua opinião?

— Quem se dispõe a aceitar a Verdade deve abdicar de toda e qualquer visão

personalista. A rigor, não existem ciências: existe Ciência. Um conhecimento não se dissocia de outro... Todas as realidades são coexistentes. Não há Ciência sem Religião, e vice-versa. O que carece ser combatido são o fanatismo e a excessiva tendência mística do homem.

— Surgirão novos medianeiros que impulsionem a Doutrina?

— Todos vós sois chamados a dar o vosso quinhão. A responsabilidade da Nova Revelação não pode recair apenas sobre os ombros dos médiuns ou... dos espíritos. Pesquisai. Prometeu foi ao Olimpo e trouxe para a Terra o fogo dos deuses... Cooperai conosco. Não é lícito que tudo espereis da mediunidade, cruzando os vossos braços. Abandonai o comodismo. Onde estão os pesquisadores espíritas da atualidade? Refiro-me aos homens sensatos e não aos que deliram.

— A escada de Jacó...

— É um símbolo perfeito dos esforços que devemos conjugar, encarnados e desencarnados, para a vitória dos nossos ideais. Se nos dispomos a *descer* por ela, de vossa parte, por ela deveis vos dispor a *subirl*...

Naquela noite, eu extrapolara o tempo. Quando consultei o meu relógio de bolso, verifiquei que quase duas horas de reunião haviam transcorrido, sem que eu absolutamente me desse conta.

Despedindo-se com um “até breve”, Ernesto Bozzano legara-nos farto material de reflexão e análise.

Voltando do transe, Modesta, sempre zelosa de tudo que concernia à Doutrina, também parecendo pressagiar sua não muito remota partida do plano terreno, solicitou-me:

— Inácio, não divulgue com claras palavras a visita que recebemos hoje... Deixe isto para depois de minha desencarnação. Você sabe, para o médium, os nomes ilustres sempre trazem complicação. Fiquemos só com os nossos “guias” mesmo...

## 19º Capítulo No Corpo e na Alma

Aquela jovem que nos fora encaminhada pelo Hospital do Pênfigo Foliáceo, de Uberaba, chegara em situação lastimável.

— Qual é o seu nome, filha? indaguei, no curto diálogo que entabulamos, antes de providenciar a sua internação no Sanatório.

— Marta Maria, Doutor respondeu-nos, com o corpo todo coberto de empolas, ou bolhas, e manchas cutâneas fragmentadas, rubras. Chegou estendida sobre uma maca.

— *Marta Maria*... Bonito nome!

— Foi a minha falecida avó que o sugeriu.

— As irmãs de Lázaro, o ressuscitado! exclamei, aludindo ao episódio ocorrido em Betânia, do qual, posteriormente, o Senhor também seria acusado pelo Sinédrio: trazer os *mortos* (aliás, pseudomortos) de novo à vida... Qual é a sua idade? prossegui.

— Vinte e dois... Nasci numa fazenda perto de Barretos. O senhor conhece?

— Nunca estive lá, mas sei onde fica. Quando foi que você ficou doente?

— Da pele ou dos ataques que sinto?

— Dos dois... Conte-me desde o começo.

— Desde menina, Doutor, eu escutava vozes que me ameaçavam, tinha medo do escuro e não dormia direito...

— O que as vozes lhe diziam?

— Que iriam me matar, colocar fogo no meu corpo... Clamavam por vingança.

— Quem é que estava cuidando de você?

— Uma madrinha... A minha mãe morreu quando completei seis anos, e o meu pai, logo que fiquei doente, foi picado por uma cobra; não tive irmãos...

— Você mora com a sua madrinha?

— Morava, mas o segundo marido dela não me quer mais em casa; diz que a doença é contagiosa... Eles têm um casal de filhos pequenos.

— E os ataques epiléticos?

— Sinto uma sombra se aproximar de mim e não consigo evitar... Tento correr, mas as minhas pernas não obedecem eu não saio do lugar. Dizem que quando eles acontecem, eu falo muita coisa...

Marta Maria era uma morena de olhos esverdeados; não fosse pelo “fogo selvagem”, sem dúvida, haveria de despertar muitas paixões. O quadro, no entanto, era de difícil descrição: da cabeça aos pés, a jovem apresentava descamações características, exalando odor desagradável. As unhas das mãos, para que não se coçasse, complicando a cicatrização das chagas, haviam sido aparadas ao máximo e as pernas, praticamente em carne viva, estavam cobertas por um fino lençol. Ao cheiro forte da epiderme em deterioração, juntava-se o da pomada de enxofre que lhe era aplicada duas vezes ao dia.

— Lá no Hospital do Pênfigo, Doutor continuou a descontraída moça parece fogo combatendo fogo... D. Aparecida é muito boa para nós? uma verdadeira mãe. Depois da imersão na banheira, que fica tingida de sangue, ela nos passa a pomada, que é fabricada lá mesmo.

Manoel Roberto, que atendera a ambulância que trouxera Marta Maria ao Sanatório, comentou comigo em voz baixa:

— D. Aparecida mandou dizer ao senhor que, nos últimos tempos, é um dos quadros mais renitentes que ela tem visto; o fígado da jovem já está comprometido e, também, há suspeita de câncer de pele...

Enquanto o Enfermeiro-Chefe me segredava tais palavras aos ouvidos, ainda na maca, a paciente caiu em transe. Os olhos reviraram-se nas órbitas, os músculos tetanizaram-se e, de dentes cerrados, *ela* começou a dizer:

— Não adianta!... Ela é minha! Não descansarei enquanto não a levar comigo! Vocês estão comovidos? As aparências enganam. Ninguém sabe o que ela me fez... Há quase um século que eu a procuro...

Como o momento não se prestasse a qualquer doutrinação de espíritos, pedi a Manoel Roberto que me auxiliasse na transmissão de um passe. Pousando-lhe a destra na fronte, coberta de pomada e suor, roguei a intercessão dos nossos Maiores. Logo, passados alguns segundos, a moça foi se aquietando e as convulsões diminuindo de intensidade.

De fato, o assunto era complexo. Eu também ainda não vira nada semelhante! Epiléticos eram frequentes no Sanatório, mas não com aquelas características.

Enquanto Marta Maria se recuperava daquele estado de lassidão, o companheiro detalhou:

— D. Aparecida acredita que ela não terá mais muito tempo de vida, Doutor. Enviou-a a nós para ver se conseguimos curá-la do problema obsessivo, antes que o seu desenlace físico se concretize. Os ataques são frequentes, ocorrendo até três, quatro vezes ao dia...

— É natural respondi. — Ela está fragilizada... Conversaremos com a Modesta. Por enquanto, vamos mantê-la no isolamento, mas não quero que fique sozinha. Vamos nos revezar; quero alguém de hora em hora entrando no quarto...

— Qual a prescrição, Doutor?

— Vamos hidratá-la. No mais, água fluidificada e passes todo dia. Pelo inchaço do rosto, ela deve estar tomando muito corticoide; as funções renais certamente estão comprometidas... Não vamos sedá-la.

— Como está, minha filha? reaproximandome, indaguei da desfigurada paciente algo sonolenta.

— Um pouco melhor... Quem é ele, Doutor?

— Quem?...

— O homem que entra no meu corpo... Ele parece me odiar.

— Talvez seja impressão sua® desconversei. — Em essência, ninguém odeia ninguém. O ódio é um sentimento imaginário. Só o amor é real. Às vezes, Marta Maria, adoecemos... A doença do espírito é a pior. Jesus Cristo vem tentando nos curar, até hoje...

— Eu não o odeio, Doutor, mas quando ele vai embora, fico com o corpo todo dolorido; tenho a impressão de que ele me espanca por dentro...

Fazendo pequena pausa, interrogou-me:

— O senhor acredita em reencarnação?

— Sim, acredito.

— Lá em Barretos, um senhor que ia me visitar me dizia que, noutra existência, eu devo ter feito mal a alguém...

— Isso não é privilégio seu brinquei.

— Como assim?

— Todos somos espíritos comprometidos...

— Mas eu sofro muito... Será que eu vou me curar? Sabe, Doutor, eu gosto de um rapaz; quando eu tinha dezesseis anos nos conhecemos numa festa... Depois que eu comecei com este problema na pele, ele se afastou.

— Pretendentes por aqui é o que você mais vai ter; e vou avisando que já estou na fila disse, conseguindo arrancar discreto sorriso daquela flor humana prestes a se despetalar.

— O senhor acha que eu melhoro? p insistiu.

— É claro respondi, convicto.

— Ainda nesta vida?...

— Todos, de fato, temos muitas existências, mas a Vida é uma só... Ignoro de quanto tempo de tratamento você vai precisar, mas posso garantir que será curada.

— Doutor, o quarto está pronto interrompeu-nos Manoel Roberto.

— Você será nossa hóspede por alguns dias, Marta Maria!... O seu nome é muito sugestivo; fazme lembrar de um texto produzido por um dos meus autores prediletos observei, ajeitando o quase transparente lençol sobre o seu corpo desnudo.

— Qual? perguntou-me, interessada.

— Victor Hugo!...

— O que ele escreveu a respeito do meu nome?

— Escreveu que Marta está onde termina a Terra e Maria onde começa o Céu...

— Eu não entendi...

— É que Jesus se hospedava na casa delas duas, que eram irmãs de Lázaro, um de seus amigos. Quando Ele as visitava, Marta, ao invés de imitar o exemplo de Maria, que permanecia a seus pés a ouvi-lo em suas inesquecíveis pregações, absorvia-se na faina doméstica; ora, Marta, convenhamos, poderia cuidar disso depois...

— Eu também concordo.

— E você, minha filha, está mais para Marta ou para Maria?...

Com os olhos lúcidos e lindos que se encheram de lágrimas, a única parte de seu corpo que, a rigor, não fora tocada pelo pênfigo foliáceo, a Jovem respondeu, tristonha:

— Eu queria ser mais Maria do que Marta!...

Manoel Roberto, uma vez mais, intervirá no momento certo:

— Está na hora do almoço...

— Viu, filha, como é difícil ser Maria com o estômago vazio? Qual o cardápio?...

questionei.

— Arroz, feijão, frango caipira, polenta e quiabo...

— Eu não posso comer carne, Doutor...

— Pode, um pedacinho, você pode expliquei, avaliando que, diante da gravidade do seu quadro clínico, não faria a menor diferença, ainda mais tratando-se de carne branca.

Acompanhei-a até o isolamento, verificando se ela haveria de ficar bem acomodada, e pedi ao próprio Manoel Roberto que se esforçasse no sentido de que a paciente se alimentasse. Precisávamos de tempo.

No outro dia, quarta-feira, eu e a irmã D. Modesta fomos visitá-la de manhã. A enfermeira que praticamente passara a noite ao seu lado informou:

De madrugada, ela teve uma crise...

— Epilepsia? perguntei.

BpS Um pouco diferente, Doutor explicou a experiente cooperadora. — As reações são idênticas, inclusive incontinência urinária, mas ela falou coisas estranhas...

— Voltou logo?

— Foi uma crise rápida.

— Marta Maria, esta é a nossa D. Modesta; D. Modesta, é a nossa Marta Maria, que nos chegou ontem disse, apresentando uma à outra.

— Como vai, minha filha? indagou a abnegada companheira, tomando a destra da menina entre as suas mãos.

— Bem, e a senhora?...

## 20° Capítulo Ódio e Desdita

Vale ressaltar que, no caso de Marta Maria, os anti-convulsivantes que lhe haviam sido prescritos por um clínico surtiam pouco resultado; apesar de os medicamentos lhe serem ministrados com frequência, as crises epiléticas não se reduziam satisfatoriamente... A enxertia psíquica que se estabelecera entre ela e o algoz desencarnado como que anulavam, em nível de quimismo cerebral, os efeitos dos remédios.

— Graças a Deus, tudo em paz, filha respondeu Modesta, com a voz embargada.

A senhora acha que eu vou sarar?

Sem dúvida. Você não estava assim antes, não é? Qualquer doença é um estado transitório... O importante é não perder a esperança.

— Tenho medo da morte...

— Ora, a morte não existe; o espírito sobrevive...

— Não é bem da morte em si; o meu receio é que ele fique me esperando e me impeça de me encontrar com a minha mãe...

— Ele quem?

— A *sombra* que se aproxima de mim... Tenho a impressão de que se trata de um homem morto... Ele me diz coisas horríveis.

— O que, por exemplo?

— Que falta pouco para eu estar com ele e que, então, a sua vingança será completa.

— Ele a acusa?

— Diz que sou responsável por aquilo em que ele se transformou... Eu não me lembro de, algum dia, ter feito mal a alguém.

— Às vezes, não temos a intenção observou D. Modesta, referindo-se, com certeza, aos equívocos do sentimento que, não raro, induzem os outros a sofrer...

— Só se foi em outras vidas, senhora. Mas, mesmo assim, eu não sinto em mim a

menor inclinação para fazer o mal.

— Não vasculhemos o passado, que, em quase todos nós, é um sombrio ponto de interrogação...

A rápida conversa foi encerrada. A jovem, que me parecia mais frágil que na véspera, se revelava mais tranquila, respondendo positivamente ao tratamento espiritual intensivo; o ambiente do Sanatório me parecia lhe ter sido extremamente propício, prova evidente de que os nossos Benfeitores permaneciam agindo nos bastidores da Vida de Além-Túmulo.

Naquela quarta-feira, Marta Maria teve apenas uma crise, assim mesmo sem a gravidade das anteriores. À época, estávamos cuidando de mais de quarenta pacientes, entre homens e mulheres, e, em todos eles, o problema de obsessão se caracterizava.

Eu sempre me preocupei com a situação dos obsidiados que desencarnavam sob o assédio de seus perseguidores; segundo relatos da virtuosa médium, muitos continuavam presas de seus algozes invisíveis que, mesmo tendo consumado parcialmente os seus intentos, não perdoavam aos desafetos... O ódio era uma corrente de aço cujos elos careciam de ser rompidos, para que os mutuamente envolvidos se libertassem. Havia casos também em que a vítima na Terra, nas dimensões extra-físicas passava a ser o verdugo, pois, quando o obsessor saciava a sua sede de vingança, o obsidiado, se refazendo, partia para a desforra.

Na sessão de desobsessão daquela noite, assim que caiu em transe, D. Modesta ofereceu passividade ao espírito que atormentava Marta Maria.

— Larguem-me! disse, quase a vociferar. — Não me obriguem... Eu não desrespeito vocês. O que querem de mim? Estou apenas cobrando uma dívida... Não interfiram!

— Acalme-se, meu irmão dialoguei, concedendo tempo para que a entidade comunicante melhor se explicasse.

— Vocês não conhecem o meu drama. Eu amei essa mulher e fui traído por ela. Namorávamos, e ela acabou cedendo ao dono da fazenda em que trabalhávamos, um homem de muito dinheiro. Ao sabê-la grávida, ele a abandonou e ela me mentiu, dizendo que o filho era meu. Fiquei feliz e providenciei tudo para o casamento. A criança nasceu, mas não se parecia nada comigo; eu era mulato, e o menino, de pele clara, tinha os cabelos loiros... Aguentei humilhações maledicentes e me sentia desmoralizado. Apesar de tudo, eu era louco por ela. Fomos levando a vida, mas, de nós dois, não conseguíamos filhos. Passaram-se quase cinco anos e eu continuei sufocando aquela amargura que, aos poucos, me induzia ao desequilíbrio.

Tomando fôlego, o obsessor prosseguiu contando a versão da triste história de sua vida.

— Aconselhado por um amigo e sem nada dizer a ela, ajuntei um dinheiro e fui ao médico; após vários exames, o resultado foi que eu era estéril, ou seja, jamais poderia ter filhos meus...

Guardei segredo do diagnóstico, pois a infeliz vivia me cobrando um filho. Procurei compensar, cercando-a de carinho e tratando como se fosse meu o menino que eu tinha certeza que não era. Com o tempo, porém, o desgaste em nosso relacionamento foi acontecendo e o amor que havia sobrado se transformou em indiferença. Até que um dia...

— Continue, fale, desabafe encorajei-o.

— Não sei por que hoje estou lhes dizendo tudo isto... É a primeira vez que me abro com alguém assim. Isto tem tanto tempo, no entanto para mim parece ter sido ontem...

— Para o ressentido, meu irmão, o tempo é uma cadeia...

— Deve ser mesmo... Mas o que fazer quando o ressentimento nos engole? Eu desapareci por completo! Eu não existo!... A minha única saída é a vingança; sinto

necessidade de fazê-la sofrer... Quero lavar a minha alma e esquecer a dor que ela me causou. Eu vivia de enxada nas mãos para sustentar as vaidades dela, dando de comer ao filho que era objeto de meu escárnio nas redondezas... Todavia o pior ainda estava por acontecer.

— Prossiga, não esconda mais nada. Estamos aqui para auxiliá-lo em definitivo insisti, fraternalmente. — Você ia dizendo: *até que um dia...*

— Até que um dia, quando voltava da roça, ela estava me esperando na porteira do rancho em que morávamos e, sem meias palavras, me contou que, finalmente, havia engravidado de mim... O mundo rodou aos meus pés e quase desfaleci. Interpretando a minha reação como alegria inusitada, certamente movida por um segundo arrependimento, ela me cobriu o rosto de beijos que, instintivamente, eu procurava evitar. A minha cabeça era um vulcão prestes a explodir... Tive ímpetos de matá-la ali mesmo, cortá-la em pedaços com a foice e atirá-la no rio repleto de piranhas que corria próximo. A grande custo, me contive uma vez mais, pois, apesar de tudo, eu a amava... Não me obriguem a contar o resto, pois o meu ódio ainda não acabou; não descansarei enquanto não a reduzir a cadáver!...

— Mais ainda, meu irmão...? ousei questionar.

— Mais, muito mais... Por causa dela, a minha vida acabou. Ela me destruiu, me matou duas vezes: primeiro, me feriu os brios de homem e depois me consumiu a alma... Eu não tenho alternativa. Não me fale em recomeço, reparação... De há muito, tenho ouvido essa conversa. Afinal de contas, quem é que deve a quem? Ela é a única responsável pelo meu inferno...

Em meio à penumbra do salão, a entidade que D. Modesta incorporava de rosto transfigurado continuou:

— Durante quatro meses arquitetei um plano. Eu não podia deixar que o ventre dela crescesse... Eu não sei como (devia ser devido a um dos poucos amigos a quem confidenciara o resultado negativo do meu exame de fertilidade), mas comentava-se que eu era estéril. Comecei a beber e chegar embriagado a casa, espancando-a. Coisa curiosa: no garoto louro, que não era meu, eu não tinha coragem de encostar um dedo sequer... Fisicamente, ele em nada se parecia comigo os seus traços delicados contrastavam com a genética da minha raça; a minha avó materna havia sido uma negra pega a laço nos tempos da escravidão... Um dia, totalmente possesso, tomei a decisão: à noite, quando os dois estivessem dormindo, eu atearia fogo ao rancho. Era, até certo ponto, comum que ranchos se incendiassem o lampião, o querosene... Eu me safaria. Daria o alarme. Correria à cidade, desesperado. Encheria a cara de pinga... Transformaria em cinzas a minha vergonha! Quem sabe, eu acabasse me convencendo de que tudo havia sido pela Vontade de Deus... Então, numa noite tão escura quanto a que minh'alma mergulhara, deixei a esteira e, sem qualquer remorso, espalhei o líquido inflamável por dentro e por fora de nossa casa de pau-apique, coberta com folhas de indaiá. Cego, absolutamente cego, como se estivesse escutando zombaria dos colegas e as conversas irônicas, acendi a binga e...

Nesse instante da narrativa, do isolamento em que Marta Maria descansava, um grito ecoou no recinto onde a nossa reunião mediúnica se processava.

— Grite, infeliz! bradou o espírito, movimentando a cabeça de D. Modesta para trás. — Grite e chore!... Ainda que eu a faça chorar mil vezes, isto não valerá pelo que você me fez! Eu não esqueço, eu não perdoo!... A sua alma que, infelizmente, é imortal, é que precisaria ter se consumido naquelas chamas!

— Tranquelize-se, meu irmão, e contenha-se apelei. — Estamos num hospital e todos somos doentes. Quanto mais fundo lancemos os nossos irmãos no abismo de nossos rancores, mais profundamente seremos compelidos a descer com o propósito de

resgatá-los.

— Quando o rancho começou a ser envolvido pelas labaredas, escutei os gritos do filho que, sem perceber, eu estava amando como se tivesse sido gerado por mim: — “Papai! Papai! Socorro!... Tirenos daqui! Papai, onde está o senhor!...” O mal que, até então, ainda não estava em mim completamente deixou-me lúcido por instantes e, de todas as formas, tentei invadir a palhoça para resgatar o garoto louro das chamas... Inútil! Tudo estava consumado. Aquela mulher, agora, me transformara também num assassino de crianças. Com o corpo chamuscado, tive um álibi perfeito. Ninguém me acusou de nada. A polícia, sem viatura, sequer fora ao local investigar, acreditando nos meus bons antecedentes e enaltecendo o meu heroísmo por tentar salvar a família. O corpo carbonizado daquela que me incendiara a alma, ao ser removido, estava sobre o corpo do menino... Chorei convulsivamente, mas, aos poucos, o pranto outra vez cedeu lugar ao ódio. Aquela mulher era duplamente culpada! Morrera, é verdade, mas, embora prosseguisse vivo, eu também morrera, e morrer sem morrer significa morrer duas vezes!...

Enquanto D. Modesta respirava, eu, discretamente retirando do bolso do jaleco o meu lenço surrado, tentei enxugar as lágrimas que não contive.

## 21º Capítulo O Menino Ilumidado

— Enlouqueci desdobrou-se a cruel narrativa. — Enquanto vizinhos e amigos de mim se compadeciam, manifestando solidariedade, pesadelos terríveis povoavam as minhas noites. Via-me, implacável, atando crianças e mulheres indefesas e ateando-lhes fogo às vestes... Acordava suando abundantemente e... mergulhei mais profundamente na bebida. Nem cuidando da lavoura eu tinha sossego. Escutava vozes que me acusavam, gargalhadas sarcásticas que não se apiedavam do meu sofrimento. Por vezes, conversava alto no meio do mato, tentando me defender e justificar o que fizera, como se para tamanho crime houvesse justificativa plausível; alegava que fora atingido em minha honra e que aquela mulher, que eu amara perdidamente, arrasara com a minha vida... — “Assassino de criança!... Você nunca mais terá paz!... O que fez haverá de pesar na sua consciência para sempre!...” eram pensamentos que me ecoavam, com insistência, na cabeça. Não resisti. Tomado pelo remorso e pelo ódio, esvaziei quase um litro de aguardente e caminhei, resoluto, para as margens do rio... Mais de seis meses haviam se passado daquela noite terrível que me fizera conhecer o Inferno. Bêbado e chorando, antes de me atirar às águas traiçoeiras, repletas de piranhas, amaldiçoei o espírito daquela mulher que me reduzira a nada... Onde estava Deus, que não interferia? Por que o Criador não me pulverizava o ser, deixando-me em minúsculas partículas, em pó, disperso no Universo? Subindo numa figueira próxima à barranca, saltei para a morte...

O silêncio se fez mais pesado e aquele homem prosseguiu, evidenciando extrema perturbação:

— Está satisfeito agora? Você não queria saber? Me absolve ou me condena? Você não é o juiz neste tribunal? Quantos anos de prisão? Ainda tem coragem de defendê-la, aquela que me traiu e me transformou num criminoso? O que ela está sofrendo, acredite, é ainda muito pouco... Você não pode avaliar a minha situação... Em meu lugar, qualquer um teria feito o mesmo ou pior.

Aquele era o instante de falar. Questionandome, a entidade me dava o direito de responder. E, rogando inspiração ao Alto, iniciamos mais proveitoso diálogo:

— Meu irmão, a sua história é impressionante, dolorosa... Não estamos aqui para contestar o seu direito ou duvidar dos seus sentimentos. Mas o que você pretendia já se consumou... A taça de fel está transbordando a sua e a de nossa infeliz irmã.

, — Recuso-me a beber com ela na mesma taça...

— No entanto ambos elegeram o mesmo cálice... Queira você ou não, os seus destinos estão entrelaçados. Nem com a morte do corpo vocês conseguiram se distanciar um do outro... No fundo, ainda existe amor.

— Não blasfeme! Eu sempre a amei mais do que ela a mim...

— A nossa irmã está morrendo...

— Que nada! A morte, infelizmente, não existe... Mil vezes morrer e encerrar isso tudo. Ela viverá para o meu tormento. Eu a esperarei, para fulminá-la com o meu ódio... Quero que ela veja com os seus próprios olhos a que me reduziu; se ela tem feridas no corpo, eu tenho chagas no coração...

— O perdão seria remédio para os dois...

— Perdoar?! Ora, não delire... Eu, perdoarlhe?! Depois de tudo, resolver assim tão simplesmente?... O perdão é uma palavra terrível. Ponhase você no meu lugar. Está tudo perdido...

— Vocês poderão recomeçar...

— Em que condições? Não se esqueça de que eu sou um suicida e um criminoso... Você me quer arrastando-me no mundo? Verme por verme, estou melhor assim; o meu ódio me sustenta.

— Você está perdendo precioso tempo... Jamais conseguirão se separar; você está imantado a ela... A sua esposa é hoje uma outra pessoa. O sofrimento torna maleável o aço dos nossos sentimentos. Há quanto tempo estão juntos?...

— Não sei, uma eternidade... Estou esperando ela morrer para que eu me liberte. Irei para longe... Dizem que existem desertos no Espaço; me isolarei num deles... A Vida não me interessa, Deus não me interessa. Se estou condenado a viver, que seja à minha maneira...

— Você se cansará... O mal não está na natureza do homem.

— Não! Como, então, desde crianças, revelamos tendência para a destruição?...

— Somos imperfeitos, ignorantes, não maus. A ignorância não nos permite senso do que é correto. Deus habita em nós; inútil que Dele tentemos nos distanciar... Aproximando-se do Criador, a criatura descobre a verdadeira identidade.

— Sou um homem rústico e não entendo. Apenas sei que ninguém conhece a Verdade...

— O Amor é mais importante que a Verdade; quem ama vivência a Verdade sem conhecê-la...

— Eu não sei o que é o Amor e duvido que alguém o saiba...

— Você sabe arrisquei, tentando dar um novo direcionamento à conversa.

— Eu?! Não ironize; respeite a minha dor...

— O tempo todo você está evitando tocar em significativo capítulo do seu drama.

— Não estou entendendo; seja mais claro...

— Onde está o filho que você adotou como se fosse seu? Onde está o menino louro, pelo qual não hesitou em enfrentar o fogaréu?

O espírito urrou e se debateu no corpo da médium como se houvesse sido ferido de morte.

— Não, não! Não me recorde dele, peço-lhe. Não me debilite as energias. Preciso concentrarme na minha vingança. Não traga sol para a minha alma, que se habituou à escuridão! O Amor, se existe, está para lá das estrelas... Não me fale dos anjos...

— Ele não era seu e você o amava; não descendia do seu sangue, mas provinha do seu espírito...

— “Papai!” foi a única palavra doce que escutei na vida. Por vezes, ele me esperava na porteira e eu o colocava nas costas, brincando de cavalgar... Proíbo você de apelar para os meus sentimentos mais ternos.

— Sentimentos? foi minha vez de indagar. — Então, admite tê-los?

— É um território sagrado e inexpugnável dentro de mim; prefiro ignorá-lo...

— Como você pode amar o filho e odiar a mãe?

— São coisas antagônicas... O coração tem dois lados.

— Mas pulsa no mesmo ritmo...

— A noite nada tem a ver com o dia...

— É o mesmo que dizer que o lado direito do corpo pudesse viver sem o seu lado esquerdo... Como amar os que amamos, odiando aquela que é amada por eles? E se ele, o menino de cabelos louros, viesse pedir que você lhe perdoasse a mãe?

— Não me chantageie... Isso é loucura! Eu nunca mais o vi e creio até que ele tenha se esquecido de que eu existo. Estou sozinho...

— Você se isolou voluntariamente. Os nossos olhos só enxergam o que queremos ver...

— O ódio ocupou-me a mente. Pare com essa conversa... Você está me deixando fraco. Eu quero ir embora... Preciso voltar para o lado dela; está na hora de eu entrar no corpo mal-cheiroso dela... O corpo dela é a minha tumba e a sua alma o meu esquife.

— “Pai de Infinita Misericórdia comecei a orar -, socorrei-nos em nossas debilidades e compadecei-Vos de nossos males... Precisamos de Vós, como a flor mirrada do deserto necessita do orvalho da noite. Por piedade, vinde em nosso auxílio! Tocai o nosso coração endurecido e fazeinos ver a luz que esplende à nossa volta... Intercedei, Senhor, para que a nossa ignorância não se prolongue por mais tempo e aproveitemos todas as oportunidades de nos redirmos que a Vossa magnanimidade nos concede. Não nos levantaremos, sem o concurso das Vossas mãos! Fazei cessar em nós o ressentimento de que já nos encontramos cansados e anulai toda inclinação que ainda revelemos para o mal. Libertai-nos! Sem que sejamos amparados por Vós, eternizaremos as próprias penas e jamais conheceremos a alegria. Que os Vossos prepostos, anônimos seareiros da Espiritualidade Maior, venham, em Vosso nome, em nosso auxílio neste momento. A nossa Marta Maria agoniza na esteira das provas que entreteceu no passado e, aqui, o nosso irmão revela-se extremamente necessitado da Vossa proteção... Permiti que, doravante, um novo caminho se lhes descerre à visão e a brisa de uma esperança nova lhes refrigere as almas combalidas. De Vós esperamos o que em nós não encontramos para dar... Seja, no entanto, hoje e sempre, segundo a Vossa sacrossanta vontade!...”

— Que luz é essa, meu Deus! exclamou o desencarnado infeliz, ao término da oração que acompanhara em silêncio. — Há quanto tempo não vejo claridade alguma!...

— Atente para o fenômeno, meu irmão; procure fixar a luz...

— Não, não é possível... Eu sou criminoso e suicida!

—Acima de tudo, você é filho de Deus, e Deus é Perdão!...

— Depois de tanto mal que fiz...

— Todo e qualquer Mal não se compara a uma única atitude no Bem...

— Eu não vejo futuro para mim...

— Alguém o guiará...

— Quem?...

— Veja com os seus próprios olhos. — Observei, confiante, quase instintivamente, chegando a divisar o quadro que se formava.

— É um menino iluminado que me estende os braços e me chama de pai!...

Confesso-lhes que não tive mais argumentos e sequer pude seguir com a doutrinação. Dentro do peito, o coração disparara e, emudecido, agradei mentalmente à intercessão

dos nossos Benfeitores.

A entidade não acrescentara ao nosso diálogo mais uma só palavra. Sem os recursos da clarividência, soube, depois, por D. Modesta, que, amparado pelo filho, que finalmente encontrara condições de vir ao seu encontro, tivera início o seu processo de reconstrução íntima.

No entanto, não obstante liberada do assédio daquele que a supliciava, a situação física de Marta Maria piorara sensivelmente.

## 22º Capítulo O Desenlace

Por um pouco mais de dois meses, nos foi dado conviver com Marta Maria. Apesar de sua acentuada fragilidade e complicações de natureza orgânica, as crises epiléticas desapareceram.

— Doutor dizia-me -, estou sentindo uma paz que nunca experimentei... Aquela sombra que entrava no meu corpo desapareceu. Não sei como agradecer a vocês, ao senhor e D. Modesta. Tenho dormido com facilidade e, por vezes, vejo que o meu espírito se liberta. Sonho com lugares lindos, que estou num campo todo coberto de flores e que uma criança caminha na minha direção... O peso que me oprimia desapareceu, mas começo a duvidar de que vou melhorar. Não sei...

— Não percamos a fé, minha filha. O amanhã pertence a Deus argumentava, observando que, lentamente, a jovem se desembaraçava dos laços que prendiam ao corpo desfigurado. — Sejam os otimistas e nos confiemos à vontade Daquela que sabe o que é melhor para nós.

— Não sei como agradecer... Este hospital, para mim, está sendo uma bênção. Sinto-me leve e... não tenho receio da morte; quando ela vier, será bem-vinda...

— A morte não existe. As vidas que vivemos se sucedem ao infinito. Cada existência física é uma simples página no livro da Eternidade. Não é a primeira vez que aqui estamos e, com certeza, não será a última...

— Agora entendo. Deus não seria Deus, caso nos reservasse outro destino. Eu não tive, nesta existência, oportunidade de ser feliz... Fiquei órfã de mãe muito cedo e, quando veio a doença, todos me abandonaram. Por que outros teriam diferente sorte, não é?

— Não vivemos, minha filha, à mercê das circunstâncias. Deus é Pai de Infinita Bondade. Tudo que nos sucede é consequência de uma ação. O esquecimento do passado é semelhante ao anestésico para quem deve se submeter a uma cirurgia; imaginemos alguém sendo operado, sentindo os efeitos do bisturi e guardando plena lucidez da dor... Com certeza, o sofrimento dele seria maior e acabaria por pedir a morte. Em tudo, precisamos admirar a Sabedoria do Criador.

— O senhor tem razão..., Coisa boa eu não devo ter feito no passado. Ninguém nos odeia de graça. Aquela *sombra* que invadia o meu corpo e me possuía a alma vinha para me cobrar...

Nos diálogos que eu tinha oportunidade de manter com Marta Maria, algo me levava a intuir no sentido de prepará-la para o desenlace, que pressentia próximo. Assim que aquela entidade se afastou, um quadro febril persistente se instalou e as suas funções renais se agravaram. Coisa curiosa: antes, ao estetoscópio, o seu coração batia forte e ritmado; agora, no entanto, as pulsações cardíacas vacilavam... De certa maneira, o espírito que com ela havia se comprometido a sustentava em sua vitalidade.

O semblante sofrido daquela jovem quase que se transfigurara e a sua resignação me levava às lágrimas. Raras vezes, eu conseguia conversar com ela, sem ter que

interromper o nosso diálogo, alegando qualquer coisa para ir enxugar, fora do quarto, os meus olhos molhados.

— Doutor falou-me um dia -, não chore por minha causa. O senhor é como se fosse o pai que, infelizmente, não tive. Fico triste quando o vejo acabrunhado... Não precisa esconder de mim a verdade; sei que a minha vida está por um fio... Como é que eu poderia sobreviver neste corpo? A doença praticamente o destruiu; por vezes, Doutor, eu mesma não suporto o cheiro forte que emana das bolhas pustulentas... Não posso, no entanto, me desesperar; eu só tenho a agradecer... Sinto que o objetivo desta minha existência era curar as enfermidades da alma...

De voz embargada e, como sempre, recorrendo ao enganador cigarro, que acendia quando me via necessitado de pensar para falar, tentava, em vão, descontraí-me:

— O médico aqui sou eu; você não sabe nada... Fique quietinha e trate de se alimentar. O pessoal da cozinha me tem dito que você nem belisca direito...

— Não tenho fome, Doutor; o senhor sabe que tenho ferido até o céu da boca as aftas me incomodam e a gengiva sangra com frequência...

— Vamos tirar os seus dentes e você há de ficar como eu, banguela brincava, mostrandolhe as minhas próteses e fazendo careta.

— O senhor é um anjo...

— Se eu fosse, teria asas, colocaria você nas costas e nos mandaríamos daqui...

— Para onde me levaria?

— Bem longe deste mundo louco...

— O senhor não é médico de loucos? Como é que nos quer abandonar?

— Eu já estou pior do que vocês; quem trata de loucos tem muito de loucura...

— Está querendo me alegrar, não é? Quero lhe pedir uma coisa: quando eu estiver para morrer, o senhor segura a minha mão?

— Ora, Marta, não vamos falar nisto...

— É que eu ainda me sinto um tanto insegura; passei a imaginar a morte como se fosse um salto no escuro tenho receio de cair onde não devo...

— Você se refere àquela *sombra*, não é? Não se preocupe, ele não mais a incomodará...

— *Ele?* Então, o senhor sabe quem é? Conteme. Não me esconda nada. O que houve entre nós, no passado?

— Não toquemos no assunto, filha. Para quê? Prometo segurar a sua mão, mas... vamos fazer um trato.

— Qual?

— Se eu chorar, você não me perguntará o motivo.

Quando o telefone tocou naquela noite e escutei a voz de Manoel Roberto do outro lado da linha, troquei-me às pressas, tirei o carro da garagem e, de madrugada, rumei para o Sanatório. De fato, Marta Maria estava expirando, completamente lúcida.

— Eu estava esperando o senhor chegar falou com extrema dificuldade. — Sabe aquele menino dos meus sonhos?...

— Um menino louro?...

— Eu nunca lhe disse, Doutor, que ele fosse louro!...

— É só um palpite.

— Eu sei que o senhor sabe, mas não precisa se explicar.

— O que tem o menino? perguntei, desconversando.

— Ele entrou no meu quarto no começo da noite; fiquei sem voz, mas ele me pediu calma...

— É um espírito bom...

— ...que veio para me buscar, não é?

— É possível, minha filha.

A febre habitualmente alta, cedera lugar a frio torpor. A jovem, de lábios ressequidos, não mais conseguia sorver uma única gota d'água. Com um algodão molhado, eu procurava aliviá-la.

— Doutor, segure a minha mão...Spedime, antes de, lentamente, ir perdendo a consciência. — Eu não me esquecerei do senhor... Eu não me esquecerei...

Cerrando as pálpebras, o coração foi se lhe aquietando no peito, até que, por fim, impera ceptivelmente, parou de bater. O desenlace de Marta Maria estava consumado e aquela sua tremenda prova superada.

Telefonando para o Hospital do Pênfigo Foliáceo, Manoel Roberto trouxe a notícia: m Doutor, ela não tem quem se responsabilize pelas despesas... Teremos nós mesmos que providenciar...

— O problema, Manoel, não é a urna nem o túmulo; o problema é o abandono, é o carma que não cessa...

— Como assim?

— Os indiferentes a ela serão chamados pela Lei à inevitável prestação de contas. O carma humano é uma espécie de círculo vicioso; todos estamos sempre nos comprometendo... Tomamos emprestado de um para pagar a outro e vamos rolando a dívida, que, na verdade, só parece crescer.

— No entanto não será providencial? inquiriu o companheiro com sabedoria.

— O que, Manoel?

— Que os nossos carmas se entrelacem...

— Sim, o propósito da Lei é indiscutível, mas... teria que ser diferente.

Aquele não era o momento para discussões metafísicas. Logo que o dia amanheceu, providenciamos o sepultamento, a que, além de mim e D. Aparecida, Diretora do Hospital do Pênfigo, ninguém mais acompanhou.

— A senhora tem visto muitos casos assim, não é? perguntei àquela irmã, que, em meu carro, seguira comigo ao cemitério.

— Dezenas, Doutor! Dezenas... Os familiares trazem o doente e o largam lá. Muitos o deixam, de madrugada, na porta do Hospital, sem sequer um documento... É para a gente não entrar em contato.

— E os doentes, o que dizem?

— Conformam-se. Segundo deduzo, estavam vivendo com tanta rejeição dentro de casa, que, quando encontram outros doentes com quem conviverem, melhoram na auto-estima... Pelo menos, conosco, não se sentem humilhados ou vivendo de favor.

— Não fosse o Espiritismo, eu não entenderia...

— Nem eu, Doutor, apesar, confesso, da pouca leitura que tenho. O senhor sabe, eu fui criada no Catolicismo, mas nenhum padre vai ao meu Hospital e nem nos auxilia com nada, a não ser o Padre Sebastião Carmelita...

— Aquele usa batina, mas não é bem padre... É o mais pobre deles; eu até já lhe arranjei algum dinheiro...

— Quando ele nos visita, Doutor Inácio, nunca nos deixa de mãos vazias; sempre nos leva alguma coisinha, brinca com as crianças, conversa com os doentes... Só que ele chega meio escondido. O senhor sabe que a Igreja também nos combate, não é?

— É porque, além de ser negra, a senhora é auxiliada por Chico Xavier...

— Tem razão, o preconceito ainda é muito grande. Um dia, fiquei tão aborrecida, que pensei em abandonar tudo... O Chico esteve lá em casa e me disse: — “Aparecida, por enquanto os seus inimigos estão apenas pela sua frente. Você sabe quais são e pode identificá-los, mas, se você deixar o serviço, eles surgirão de todos os lados...”

Após o coveiro ter lançado a última pá de terra sobre o ataúde de Marta Maria,

depositei sobre a sua sepultura algumas flores que eu mesmo colherei no jardim do Sanatório.

Tarefa cumprida, antes de voltar para casa, deixei nossa irmã D. Aparecida à porta da benemérita instituição que fundara e dirigia.

## 23° Capítulo Marta Maria Rediviva

O caso de Marta Maria me ensejara muitas reflexões. Nem todo espírito, mesmo quando liberto do corpo físico, tem completo acesso às lembranças de vidas anteriores e, sobretudo, não forma uma ideia precisa das provas que o esperam na Terra, quando se decide por uma nova existência. Se a maioria soubesse, com detalhes, as dificuldades do próprio carma, com certeza recuaria e não se encorajaria à reencarnação, disposta a arcar com as consequências da sementeira efetuada.

Imaginemos se aquela jovem tivesse plena consciência das lutas que a aguardavam: a orfandade, o abandono do pai, a moléstia insidiosa, a discriminação, o assédio obsessivo da entidade que não lhe perdoara...

Conversando com D. Modesta a respeito, ela me esclareceu:

— Inácio, os espíritos, na maioria, quando desencarnam, sofrem apenas com a consequência das ações recentes que perpetraram, ou seja, com aquelas atitudes que motivam a sua infelicidade atual; se não temos cérebro para a total reminiscência do que fomos e do que fizemos outrora, no curso de nossas vidas que já se foram, como haveríamos de conviver com o peso absoluto de nossas culpas? Arrasados pelo remorso, sequer teríamos forças para nos levantar do chão e ensaiar um único passo adiante...

E para o espírito obsessivo, como funciona? questionei, desejoso de ampliar conhecimentos.

— Os nossos Benfeitores Espirituais S respondeu-me a inspirada medianeira têm me explicado que, para os espíritos que não logram perdoar, liberando-se de qualquer sentimento de mágoa, o tempo, simbolicamente, não passa... Desencarnados existem que permanecem, por séculos, presos ao ressentimento ou ao anseio de vingança, indiferentes aos convites de renovação a que a Vida os exorta com frequência. O livrearbítrio de cada um é respeitado; o espírito mais evoluído, porque tenha chegado aonde chegou, não tem o direito de coagir os retardatários. A escravização, em todos os sentidos, é antinatural. Somos inteiramente livres para amar e para odiar, para semear e para colher. A rigor, ninguém carece de clamar por justiça, porquanto o infrator da Lei é candidato potencial ao devido reajuste. Toda reação começa no instante exato da mais insignificante ação.

— Então, não haveria situações que tendessem a se perpetuar no tempo? interroguei.

— Espíritos tão recalcitrantes para os quais o Mal passasse a ser um estado natural?...

— Apenas se a Vida fosse destituída de pedagogia... Em outras palavras, a dor não poupa ninguém e, se até a pedra bruta se transforma à ação lapidária do tempo, nós, criaturas evidentemente mais maleáveis, igualmente nos sentimos compelidos a mudar. Quando nos observamos sozinhos em nossos propósitos menos dignos, às vezes descemos tão profundamente no abismo do desencanto, que, naturalmente, nos predispomos a ser diferentes do que temos sido, e basta-nos o mais leve aceno para que a Vida nos favoreça com as oportunidades indispensáveis à própria mudança.

Pausando com naturalidade, D. Modesta continuou:

— Analisemos, ainda, a situação que envolveu Marta Maria no episódio do qual participamos como meros figurantes. Em essência, nada fizemos nem eu, nem você. A

rapidez com que o problema foi parcialmente solucionado é apenas aparente. Ambos vinham sofrendo há muito e os seus espíritos se maturando no clima hostil da aversão... Pudemos intervir no momento certo. Nada além disto. As coisas não acontecem como que por encanto. A semente, por vezes, permanece indefinidamente sobre o monturo, esperando clima propício para germinar; quando as forças da Natureza se conjugam e a favorecem, ela então eclode... Conosco também é assim. A nossa existência o nosso aproveitamento na encarnação depende de uma série de fatores e circunstâncias. Todos estamos expostos à chamada *influência do meio*. As grandes realizações, sem dúvida, dependem dos grandes homens, mas também das grandes oportunidades assim como existe clima que facilita a germinação da semente, existe ambiente espiritual mais ou menos propício à realização de determinadas tarefas. Dizem os Espíritos Superiores que a missão de Allan Kardec foi antecedida por notável progresso cultural da Humanidade, com o predomínio dos valores éticos que, até então, jaziam sufocados pela Idade Média. Quando novos ventos começaram a soprar na civilização ventos de liberdade de pensar e, conseqüentemente, de crença os Espíritos Superiores *redescobriram* os médiuns que, durante séculos, quase foram dizimados nas fogueiras da Santa Inquisição.

Ante o meu atencioso silêncio, a companheira rematou:

—Vejam que a Verdade jamais desaparece; as nuvens espessas da intolerância podem eclipsá-la momentaneamente em seu esplendor, todavia, quando o tempo se encarrega de desfazê-las, observamos que o seu brilho permanece inalterável... Não há nada que fique sem vir à tona. Um dia, as escavações geológicas haverão de reconstruir a história do orbe terrestre em seus menores capítulos. Tudo tem memória, e as nossas mais insignificantes atitudes se registram no livro da Evolução.

Aqueles diálogos que, de quando em quando, me eram dado manter com D. Modesta, sempre trazendo a palavra dos nossos Instrutores, costumavam me esclarecer mais que todas as leituras que eu pudesse efetuar. Instantes inesquecíveis e preciosos que me infundiam maior fé no espírito e aumentavam a minha reverência pelo Espiritismo, que, sem dúvida, ampliava os horizontes, em meus esforços para compreender a Vida.

Haviam já se passado quase sete meses desde a desencarnação de Marta Maria e eu não me esquecera daquela jovem extremamente resignada, com quem, é verdade, convivera tão pouco, mas que aprendera a estimar; os seus exemplos de resignação me sensibilizaram de tal maneira, que eu desejava deles me lembrar, quando soasse o instante do meu próprio desenlace do corpo de carne... Guardando-os em minha retina espiritual, eu não poderia dar vexame, quando o anjo da morte estendesse sobre mim as suas escuras e pesadas asas.

Certa noite de quarta-feira, sem que o meu pensamento nela se fixasse, absorvido que estava com tantas preocupações no Sanatório, o espírito de Marta Maria induziu D. Modesta ao transe e deu-nos a alegria de sua presença.

— “Doutor, sou eu começou a falar... Agora, estou mais para Maria do que para Marta... Lembra-se? Venho apenas para agradecer a bondade com que me trataram; o carinho de vocês me fez, de novo, acreditar na excelência do Amor... Recuperei-me. Aos poucos, estou tentando me reaproximar daquele a quem feri tão insensatamente no passado. Sinto-me responsável por tudo e não me animo a efetuar a menor queixa. Eu não soube corresponder ao afeto de que era objeto e traí a confiança de quem me amava com loucura. A vítima não é tão vítima assim... Não existe perseguição gratuita. A aversão daqueles que não humilhamos e não preterimos não é duradoura. Os que nos combatem por interesses transitórios, ao se sentirem atraídos por outros interesses, logo nos deixam. O ódio mais acirrado, por incrível que pareça, nasce do coração...

— Você ainda não pode estar com o seu amado de outras eras? perguntei.

— Ainda não me foi possível semelhante bênção respondeu, explicando, *m* Precisarei

reconquistá-lo. Por enquanto, a animosidade que nutria por mim se desativou, mas isto não é suficiente; ele não está em condições de uma transformação tão radical, ao ponto de me amar como outrora... Mentalmente, ele tem me recusado a presença; não me quer mais para o ódio, no entanto nem mais para o amor... Está apático e indiferente.

j, - E o seu filho? Vocês se reencontraram?

— Sim, é um espírito lindo, Doutor! Sinceramente, não sei explicar o motivo de ter nascido de mim naquelas circunstâncias, fruto de uma paixão que desencadeou tantos tormentos!...

É o remédio, minha filha, ao lado da dor... Isto prova que, em nossos maiores equívocos, não estamos irremediavelmente condenados; do próprio abismo em que nos arrojam, Deus suscita invisíveis mãos que se dispõem a nos resgatar a alma...

— Como uma flor que, imaculada, cresce no meio do pântano, não é?

— Os anjos, minha filha, ao contrário do que se pensa, não foram feitos para o Céu... A função do Sol é iluminar a escuridão. Quem sobe, sobe para aprender a descer sem comprometimento.

Como viveríamos tranquilos nas Regiões Superiores, sabendo que, sob os nossos pés, choram os que sofrem na retaguarda?

— Estou convicta, Doutor, de que, em qualquer ofensa, ofendido e ofensor têm muito que perdoar-se e, não raro, o ofendido tem mais ainda; a ofensa é uma reação negativa que, na maioria das vezes, o ofendido desencadeia no ofensor... Difícil saber quem é o algoz; ambos são vítimas de si mesmos.

— Percebo, Marta Maria, que você efetuou muitos progressos na Vida Maior...

— O sofrimento, sem qualquer pretensão, nos ensina muita coisa... A dor é um livro constantemente aberto diante dos nossos olhos; quando nos recusamos a lê-lo no cotidiano, as suas páginas vão se acumulando, até que, de repente, somos obrigados a decorá-lo na véspera, à semelhança do aluno que será chamado a exame no dia seguinte.

Conversamos durante mais alguns minutos e, ao se despedir, a jovem, emocionando-se às lágrimas, disse, finalizando:

— É possível, Doutor, que eu não possa vir mais a esta casa... Terei muito trabalho. Não sei quando, mas, desde agora, começarei a traçar planos para uma nova vida no corpo, ao lado daquele que tanto magoei. Será difícil, mas não teremos alternativa. Pelo menos, segundo creio, nos será dado renascer em melhores condições: a culpa nos predispõe ao remorso, e o remorso não nos confere o direito de reivindicar coisa alguma. Necessitaremos nos convencer de que, doravante, tudo para nós dois será lucro. Adeus!...

No silêncio que se fez, fiquei a imaginar a grande incógnita que se oculta por detrás de cada drama humano e que, sem o conhecimento da Reencarnação, jamais encontraria resposta.

## 24° Capítulo Os Agêneres

Sempre me considerei uma ilha, cercado de espíritos e... não posso cometer essa injustiça com os meus felinos gatos por todos os lados... Os espíritos, fora do corpo e *mais ou menos no corpo*, sempre me rodearam; pelo menos nos bons tempos era assim, quando, principalmente, a presença da notável médium Modesta os atraía. Eu nunca soube explicar o dom que os médiuns possuem de atrair os espíritos; os desencarnados, quando os pressentem, não mais deles se afastam... Os médiuns lhes parecem uma espécie de *porta* constantemente aberta aos contatos que almejam prosseguir mantendo com os habitantes da dimensão de que foram aliados pela *morte*.

Eu não sei, mas tenho a impressão de que a modernidade aniquila os sensitivos,

tornando-os cada vez mais raros falta de introspecção, com certeza. O progresso material vertiginoso da civilização é um forte apelo à vida exterior; a luta pelo pão de cada dia, as solicitações do mundo, o complexo problema da educação dos filhos, a competitividade do mercado de trabalho... A verdade é que os medianeiros de faculdades portentosas do meu tempo sem nenhum demérito para os demais, que têm feito o que podem foram escasseando; a lacuna deixada no Sanatório pela desencarnação de D. Modesta, em 1964, jamais voltou a ser preenchida... Mas isso é outra história.

Diante dos meus olhos, eu estava com a excelente obra, que havia sido recentemente adquirida para a minha coleção, “Os Santos que abalaram a Igreja”, de René Fülöp-Miller. A sua leitura, no capítulo que trata da vida de Santo Antão, veio colaborar com as reflexões que, à época, eu efetuava em tomo da controvertida tese de Roustaing, o advogado de Bordéus e contemporâneo de Kardec, a respeito do pretense corpo fluídico de Jesus. De início, deixe-me dizer-lhes que sempre achei a mais absurda das ideias; não houve nenhuma encenação no Calvário e, com o devido respeito, a maternidade de Maria não foi qualquer demérito para o seu espírito iluminado... Se sobre a Terra algo existe do Céu, sem dúvida é o prodígio da maternidade!

O engodo do corpo fluídico infiltrou-se no Cristianismo assim que as lutas dos cristãos cessaram, e o Imperador Constantino declarou-o a religião oficial do Estado. Vejamos que curioso: a ideia do corpo fluídico que, há dois mil anos, dividiu os cristãos, tornou a dividi-los através dos espíritas... No Além, as entidades que pugnam pela Igreja Católica não esmorecem e estenderam a sua influência no Espiritismo, mal havia sido encetada por Allan Kardec a obra da Codificação.

O livro de René Fülöp-Miller conta que, findado o tempo dos martírios a que os cristãos foram submetidos por cerca de trezentos anos, teve início entre eles as querelas teológicas que, infelizmente, até hoje persistem. Antes tivessem continuado a morrer no testemunho da fé e, por consequência, antes os espíritas prosseguissem vítimas da opressão religiosa, pois, quando o ideal cessa de ser combatido, os idealistas costumam embarçar a si mesmos...

Tudo começou com discussões a respeito da natureza do Cristo: o Senhor havia sido um Deus que assumira forma humana ou um homem que quase atingira a perfeição divina? As opiniões se dividiam entre Ário, presbítero de Alexandria, e o jovem diácono Atanásio. O primeiro defendia que Jesus era *semelhante em essência*, e o segundo que Ele era *igual em essência*...

No ano de 325, para resolver o impasse, Constantino convocou o célebre Concílio de Niceia, ao qual trezentos bispos, de todas as partes do mundo, compareceram. Vale ressaltar que o Imperador não se expressava em grego, o idioma com que os bispos se digladiavam, tendo-o como mediador; Constantino só falava o latim... Em seu trono de ouro, registrava, quase sem nada entem der das palavras que lhe eram sumariadas por um intérprete, o motivo de tamanho conflito: “Cristo é homem!”, exclamavam os arianos; “Cristo é Deus”, defendiam os atanasianos... Pasmem: no grego, a expressão para *semelhante em essência* é “*homoi-ousion*”, e para *igual em essência* é “*homo-ousion*”, ou seja, a diferença, tremenda, residia na menor letra do alfabeto grego, a letra i!

Aqueles homens, em sua maior parte, ainda traziam as marcas das flagelações a que haviam sido expostos: “corpos mutilados, escaldados, queimados ou cegos pelos opressores”... Quando a discussão entre eles se acirrou, Constantino perguntou ao intérprete: “A respeito de que eles estão discutindo agora?” Com ironia, o auxiliar respondeu: “A respeito de uma letra!”

Desnecessário dizer que os adeptos de Ário foram derrotados pelos de Atanásio, e a semente do corpo fluídico de Jesus germinou na gleba da Igreja e, até os dias de hoje, produz amargos frutos para o Cristianismo.

A opinião do autor da obra referida “Se Cristo tivesse sido simplesmente um homem, a alegria jubilosa da fé cristã não poderia ter nascido. Não haveria ressurreição, nem milagre do Espírito Santo, nem graça, nem sacramento, nem redenção. Não haveria a misericordiosa Mãe de Deus, não haveria Natal, não haveria Páscoa” , embora compreensível e respeitável, falta com a Verdade, pois, infelizmente, ao longo do tempo, toda a filosofia do Evangelho se deixou influenciar e a Igreja, aos poucos, foi se desviando de suas finalidades.

Não podemos, no Espiritismo, repetir o mesmo equívoco.

A chamada “Revelação da Revelação”, obra extemporânea lançada por Roustaing em 1866, quando sequer a Codificação estava concluída, se invalida no que possa conter de aproveitável do ponto de vista doutrinário por defender o dogma da virgindade de Maria, como se, repetimos, o sexo fosse algo execrável. Ora, se até as abóboras se reproduzem através de suas flores masculinas e femininas!... Existem no homem coisas mais abjetas do que o sexo o funcionamento dos intestinos, por exemplo, e a própria cadaverização, cujas fétidas emanções atraem as aves de rapina... Desculpem-me, se excedo. Lembrem-se, no entanto, de que fui um médico, e lidar com dejetos e secreções sempre foi muito natural para mim. Não me causa asco a referência acima.

Tenho para comigo nos estudos que ainda efetuou acerca da personalidade humana, a par da influência obsessiva que agiu sobre J. B. Roustaing e Mme. Collignon, a médium única que lhe intermediou as pesquisas de Além-Túmulo que o obscuro advogado nutria por Allan Kardec enorme admiração... Tendemos a copiar aqueles que admiramos e, mais, aspiramos a ser exatamente o que eles são. Se pudéssemos, inclusive, na falta de melhor expressão, lhes surrupiaríamos a personalidade...

Estudei, à saciedade, os quatro volumes da aludida obra roustainguista e digo-lhes com sinceridade: eles nada contêm de excepcional e ficam a dever muito a outros que, com maior propriedade, interpretam os textos do “Novo Testamento”; não fosse pela tese miraculosa e esdrúxula do Cristo “agênere”, o trabalho compulsivo de Roustaing teria caído ainda em mais amplo esquecimento.

Os agêneres, aos quais Kardec igualmente se referiu, existem. Isto é ponto pacífico. A Bíblia está repleta de exemplos de aparições tangíveis de espíritos. Para citar, talvez, o mais clássico deles, referir-me-ei à luta que Jacó travou com um espírito, o qual lhe deslocou a junta da coxa e, após, lhe mudou o nome para *Israel*. (Gênesis, 32:2232)

Retomando a interpretação da personalidade de Roustaing, sem, evidentemente, o menor propósito de crítica, porquanto tudo é experiência nos caminhos da evolução, digo-lhes que ele, em seu desejo de destaque, agiu sem conhecimento de calusa, ou seja, foi mero instrumento das entidades que, presentindo o perigo que o Espiritismo representava, assim se movimentaram inteligentemente. As estereis discussões em torno do caráter religioso ou não da Doutrina Espírita tiveram igualmente aí a sua origem: para defender a Nova Revelação do misticismo, nega-se-lhe o aspecto ético ou religioso, que, em essência, é reviver a discussão entre arianos e atanasianos.

Há vinte séculos, Atanásio venceu Ário, mas, agora, Roustaing não pode prevalecer sobre Kardec! Jesus Cristo nasceu de Maria e José, que se uniram sexualmente, sendo que ambos, posteriormente, vieram a ter outros filhos. A maternidade, tanto quanto a paternidade, é sublime missão. A mulher, quando se faz mãe, deixa de ser apenas Terra e carrega consigo alguma coisa do Céu. Jesus é igual ao homem e semelhante a Deus o Modelo possível de ser alcançado! -, e não o contrário. Maria de Nazaré não representou aos pés da cruz, vertendo lágrimas por um agênere... A grandeza real do Cristo está na sua condição humana e não na sua suposta divindade.

Devo, sem dúvida, ter me encontrado com alguns agêneres quando cruzei com eles os meus passos na Terra... É uma possibilidade mais plausível do que, por exemplo, se estar

face a face com um extraterrestre, habitante de um planeta que, se suas condições climáticas e culturais não forem absolutamente idênticas às nossas ou semelhantes (não vamos discutir como os cristãos diante de Constantino), não terá veículo de manifestação física que o faça passar despercebido do comum dos mortais.

Aliás, ultimamente, eu vinha suspeitando que os agêneres, ou, em outras palavras, as assombrações tangibilizadas estavam me rondando... Com que finalidade, não sabia. Doar ectoplasma é mais fácil que doar pensamento. O médium de efeitos físicos extrojeta, ou seja, expelle substância para os espíritos se materializarem; o médium de efeitos intelectuais deve introjetar, ou seja, acolher a ideia e transformá-la em palavra... As entidades que se tornam agêneres retiram o ectoplasma dos médiuns como a abelha, o néctar das flores; na maioria das vezes, os médiuns não sabem que estão servindo de instrumentos para os desencarnados se corporificarem e, por sua vez, os desencarnados, muitos deles, não têm plena consciência do fenômeno; quando percebem, por ação da vontade inconsciente, estão revestidos de matéria... Felizmente, o fenômeno é fugaz, pois, caso contrário, a explosão demográfica do orbe terrestre se anteciparia!

— Os agêneres abrindo-lhes a indagação poderiam manter contato físico com os encarnados? É evidente que sim; possuem um corpo artificial, mas possuem... Falta-lhes, no entanto, a complexidade dos órgãos que constituem o corpo de carne #neles, somente a aparência é humana. Difícil entender? Difícil explicar.

O Cristo não foi um agêneres e nem um extraterrestre. Dos doze aos vinte e nove incompletos de idade, o Senhor não se desintegrou e nem tomou um disco-voador, esperando o momento propício de baixar à Terra!

## 25° Capítulo O Teólogo

Padres e pastores, com relativa frequência, visitavam as nossas atividades mediúnicas no Sanatório, proferindo blasfêmias e anátemas. Mediunizada, D. Maria Modesto Cravo me permitia encetar longos diálogos com eles, que argumentavam conosco com o propósito de demover-nos da fé espírita. Alguns até se revelavam sinceros, sem que, no entanto, eu pudesse entender o seu desconhecimento das verdades de Além-Túmulo. Em minha ingenuidade, quantas vezes supus que a desencarnação fosse o bastante para converter os espíritos mais recalcitrantes... Aos poucos, fui entendendo que, nas dimensões da Vida após a morte, os espíritos afins formam extensas comunidades e resistem à evidência dos fatos. Não basta a morte do corpo para que o espírito se esclareça e se disponha à necessária mudança. O problema mental e as limitações do pensamento persistem, porquanto, evidentemente, estão arraigados no âmago do ser; os interesses pessoais, inclusive os de caráter religioso, acabam deformando a personalidade e criando sugestões de difícil resolução. A vida mental intensa faz, por vezes, que o espírito perca completamente o interesse pelo mundo exterior.

Em uma quarta-feira, antecedendo a sessão, lêramos um trecho inserido por Allan Kardec no capítulo IV de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, intitulado “Ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo”. Com rápidas palavras, aludimos ao diálogo que Nicodemos, senador dos judeus, sustentara com Jesus em torno da Reencarnação. Todavia, nem bem diminuíramos a luz de intensidade, deixando o recinto imerso em relativa penumbra tranquilizante, apresentou-se um espírito que conversou conosco como se estivesse, o tempo todo, brandindo a Bíblia em sua mão direita.

— Heresia! começou dizendo. A Reencarnação é uma heresia! Vocês estão se iludindo. Não distorçam a interpretação das palavras do Senhor! Isso é pecar contra o Espírito Santo... Após a morte do corpo, apenas o Juízo Final. Vocês são adeptos de uma

seita, não de uma religião cristã... Além de estarem contrariando a proibição de Moisés, no livro Deuteronômio, capítulo 18, versículos 10 e 11, está escrito: “Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos...” Vocês são infratores da Lei! Reconsiderem e recuem em suas falsidades. O Senhor, com Nicodemos, referia-se à necessidade do batismo. — “Em verdade, em verdade, te digo que quem não nascer da água e do espírito não poderá entrar no Reino de Deus”...

Na primeira oportunidade que me fora concedida, comentei:

— Meu irmão, eu não sou versado nos assuntos bíblicos; admiro-lhe a memória prodigiosa; no entanto, não nos apeguemos à letra que mata... O apóstolo Pedro, em sua Segunda Epístola, declarou: “...nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação.

— Capítulo 1, versículo 20... atalhou o teólogo.— É o que vocês, espíritas, vivem fazendo: interpretando pela sua óptica distorcida o que não carece de interpretação. A Palavra é clara. O Senhor nos advertiu contra a aparição dos falsos Cristos e falsos profetas... O renascimento é a conversão do pecador... O homem vive muitas *vidas* em uma única existência...

— Em parte alguma está escrito assim, pelo menos que eu me recorde...

— Como não? Vocês não estudam, vivem perdendo tempo com os livros daquele homem que, infelizmente, escapou aos braços da Inquisição, que, diga-se de passagem, prestou relevante serviço espiritual à Humanidade; muitos bruxos, que vocês modernamente chamam de médiuns, foram parar nas fogueiras... Espiritismo é alucinação. O homem carece de se reformar agora, e não depois, adiando o seu esforço de regeneração para o futuro... A tese da Reencarnação faz com que a criatura se desinteresse pela salvação! Vocês nunca leram o que Paulo escreveu aos Hebreus: “E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo”? (Capítulo 9, versículo 27).

— Existem, no entanto esclareci -, outras passagens evangélicas que endossam a ideia reencarnacionista... O apóstolo João, por exemplo...

Sei a narrativa à qual você se refere: “Caminhando, Jesus viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos perguntaram: “Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus”. (Capítulo 9, versículos 2 e 3).

— Não lhe parece implícita no texto a Reencarnação? Aquele homem era cego de nascença... Todos o conheciam. Os discípulos indagaram: “...quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?”

— Muitos nascem para que as obras de Deus neles se manifestem...

— Mas nem todos têm o privilégio de ser curados... A maioria nasce cega e morre cega. As obras de Deus, como você coloca, não se manifestaram neles.

— Foram instrumentos para que se manifestassem em outros...

— Isto é sofisma...

— Ora, vejam só quem está falando em sofisma!... Vocês dizem que a Reencarnação torna o homem responsável pelo seu destino, ou pelo seu carma. Pois bem. Semelhante crença impera na Índia, o país mais reencarnacionista do mundo, mas o povo vive por lá em extrema miséria social... Ninguém se compadece dos párias. Os hinduístas e muçulmanos se conflitam de maneira sanguinolenta...

— A Verdade sem o Amor gera a loucura. No Espiritismo, o Evangelho ilumina a Vida, ou seja, não pregamos a pluralidade das existências dissociada da necessidade humana de se renovar... A finalidade da Reencarnação é o renascimento moral do ser, o

que, convenhamos, não lhe é possível numa única experiência...

— Vocês sabem da força do Cristianismo, por este motivo vivem querendo associar o Espiritismo a ele, mas a doutrina que professam nada tem a ver com o Senhor.

— Retomemos exortei a nossa discussão inicial. Você se referiu a Moisés no Deuteronomio... O grande legislador hebreu, porventura, cometeria a insensatez de proibir algo que não fosse prática usual entre os de sua raça? Vocês falam em evocação... Quem evocou o seu comparecimento à nossa reunião?

— Vim de livre e espontânea vontade... respondeu, lacônico, na tentativa de ganhar tempo para refletir.

— A referida proibição não se estenderia aos desencarnados?

— Eu não sou um desencarnado; não me rotule com as suas terminologias heréticas...

— O que, então, é você?

— Estou à espera do Juízo Final...

— Conforme lhe disse insisti -, não me preocupo em decorar a Bíblia... Não é falta de respeito ou de interesse, mas é falta de tempo. No entanto, no próprio Deuteronomio há um versículo que, no mínimo, sugere a Reencarnação...

— “...eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem...”. (Capítulo 5, versículo 9).

— Obrigado por me auxiliar falei, admirando a presteza mnemônica do interlocutor. Que Deus cheio de misericórdia seria o que fizesse os filhos pagarem pelos pais? Não lhe pareceria mais lógico e justo que os antepassados, simbolicamente aqui representados pela figura dos patriarcas, renascessem de si mesmos e colhessem o que semearam com as próprias mãos?

— Você está conduzindo a polêmica de acordo com os seus interesses... Está escrito no livro de Jó, capítulo 5, versículo 13: “Ele apanha os sábios na sua própria astúcia...”

— Eu havia me esquecido de Jó emendi. — Você me refrescou a memória... Jó é um outro exemplo da Lei de Causa e Efeito e, conseqüentemente, da Reencarnação.

— É inútil redargui com enfado. — Tudo para vocês é Reencarnação...

— João Batista era a reencarnação do profeta Elias, que, antes do Cristo, mandara degolar os sacerdotes do deus Baal...

— Está querendo me dizer que João Batista teve a cabeça decepada por este motivo? Isso é loucura. Foi obra de Herodes e de Herodíade, mulher de seu irmão, que, com o tetrarca, passara a viver em concubinato...

— Uma vida tão importante submetendo-se aos caprichos de uma cortesã? interoguei.

— Explique-se melhor...

— Você acha que João Batista, “o maior dos nascidos de mulher”, encontrou a morte pela leviandade de quem lhe exigiu a cabeça numa bandeja?

— Vou-me embora disse o teólogo, prestes a bater em retirada. — Vocês arderão no Tártaro...

— Antes de se retirar solicitei por obséquio, responda-me: como é que você está aguardando a própria ressurreição, à distância de seu corpo? Quanto tempo se passou de sua morte?...

— Cerca de vinte e cinco anos...

— Ora, meu irmão! O seu corpo físico já se transformou em poeira...

— É o milagre da ressurreição... No terrível Dia do Juízo, os justos sairão da tumba e possuirão a Terra. Palavras da salvação! Os ímpios serão expurgados. Vocês se negam a me escutar, como o povo de Sodoma e Gomorra aos dois anjos que o Senhor lhes enviou...

(Gênesis, capítulo 19).

E, sacudindo o Livro Sagrado na destra, citou os Salmos 11 e 12, capítulo 143:

— “Vivifica-me, Senhor, por amor do teu nome; por amor da tua justiça, tira da tribulação a minha alma. E, por tua misericórdia, dá cabo dos meus inimigos, e destroi todos os que me atribulam a alma: pois eu sou teu servo.”

Muitos outros adeptos do Protestantismo, em suas diferentes facções, nos conclamariam a repudiar a Doutrina. Padres, pastores e, pasmem, até materialistas tentavam nos convencer de que andávamos equivocados na crença. Mas nenhum deles, com certeza, foi uma figura tão exótica quanto a do filósofo que, de quando em quando, nos visitava.

## 26° Capítulo O Filósofo

De quando em quando, o espírito do *Filósofo* se apresentava em nossa reunião. Apesar do tempo que nos tomava, eu chegava a me deleitar com as suas considerações que, abem da verdade, melhor me ensinavam conhecer a diversidade dos caracteres dos habitantes do Invisível. Ele nunca se identificou e, sempre que eu lhe perguntava pelo nome, respondia com evasivas. Às vezes, revelava um raciocínio brilhante, sendo que, em outras oportunidades, não conseguia ocultar os delírios do pensamento. Com fraternidade e paciência, tentávamos cooperar para que as suas ideias se harmonizassem... Certa vez, ele nos disse que havia vivido na Europa e, posteriormente, reencarnara no Brasil, efetuando inócuas pregações nas vias públicas de uma grande cidade, expondo-se à execração de quantos o ironizavam.

— Conjecturas, conjecturas! exclamava, a cada início dos diálogos que vinha entabular conosco, em nossas sessões mediúnicas no Sanatório.

— Como é que você tem passado, *Filósofo*? interrogava, procurando deixá-lo à vontade no recinto e com o propósito de conquistar-lhe a confiança.

— Nada do que é verdadeiramente passa respondia. — Somente o que não é se transforma, a cada dia... Porém não me preocupo com os enigmas insondáveis da existência; a Vida nos é concedida para o prazer a felicidade é o prazer. Foi Epicuro quem mais se aproximou da Verdade... Não temos poder algum de influência: as Leis do Universo agem sobre nós sem nenhuma consulta prévia...

<sup>xi</sup> — Não é bem assim argumentava. — O destino é uma construção pessoal... O prazer em excesso gera o sofrimento. Experimente beber água além da conta... Tudo que extrapola tem consequência danosa.

— Não estou dizendo que o sedento deva esvaziar a fonte de uma só vez; a Vida, segundo os epicuristas, pode ser comparada a um prato de mingau quente: deve ser comido pelas beiradas...

— Aceitando a Reencarnação, como você pode não se preocupar com o futuro?

— Fomos feitos para viver e não para especular... A angústia vem do que o homem não pode saber. Para que ir adiante? Deixemos que as coisas, por si mesmas, se nos revelem... Está escrito que quem aumenta ciência aumenta tristeza... O homem deve saber o essencial; o importante é o momento, a alegria de agora e não a suposta alegria do amanhã...

— Tudo se encadeia-prosseguia, adequandome à sua linguagem e, aos poucos, tentando direcionar com proveito a conversação. — O que fazemos repercute e somos obra de nós mesmos... O prazer termina por anular as possibilidades do espírito e leva à exaustão. Viveremos para sempre e carecemos crescer para a Luz!

— Nada afeta o espírito; se não existe a morte, por que eu me preocuparia com a dor?

A dor, como tudo mais, é uma ilusão: se não dermos importância a ela, ela não nos molestará... Concentremo-nos na alegria. Desfrutemos... Se preferirem, digo que a Vida é uma taça transbordante; devemos sorvê-la gota a gota...

— Vejamos, no entanto, meu amigo, os outros em relação a nós... argumentei. — O progresso moral e intelectual das criaturas é evidente. Não podemos ficar para trás...

— Não raro, mais avança quem não sai do lugar... Muitos caminham em círculos, concorda?

— Concordo, mas é devido não terem um direcionamento... Jesus Cristo é o roteiro; o Evangelho é o livro da mais alta Filosofia que a Humanidade conhece... O prazer não está nas coisas transitórias e perecíveis; a alegria real está no espírito...

— O corpo é o veículo das sensações e, por este motivo, temo-lo em diversas formas de manifestação...

— Você se refere ao perispírito?

— Sim, ao corpo espiritual não importa a terminologia... Você nos supõe destituídos de corpo? O espírito, em qualquer estágio em que esteja, sempre se reveste... O Universo é o corpo místico do Criador...

— Você acredita Nele?

— Tudo teve um começo, não? Mas conjecturas, meras especulações... Os sacerdotes necessitam de sobreviver e industrializam a Fé; os cientistas precisam justificar a classe e rendem culto à Ciência... O mundo dos homens é movido por interesses; tudo se ajusta e tudo se ajusta... O pensamento se conforma às palavras e as palavras modificam o pensamento; por este motivo, não vale a pena...

— Pessimismo exagerado... A Vida é constante convite à ascensão. Deus habita dentro de nós.

**O** júbilo espiritual nada tem a ver com o prazer oriundo da matéria; a consciência tranquila pode nos induzir ao êxtase, sem, no entanto, nos abstrair da realidade... Jesus, pela força do Amor, realizava prodígios: lê-se que transformou a água em vinho, multiplicou pães e peixes, transfigurou-se no Tabor, curou cegos, paráliticos e leprosos, converteu pecadores... A sua Divina Presença atraía os espíritos até as próprias crianças a disputavam...

— Não nego que Jesus tenha sido um grande homem que, no entanto, morreu na cruz... Quanta tristeza no Calvário! Melhor que o vinho jamais tivesse se convertido em fel... Jesus Cristo excedeu; quis ir além do que um homem deve ir...

— Ele já era o que, um dia, talvez venhamos a ser...

— Não me interessa ser mais, à custa de tanta renúncia. Eu estou bem assim... Não entendo por que você se preocupa comigo. Não tenho nada contra ninguém e ninguém tem nada contra mim. Quero apenas existir. Se não posso controlar o Universo, controlarei a própria ambição. O desejo é a causa de todo descontentamento; vocês se afligem desnecessariamente...

— A mediocridade, de fato, nos incomoda; viver ignorando o que, de fato, seja a Vida... retruquei.

— A pedra não pode compreender a montanha...

— Não somos pedras; somos filhos de Deus, e os filhos podem, sem dúvida, compreender o pai... Se a pedra soubesse que ela é um pedaço da montanha, olharia para dentro de si e não para fora...

— Veja quem já está filosofando!... -troçava comigo. — Você vai acabar bom nisto...

— O aprendiz pode superar o mestre...

— Em termos; teoricamente sim, na prática não, pois faltar-lhe-ia vivência...

— Você pretende reencarnar? perguntei, curioso.

— Se não tiver que disputar um corpo, é possível; a vida na Terra tem os seus

atrativos...

— Mas, e se reencarnar num corpo doente?

— Sem chance alguma; saberei escolher... Não me aproximarei dos meus futuros pais se eles não forem saudáveis; sei lidar com a genética...

— Algumas crianças nascem sadias, mas, depois, adoecem...

— É o que tem me afastado da carne... A criança vive à mercê de certas circunstâncias do berço em que renasce. Um corpo mutilado seria uma prisão. Recusar-me-ei a viver no mundo, se não for para usufruir de suas delícias...

— E o próximo? Você não se interessa por ele?

— O meu lema é “não prejudicar”...

— Não é o suficiente; toda omissão no bem é espaço cedido ao Mal...

— Para ter, sei que devo dar... concordou. — **O** prazer requer um objeto, um estímulo. Se partilho com alguém o momento, divido a emoção.

— O que lhe dá prazer?

— Toda e qualquer sensação que me afete os sentidos o paladar, o olfato, o tato, a...

— Li, certa vez, um poema, que dizia que o coração tem dois quartos...

— Eu o conheço; diz que num dos quartos mora o Prazer e no outro quarto, a Dor...

É de um poeta alemão, Friedrich Ruckert.

— “O coração tem dois quartos:

Moram ali, sem se ver,

Num a Dor,

Noutro o Prazer.

Quando o Prazer no seu quarto

Acorda cheio de ardor,

No seu, adormece a Dor...

Cuidado, Prazer! Cautela!

Canta e ri mais devagar...

Não vá a Dor acordar...”

Recitei, algo titubeante, com a intenção de elucidar.

— O poema é de beleza indiscutível, mas quanto a associar o prazer à dor... Se existe dor, não existe prazer, se bem que os masoquistas sentem prazer em sofrer e os sádicos, em fazerem sofrer.

— Insanidade de parte a parte aleguei. — Aristóteles dizia que a virtude está no equilíbrio nem excesso nem carência. Os doentes que temos conosco neste hospital cometeram excessos ou... ficaram carentes. É justamente aí, meu irmão, que entra a nossa parcela de culpa.

— Culpa? Ora, eu não tenho remorso algum! Do que posso me arrepender?

— Diante de alguém caído, o que você faz?

— Nada! Não fui eu que o derrubei...

— E se alguém no chão for você?

— Bem...

— Responda sem rodeios insisti.

— Eu vou procurar não cair...

— Todos caem... As chamadas pedras-detropeço existem em todos os caminhos. E se você cair ou, então, for lançado ao solo?

— Tentarei me levantar sozinho...

— E se não puder?

— Esperarei...

— O quê? Que alguém o faça, não é? Esperará por um samaritano anônimo...

— Se samaritanos existem...

— E não lhe será grato?

— Ingratidão é defeito que não tenho... Difícil esquecer quem nos estende a mão.

— E se o samaritano precisar que você interceda em favor de um terceiro, de alguém que ele não possa auxiliar diretamente? Um filho, por exemplo?

— Não terei como me omitir...

— Somos interdependentes, não? O prazer é sempre a cota de alegria que furtamos a alguém. Tudo que se exacerba é egoísmo; o que passa em nós falta nos outros...

Nunca me considerei em condições de doutrinar a quem quer que fosse, apenas me proponho conversar com os espíritos que me era dado atender nas sessões do Sanatório. Graças a Deus, o falso moralismo jamais me conduziu em minhas intenções... Os desencarnados se apresentavam e eu os recebia fraternalmente, na tentativa de auxiliá-los, sendo que, na maioria das vezes, eram eles que me faziam enxergar melhor a minha própria realidade.

Enganam-se os doutrinadores que imaginam convencer os espíritos com meia dúzia de palavras... Apesar do meu jeito, digamos, um tanto bronco de ser, sempre fui sincero em minhas atitudes, e creio que seja o que, de certa maneira, me conferia autoridade sobre as entidades que se comunicavam conosco, expressando-se mediante D. Modesta ou, esporadicamente, por um ou outro mediano. Não raro, os desencarnados se manifestavam por várias semanas seguidas, dando continuidade ao diálogo que, infelizmente, os ponteiros do relógio interrompiam.

◊ *Filósofo* esteve conosco em várias oportunidades e não se tratava de um espírito que, a meu ver, pretendesse nos enrolar na reunião, ocupando todo o espaço da mesma; sim, porquanto, de quando em quando, apareciam aqueles que tentavam nos ludibriar, espíritos matreiros que, felizmente, eram logo identificados por mim, que não consentia que brincassem comigo.

Percebendo que o *Filósofo*, depois de vários encontros que com ele mantivéramos, fraquejava em seus argumentos, dando sinais de melhoras efetivas em seu mundo íntimo, continuei a exortá-lo:

— Meu irmão, não podemos nos opor ao curso natural da Vida... A necessidade de mudança é uma Lei. Deus não nos criaria para nos deixar entregues à própria sorte; existem circunstâncias que nos fazem avançar... A Verdade não está no excesso de palavras. O pensamento sem diretriz é um labirinto no qual podemos nos perder por séculos... A sabedoria está mais naquilo que somos e fazemos do que propriamente no que dizemos... A palavra, por mais eloquente e bela, pode soar vazia aos ouvidos dos nossos interlocutores. Quem diz e não crê no que fala não imprime ação à sua própria vontade. Reformule os seus conceitos equivocados acerca da Vida... Não fomos criados para a ociosidade eterna; tudo existe com uma finalidade superior... O prazer é um minuto que passa, deixando em seus rastros séculos de desilusão. Não se deixe influenciar por ideias esdrúxulas e teorias que intentam debilitar o homem, mantendo-o cativo da ignorância. Por mais tempo solicite à Natureza, o fruto amadurece... Creio que esteja chegando a sua hora de renovar-se. Harmonize-se. Ideias delirantes caracterizam o quadro de morbidez intelectual. Deixe de andar em círculos ao redor de si mesmo... Ocupe, agora, as suas mãos. Diz-nos os Evangelhos que “no princípio era o Verbo”, no entanto o Verbo Divino se transformou em ação e a Terra se modelou do caos.

— Talvez você esteja com a razão... retrucou o espírito, reticente. Eu já me sinto cansado e as minhas palavras não repercutem; não sei por onde é que eu andei durante todo este tempo... Tenho a impressão de que nunca parei de falar, ou melhor, de abrir a boca, consentindo que as palavras soassem desconexas... Você acha que eu sou louco? O que me levou a ser assim...

— O seu anseio, meu irmão, de ser mais do que é, é anseio natural a todo ser humano,

todavia ninguém logra transpor uma escada saltando degraus, sem que se exponha ao risco de fragorosa queda...

— De fato, eu sempre quis ser igual a Sócrates, a Spinozâ, a Rousseau... Nunca, no entanto, consegui escrever sequer uma linha. Tentei ser poeta e não consegui, literato e fracassei. Tentei, então, a Filosofia, o mundo das ideias livres, concebendo teorias pessoais que, a rigor, não havia quem as pudesse contestar. Chegava, por vezes, a me imaginar um Giordano Bruno ou um grande reformador como Lutero...

— Eu também gostaria de ter sido qualquer um deles, mas nunca passei de ser eu mesmo; aliás, sem que sejamos o que somos, jamais chegaremos a ser o que sonhamos... Todos aqueles aos quais você se refere, fizeram-se por baixo, ou seja, começaram no primeiro passo, derramando suor e vertendo lágrimas no inevitável e intransferível esforço da subida.

— Todos?

— É claro que sim, ou você poderia imaginar que sejam eles constituídos de material diferente? Onde é que estaria a imparcialidade do Criador? Os que admiramos na condição de Gênios da Humanidade, gestaram através da experiência e do sofrimento; foram espíritos que valorizaram a oportunidade e não malbarataram o tempo, o que convenhamos somos mestres em fazer... Deixamos que os minutos se escoem sem proveito com uma facilidade impressionante; vivemos de bocejos e, depois, queremos reivindicar...

— Eu acreditei que, de repente, uma luz principiasse a brilhar em mim; quem sabe, um lampejo me favorecesse e a futilidade de minhas palavras fosse tocada por real inspiração...

— Sem vínculo com a nascente, o rio seca... redargui, sentindo o envolvimento sereno dos espíritos amigos que me inspiravam no diálogo. Tudo promana de uma fonte... A luz da Sabedoria promana do Alto para o homem na Terra. De nós mesmos, nada podemos. Sem vínculo com o Criador, a criatura perde a própria identidade e não se encontra. Deus é o sustento da Vida. Os grandes iluminados apenas são grandes espelhos refletindo a Luz...

Interrompendo, por instantes, o curso das minhas reflexões filosóficas, enveredei por um caminho mais prático, concitando:

— Prepare-se para uma nova existência no corpo... Você tem potencial. Não sofra inutilmente! Muitos não sabem extrair da dor todo o arsenal de lições que ela contém. As mãos que operam na caridade às vezes podem nos ensinar mais que todos os compêndios, reunidos. A rigor, meu irmão, o que você tem feito de prático até aqui? Plantou uma árvore, construiu uma casa, educou uma criança?...

— Nada, absolutamente nada. A avidez do prazer me consumia o espírito, prazer que, em verdade, eu nunca soube definir. O Amor é um sentimento que desconheço. Todas as emoções que sinto são superficiais... Esvazio a taça e torno a enchê-la, sem jamais me saciar. Pui, confesso, um filósofo de botequim... Nunca, porém, ninguém falou comigo como você tem falado. Você é médico, não é? Isto é um hospital de dementes... Não sei quem me forneceu o seu endereço e nem como foi que cheguei até aqui.

— Aos poucos, você saberá... Não continue trocando o essencial pelos detalhes. Fuja à sua viciação mental... Crie, meu irmão, o hábito de orar; a prece saneia a atmosfera da alma... Respire no clima da fé. Sem que os percebamos, pensamentos que não são nossos nos influenciam; ideias que sintonizam com as nossas podem nos vampirizar, sem que haja necessidade de espírito obsessivo presente... Eleja para si novas companhias espirituais. Esvazie-se de sofismas e... esqueça. A reencarnação poderá favorecê-lo com a bênção de temporária amnésia. No seu caso, a reencarnação é prescrição terapêutica que não convém adiar, sob pena de maiores complicações. Enquanto lhe resta algum bom

senso, retome o corpo de carne, evitando, mais tarde, renascer em condições físicas anômalas. O cérebro espiritual, quando se degenera, demora para se reconstituir. Escolha um berço humilde em que, desde pequeno, seja compelido a trabalhar pela sobre vivência. A luta pelo pão de cada dia é vacina contra a perturbação.

— Tenho medo... falou, deixando-me perceber duas discretas lágrimas que lhe escorriam na face pelos olhos da médium. — Agora estou com mais medo ainda... Temo não sair desta...

— Deus não é Pai que conceda pedra ao filho que lhe peça pão... Se houver sinceridade de sua parte, o receio não se justificará. Bastar-lhe-á ser o que é, tomando consciência de sua fragilidade. O recomeço é sempre uma bênção. Às vezes, de enxada nas mãos, o homem aprende mais a respeito da Vida e de si mesmo do que frequentando as melhores escolas.

— Quem sabe, então, eu renasça filho de pobres lavradores...

— É uma excelente ideia concordei. — O contato com a Natureza e a vida no campo farlhe-ão imenso bem.

— Quem me auxiliará a tomar semelhante providência?

— Diversos amigos das Esferas Mais Altas poderão fazê-lo, todavia, se você tem pressa, procure se aproximar de um jovem casal de sitiantes... Aqui mesmo é uma zona rural. Quem sabe, não? Do ponto de vista espiritual, a nossa região é privilegiada e, talvez, lhe possa ser propícia às novas ideias.

— Agradeço a sua bondade...

— Bondade alguma, meu irmão. Para lhe dizer a verdade, eu já estou invejando você...

— A mim? indagou, surpreso e curioso.

— Sim, a você respondi sem titubeios. —

Eu também sinto, por vezes, a cabeça cansada cansada dos meus muitos livros, da agitação da cidade, da rotina do consultório... É possível que, mais tarde, eu siga a sugestão que estou lhe fazendo. Gostaria de renascer num ambiente que me induzisse a um contato mais estreito com as coisas simples da Vida...

— Adeus! disse-me o *Filósofo*, partindo.

— Até breve! respondi, convicto de que algum dia, em algum lugar, os nossos caminhos voltariam a se encontrar.

Aquele pensador nunca mais apareceu. Os anos se passaram e, vez por outra, eu me recordava dele nas longas conversações que entabulávamos nas noites calmas e silenciosas das reuniões de toda quarta-feira no Sanatório. Quando, porventura, um casal de sitiantes das redondezas me procurava e se fazia acompanhar de algum pirralho, eu me detinha a observá-lo...

Nada posso afirmar, mas, cerca de dez anos depois, um menino peralta que corria atrás dos meus gatos no hospital, enquanto eu me detinha a lhe consultar a avó com depressão, disse-me, ao ser ameaçado por mim de um puxão de orelhas:

— Conjecturas, conjecturas!...

## 28º Capítulo Espiritismo e Preconceito

O Espiritismo graças a Deus! é uma doutrina completamente isenta de preconceitos. Embora não se possa dizer o mesmo dos espíritas, o Espiritismo não endossa o falso moralismo. É lógico que não estou generalizando, porquanto muitos irmãos de ideal

professam com sinceridade a sua crença e são extremamente tolerantes... Os mais rigorosos, em termos de moralidade, são os de conduta mais reprochável. Eu os conheci e os conheço bem, quanto conheço a mim nas fragilidades que ainda me assinalam.

Se o Espiritismo não fosse condescendente com as imperfeições humanas, seria uma doutrina destinada aos anjos e não aos homens. E digolhes, com franqueza, que ele em nada me atrairia. No entanto, na revivescência do Evangelho, o Espiritismo é mesmo o Consolador Prometido abrindo os braços a criaturas de qualquer procedência.

Semelhantes reflexões me veem a propósito da visita que, certa tarde, recebi em minha casa.

<sup>x1</sup>— Desculpe-me, Dr. Inácio, incomodá-lo disse-me a irmã que solicitou a minha atenção por alguns minutos. Sei que o senhor é muito ocupado, mas estou necessitada de conversar com alguém...

— Fique à vontade e não se preocupe respondi, procurando minimizar a sua aflição.

— Fundei uma casa espírita em bairro afastado... Tive uma vida difícil desde a minha infância e, infelizmente, perambulei por caminhos equivocados. Eu não me casei; moro com um companheiro que é separado da mulher... Não fui eu que provoquei a separação dos dois; quando o conheci, ele já a havia deixado. No Espiritismo, eu me encontrei. Andava muito perturbada, e uma amiga me levou até o Chico Xavier; quando ele me viu, sem sequer me ter visto antes, me chamou pelo nome e me disse palavras de encorajamento... Fiquei feliz e resolvi deixar aquela vida atribulada ou, pelo menos, tentar. Muitos, na cidade, me conheceram e sabem do meu passado. Agora estou um tanto envelhecida, mas eu já fui uma mulher bonita...

— Dá para perceber brinquei, acendendo um malfadado cigarro e solicitando à serviçal de nossa casa que nos preparasse um café.

— Ora, Doutor, não troça comigo! Eu não tinha estas rugas no rosto e nem tantos fios de cabelo branco...

— O tempo é um artista, esculpe e pinta com perfeição... O pior é que nunca está satisfeito com a obra que concebe senti-me inspirado a dizerlhe.

— Deixe-me continuar pediu-me, ansiosa. — Eu poderia ter ficado rica, mas nunca me apeguei às coisas deste mundo... Vivo hoje com uma modesta aposentadoria e o meu companheiro, que foi proprietário de fazendas em Uberaba, não tem mais nada; somos quase dois velhos, um fazendo companhia para o outro... Ultimamente, ando muito aborrecida, Doutor. O senhor sabe, as fofocas...

— O sopro do Diabo, do lendário Diabo você quer dizer... atalhei, com ironia. Uma vez ou outra, ele também me bafeja... O bafo dele é insuportável, sabe?...

Ela sorriu e contou:

— Estão dizendo que eu não tenho moral para presidir uma casa espírita, que eu tenho um amante, que sou prostituta...

— “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estais por dentro cheios de rapina e perversidade”...

— E u adquiri o terreno com o meu dinheiro, não pedi um centavo a ninguém... Vivo no meio da poeira, Doutor. O bairro onde moramos é muito pobre, a criançada passa fome e aquelas mães, muitas largadas do marido, sofrem muito, quase não tendo o que comer. Distribuímos pão, roupa, sopa... Oramos com eles toda manhã...

— Você vive no Céu e não sabe...

— Mas as conversas maledicentes me entristecem; quase toda semana é “fulano disse”, “sicrano contou”, “beltrano acha”...

— Falarão sempre... Não espere sensatez dos insensatos. O Espiritismo é livre; não temos que prestar obediência a ninguém, a não ser à própria consciência...

— O centro espírita é na minha casa; me levanto de madrugada para preparar a

sopa, para fazer o chá que oferecemos às crianças da evangelização, no entanto...

— A língua do povo é sinuosa feito o corpo de uma serpente...

— Eu não esperava que os próprios espíritas...

— Não se iluda, minha irmã, são os piores ou, por outra, somos os piores... Os que não prostituíram o corpo estão prostituindo a alma. Existe muita gente boa, mas os bons são tímidos em excesso.

— De fato, Doutor, recebo a ajuda de alguns não estou me referindo a todos...

— Se você conta com a aprovação e o apoio de um homem como Chico Xavier, dê uma banana para o resto comentei, indignado.

— Eu tenho me esforçado para melhorar; não sou mais o que fui, mas eles não me deixam esquecer... Às vezes, tenho vontade de deixar tudo e ir embora.

— É o que as trevas querem que você faça...

— Não cito nomes, não falo mal de ninguém, mas...

— Eu não sou muito bom com números, mas, dias atrás, eu estava folheando o “Novo Testamento” e tive a curiosidade de contar: só no capítulo 23 do Evangelho segundo Mateus, Jesus chama os escribas e os fariseus de hipócritas 7 vezes... Hipócritas, quase uma dezena de vezes!...

— Maria Madalena se transformou e foi escolhida para ser a mensageira da Ressurreição...

— Essa gente, minha irmã, *côa um mosquito e engole um camelo...*

— O que significa?

— Tornam pequenas as coisas grandes e fazem grandes as coisas pequenas.

— Como assim, Doutor?

— Ninguém enxerga o tamanho do seu idealismo, do seu amor à Causa, da sua luta para melhorar... Se não tem em quem atirá-las, o homem não sabe o que fazer com as pedras que carrega nas mãos...

— Eu tenho me esforçado, sou uma mulher sozinha... Não tenho família, não tive filhos... Veja as minhas mãos, Doutor, repletas de calos; lavo roupa, cozinho, racho lenha; trabalhei de servente de pedreiro na construção do Centro construímos a casa em regime de mutirão... Saí por aí pedindo tijolos. Os espíritas foram os que menos me ajudaram...

— Estão lhe dando as pedras, minha irmã, para a sua edificação espiritual... Tenha paciência!

— Quando eu fui visitar Chico Xavier, ele me disse: “Tudo de que acusam você, eles me acusam também”... Fiquei pasma. Um homem sem defeitos qual o Chico!

— Somos todos doentes em tratamento, neste grande hospital que é a Terra! Para que não sejamos o alvo, estamos sempre a elegê-lo nos outros... No fundo, o que pretendemos é desviar a atenção de nós. Como não somos capazes, não queremos que ninguém o seja. O que é que você esperaria uma ex-adúltera presidindo uma casa espírita?!... Quase pelo mesmo motivo, Jesus foi crucificado. O filho de um carpinteiro, o Messias?! Nunca, jamais... Um homem que convivia com os pecadores ser o Enviado dos Céus?! Um absurdo! Uma heresia!...

— O senhor acha, então, que devo continuar?

— Tenho certeza.

— Dizem que eu não posso aplicar passes e nem doutrinar espíritos; o nosso Centro, Doutor, fica perto do cemitério...

— Melhor ainda! Os espíritos estão ao lado...

— Somos uns três, quatro médiuns apenas gente humilde lá do bairro...

— Quanto maior o grupo, maior a confusão... Quando o grupo cresce ao ponto de não mais conhecermos os seus frequentadores pelos nomes, podemos esperar: é confusão na

certa.

— O senhor acha que eu posso continuar aplicando passes?

— Se você não pode aplicar passes, eu não posso nem ser espírita!

A senhora, um pouco mais jovem do que eu, sorriu e respirou aliviada.

— Fico mais tranquila — disse, ajeitando a bolsa e a sombrinha, preparando-se para sair.

— Eu não posso pagar a consulta...

— Eu é que vou pagar a você respondi, abrindo a gaveta e pegando algum dinheiro.

— É para nossas crianças. Creio que dá para comprar macarrão, fubá, leite...

— É muito, Doutor redarguiu, surpresa.

— Todo mês, você pode mandar alguém vir aqui...

— Estou envergonhada...

— Não se sinta assim. Eu estou no *bem-bom* lá no Sanatório, alheio aos problemas das casas espíritas na periferia; há muito espírita safado, que embolsa tudo, mas não é o seu caso... E espere a minha visita qualquer dia.

— Irão falar mal do senhor...

— Já falam tanto, que terão que exercitar a criatividade...

Despedimo-nos e a corajosa confreira, uma mulher de pequena estatura física, mas de grande valor espiritual, retirou-se, feliz.

De fato, depois de aproximadamente um mês, coloquei o meu carro na poeira e cheguei sem avisar, num domingo ensolarado. Cerca de cinquenta crianças e uns vinte velhinhos estavam na fila da sopa que fumegava, tentadora... De avental e pano amarrado à cabeça, ela me recebeu com alegria.

— Doutor! Eu não acreditava que o senhor viesse...

— Uma das poucas coisas que eu ainda não aprendi foi mentir... muito!

Fiquei por ali mais de meia-hora e confessei que, o tempo todo, fazendo força para não chorar. Tudo era simples, mas tudo era tão limpo!... Um pequeno jardim à semelhança de um oásis no deserto, o prédio humilde do Centro com reboco inacabado, uma cerca de bambu, uma cisterna de água límpida...

Quando a sopa terminou de ser servida, antes de ir embora, solicitei àquela irmã, que não cabia em si de contentamento:

— Eu gostaria que você e as suas companheiras me transmitissem um passe!...

Vi quando o casal desceu do carro e, olhando para os lados, entrou depressa no Sanatório conduzindo uma jovem. A maioria dos que me procuravam, o faziam à semelhança de Nicodemos a Jesus, apesar do despropósito da absurda comparação... Muitos, ao agendarem uma consulta comigo, queriam mais do que sigilo. O simpático doutor da lei, a quem Jesus falara sobre Reencarnação, prevalecera-se das sombras da noite para não ser percebido pelos que o reverenciavam na condição de mestre em Israel.

— Dr. Inácio explicou-se o pai, constrangido -, somos de Uberlândia; telefonamos e marcamos a consulta com o senhor... Esta é a nossa única filha, a Isadora.

Olhando para a moça, não tive dificuldade para notar que ela era vítima de certa perturbação que, a princípio, me pareceram traços de esquizofrenia; além do mais, com a minha longa experiência clínica, diagnostiquei uma gravidez inicial.

— Ela está grávida confirmou o genitor -, quase completando sessenta dias de gestação. Precisamos que o senhor nos ajude.

— A minha filha, Doutor interferiu a mãe -, é doente; tem crises de desequilíbrio e fica agressiva... Foge de casa com frequência e... deu no que deu. Não sabemos quem é o pai.

— O pior é que ela tentou se matar... Cortou os pulsos com uma navalha e a encontramos caída no banheiro... Estamos desesperados. Isadorão pode ter essa criança; um médico amigo me disse que a possibilidade de meu neto herdar os problemas

psíquicos da mãe é grande... acrescentou o chefe da família.

A jovem, que apresentava cicatrizes em ambos os pulsos, não dizia uma palavra; ensimesmada, mais me parecia um animal acuado, vítima, certamente, das inegáveis pressões que vinha sofrendo...

— Não sabemos o que fazer. Indicaram-nos o senhor disse a genitora. — Preferimos Uberaba para evitar comentários... O meu marido é bastante conhecido em Uberlândia, onde residimos há mais de vinte anos. Tocamos fazenda e somos cerealistas...

— O que vocês desejam exatamente de mim? perguntei, quase adivinhando-lhes o propósito.

— Queremos interná-la responderam em uníssono. — Não podemos ficar com a Isadora em casa e...

— Estamos passando por pais relapsos, Doutor emendou o fazendeiro. — É contra nossos princípios, mas...

Ho meu marido e eu já discutimos o assunto e não temos alternativa...

— Somos católicos, e ninguém compreenderia...

— Por favor, sejam mais claros pedi.

— É a terceira vez que a nossa filha tenta se matar. Queremos um tratamento psiquiátrico para ela e confirmar com o senhor o que o médico nos disse...

— A respeito da criança que vai nascer?

— Sim observou o pai, alternando-se com a esposa no diálogo que sustentavam comigo.

— De fato, existe tal possibilidade; estudos demonstram que não apenas os caracteres físicos são transmitidos hereditariamente...

— O senhor, então, não acha aconselhável o aborto? Ela aproveitaria a internação aqui... Pagaríamos todas as despesas. Diremos em Uberlândia que a enviamos em tratamento para o Rio de Janeiro, onde temos parentes.

— Vocês já consultaram Isadora a respeito?

- questionei, deixando-os surpresos.

— Como?! reagiram. — Infelizmente, nossa filha não tem bom senso; desde os quinze de idade, ela vem ficando estranha... Primeiro, começou a se trancar no quarto e, depois, a fugir de casa.

Deixando pai e mãe por instantes, voltei-me para a jovem, que me fitava com os seus dois grandes olhos castanhos, e tentei conversar.

— E você, filha, o que me diz?

— Há mais de dez dias, Doutor, que ela não pronuncia uma palavra... É inútil interferiu a genitora, demonstrando receio do que a filha fosse capaz de me dizer.

— Isadora insistiu -, eu gostaria de ouvi-la... Você concorda com tudo isso? Sei que você está lúcida e é inteligente. Por que você tem tentado se matar? O suicídio, minha filha, é contra as Leis de Deus...

— O aborto também é... respondeu, deixando os pais boquiabertos.

— Repita, filha, queremos escutá-la de novo...

— Eu quero a criança! Eu quero a criança!...

- murmurou, sob o efeito dos medicamentos que lhe haviam sido prescritos.

— Não é possível, Isadora atalhou o pai. — Você está doente. Eu e a sua mãe não podemos assumir o seu filho; se, pelo menos, você fosse casada... Mas com quantos rapazes você namorou? Agora, ninguém a quer.

— Deixemo-la falar intervim com determinação. — Isadora, você quer ser mãe? É grande a responsabilidade de se ter um filho...

— Eu quero a criança!... Não quero abortar!...

— Doutor, o senhor nos auxiliou pediu a mãe da jovem, tomada pelo pavor. Eu não sei

o que eu e o meu marido fizemos para merecer o que estamos passando...

— De graça, não é sentenciei, me contendo a custo. — Não vamos nos isentar de culpa. Ninguém é tão bom quanto pensa...

Nós não sabemos nada de Espiritismo, Doutor retrucou o cerealista. — Já nos falaram em Reencarnação, mas eu não entendo... O senhor acha que é um carma o que estamos atravessando?

— Tenho certeza... Quem semeia, colhe. Mas a dor pode ser uma bênção...

— Eu não vejo como...

— A doença, às vezes, pode ser o remédio...

— Explique-nos, Doutor solicitou a senhora.

— Tenho acompanhado casos interessantes... Com o nascimento da criança, a Isadora poderá melhorar consideravelmente.

— O senhor garante?

— Eu nada sou para garantir alguma coisa respondi. — Não garanto nem a minha vida no próximo minuto... Estou dizendo que é uma hipótese que, sob a óptica espiritual, deve ser considerada. E, de mais a mais, aqui é uma casa onde se reverencia a Vida e não a morte...

— Mas, no caso de Isadora, o aborto tem indicação terapêutica, não? foi a vez de o pai da moça me pressionar.

—Não, não tem e assumo disse com ênfase. — A única indicação no caso são o comodismo e o preconceito de vocês...

—Doutor, o senhor nos ofende!..': \*

—A Verdade não tem a intenção de ofender a ninguém, meu amigo. Vocês não me procuraram como médico? Pois digo-lhes que nossa Isadora poderá melhorar com o nascimento do filho.

—Eu quero a criança! Eu quero a criança! dizia aquela quase adolescente, afagando o ventre com a destra.

— Viemos tão esperançosos...

— O que vocês esperavam de mim?

—Que o senhor internasse a nossa filha durante sete meses os sete meses restantes da gestação que necessita ser interrompida... Aqui é um hospital, e abortos *espontâneos* acontecem eis o que claramente esperamos explicou-se o fazendeiro e cerealista abrindo o jogo. — O que é que pretendemos de errado? Ponha-se, Doutor, na minha condição de pai...

Já fiz isto, meu amigo... Você agora é que deve se colocar na minha condição & na minha, na de sua filha e... na de seu futuro neto. Imaginemos se fosse você que estivesse para nascer?...

Positivamente, naquela tarde eu estava possuído por uma paciência divina. Caso contrário...

— Faça com vocês um acordo disse, por fim.

— Qual? interessou-se a senhora de temperamento irritável.

— Isadora ficará conosco até o final da gravidez...

— E o senhor faz o aborto?

— Não, faço o parto...

— Impossível! Eu não quero a criança...

— Eu quero a criança... redarguiu a jovem, olhando a mãe dentro dos olhos.

— Acalmem-se pedi. — Se vocês não quiserem o menino ou a menina que vai nascer, fico com ele ou com ela...

— A criança é minha falou Isadora, quase esboçando um sorriso.

— Está feito, Doutor o casal concordou no ato. — O senhor poderá doá-lo, não? Dizem que os pais que não podem ter filhos procuram crianças para adotarem nos hospitais... De nossa parte, não criaremos problema.

— Eu não dou; a criança é minha...

—Filha disse-lhe com discreta piscadela a criança é nossa... Tranquelize-se!

—O senhor faz muitos partos aqui? perguntou a senhora um tanto aliviada, imaginando ter encontrado uma melhor solução para o problema.

—Será o primeiro... De há muito, eu estava querendo que uma criança nascesse aqui... Você quer ter o seu filho conosco, Isadora?

— Quero! Eu quero a criança...

—Você a terá disse, alisando-lhe os cabelos. — Ou melhor, nós a teremos... Este espírito não irá se frustrar em sua tentativa de renascer... Mas você terá que me prometer que nunca mais pensará em morrer!

— Prometo! Eu prometo!...

—Doutor, como a minha filha poderá levar essa gravidez a termo? Ela não fala coisa com coisa... inquiriu o genitor.

—Ela está excessivamente impregnada expliquei. — Diminuirei os medicamentos e entraremos com outro tipo de terapia...

— Qual?

— Passes e água fluidificada... Vocês já ouviram falar?

— Funciona para esquizofrenia?

— Mais que qualquer providência médica...

— Quer dizer que o senhor não acredita em remédios?

— Até certo ponto. Nos casos psiquiátricos, o medicamento deve entrar como terapia de apoio... Isadora está precisando de carinho, de atenção, coisa que, ao que me parece, vocês não têm dado a ela...

— Desde menina, ela é rebelde e desobediente...

— Igual a todos nós, não é?

## 30° Capítulo Isadora

Os dias passaram rápidos e... lentos, prodígio que apenas pertence ao Tempo de, por vezes, ser vertiginoso e, por vezes, moroso, veloz como uma águia, que corta o firmamento e, concomitantemente, lento como o caracol, que se arrasta.

Isadora ia melhorando a olhos vistos; à medida que se lhe distendia o ventre, a lucidez parecia lhe beneficiar o entendimento. Eu já presenciara diversos casos semelhantes com certeza, o obsessor a renascer por ela, aninhando-se em seu colo de mãe, lhe concedia uma trégua... A reencarnação, sem dúvida, é o remédio eficaz contra os males de maior gravidade da alma. Com a curiosidade do cientista e a alegria do crente, eu acompanhava aquela metamorfose que se operava na futura mãezinha, irradiando-se-lhe no semblante; aquela flor mirrada, aos poucos readquiria a vitalidade e a beleza, com pétalas orvalhadas exuberantes ao Sol da manhã...

De quinze em quinze dias, o comerciante de Uberlândia e a sua esposa vinham ver a filha e nada mais falaram comigo a respeito do pacto que seláramos. Eles não sabiam que, com facilidade extrema, a minha palavra voltasse atrás; de acordo com as circunstâncias e as necessidades, as minhas opiniões se modificavam... Em meus lábios, um sim poderia ser um não, e vice-versa. Para mim, era difícil vivenciar no cotidiano o “sim, sim; não, não”, de Jesus Cristo...

— Como a Isadora está melhor! exclamava a mãe, a cada vez que vinha visitá-la.

— Estou surpreso, Doutor, com a recuperação dela... emendava o genitor, que, no portamalas do carro sempre nos trazia sacas de arroz e de feijão, qual se pretendesse, parceladamente, me comprar a consciência... Desculpem-me, se me precipito no julgamento de sua atitude, que talvez muitos considerem simples generosidade; com certeza, não estarão eles, os que discordarem de mim, tão habituados quanto eu a lidar com a personalidade humana... Os homens, segundo os seus interesses, mudam até de voz, tornam-se, como alertou Jesus, lobos em pele de cordeiro. Mas deixemos de divagações...

— Que medicamento ela está tomando? Algum novo lançamento do Exterior? insistia a senhora que, devagar, se reaproximava da menina.

— Os remédios são os mesmos eu explicava mas em sua dose ótima, ou seja, o mínimo necessário...

— Isadora está tão bem! Nunca vimos a nossa filha tão tranquila comentou o cerealista.

— São os passes respondia, percebendo, no entanto, a resistência velada do seu preconceito religioso. — Os passes atuam em nível de corpo e perispírito, beneficiando a vítima e o seu algoz...

— E uma benção, não é, Doutor? perguntou a senhora.

— Não deixa de ser, porém mais eficiente...

— Por que mais eficiente? indagou o pai de Isadora.

— Porque os médiuns atuam com conhecimento de causa, estabelecendo mais consciente sintonia com as forças espirituais que são postas em movimento com o propósito de aliviar ou curar.

Depois de quase dois meses conosco, Isadora conversou com naturalidade e, não raro, me questionava a respeito das cicatrizes que trazia em ambos os pulsos.

— Doutor, teria sido eu mesma a me cortar? Tenho uma vaga lembrança, mas... Escutava muitas vezes que me acusavam e era como se, de repente, eu deixasse de ser eu.

— Não se preocupe mais com isto, minha filha procurava desconversar. — Todos passamos por certas crises... O importante é que você está melhor e mais linda, a cada dia.

D. Modesta, sempre prestativa, envolveu a jovem e a fez interessar-se pelo enxoval da criança que, com pressa de nascer, não esperaria os nove meses. Sob a orientação da devotada companheira, Isadora, que nunca havia enfiado a linha numa agulha, começou a fazer pequenos bordados e gravar as iniciais da criança nos cueiros e nas fraldas; sim, porque D. Modesta lhe havia revelado que ela seria mãe de um menino...

— Então, vai se chamar Fernando!... — dizia Isadora, esboçando um sorriso.

Por volta do sexto mês de gestação, quando se despedia de mim, o fazendeiro questionou:

— Está de pé, Doutor, o nosso trato?

— Como não?! respondi, mentindo... — Eu já tenho até os candidatos a pais do seu neto. Não se preocupem; vocês nem o verão... Assim que o garoto nascer, tomarei providências.

— Diga a ela, Doutor, que o recém-nascido não resistiu... sugeria a desnaturada avó.

Para ser sincero, só estava aguentando aquilo tudo porque, no fundo, eu me deliciava com o *golpe* que estava preparando para aqueles dois; positivamente, eles não me conheciam...

Ao completar o sétimo mês, o telefone tocou em casa de madrugada; era o Manoel Roberto avisando que Isadora estava com contrações a bolsa havia se rompido e a criança estava prestes a nascer...

— De psiquiatra a parteiro eis a minha sina, murmurei, desligando o telefone e me

vestindo às pressas.

**O** menino, apesar de prematuro, nasceu bem e sem maiores problemas. Confesso-lhes que, raras vezes, experimentei tamanha emoção B a emoção de cooperar para que um espírito, vencendo a barreira das dimensões diferentes, viesse ao mundo... Então refletia em silêncio aquela era a cara do obsessor de Isadora, uma criança indefesa e assustada, agora completamente entregue aos cuidados daquela a quem ele perseguia! Que coisa extraordinária!... De dominador a dominado, de auto-suficiente a dependente, de espinho a flor... Com avidez, o recém-nascido sugava os seios da mãezinha, naquela química divina de transformar o ódio em amor. Certo, teriam problemas, mas...

Segundo deduzia, Isadora, embora aliviada psiquicamente, estaria sujeita a crises periódicas; a esquizofrenia era um problema que, durante muito tempo, continuaria a desafiar a Medicina... Tildo, no entanto, estava certo; as Leis Divinas não se equivocavam... O pequeno Fernando talvez viesse a se constituir no protetor da mãe os braços que a enlaçariam e os lábios que a cobririam de beijos, qual se, de forma inconsciente, intentasse cicatrizar as chagas que Isadora trazia abertas na alma, nos embates travados consigo mesmo.

Ainda de madrugada, pedi a Manoel Roberto que ligasse para Uberlândia e acordasse o casal.

— Diga-lhes que o menino nasceu... Que venham depressa!

Meu Deus, como dormem os espíritos na Terra, que, por vezes, me parece mais um planeta dormitório, do que propriamente um educandário! Para a maioria, o mundo não passa de escura caverna e os homens não passam de seres notívagos...

Amanhecia, quando os pais de Isadora chegaram ao Sanatório; os pardais faziam a sua orquestração matinal e, floridos, os pés de jabuticabas enchiam o ar de inebriante perfume, atraindo as abelhas...

Eu estava espiando pela vidraça, perdido com os meus pensamentos nas espirais de fumaça do cigarro que fumava, quando os vi estacionar o carro no pátio do hospital e descerem, esbaforidos.

— Tolos! — resmunguei. — Idiotas! repeti, não satisfeito. — Duas bestas quadradas, apeando de um carro de luxo! praguejei, tossindo...

— Como está a nossa filha, Doutor? perguntou o fazendeiro e cerealista, que deve ter sido aquele homem no qual Jesus se inspirou, quando narrou a parábola do homem insensato e louco que mandara aumentar os seus celeiros...

Sentindo que era o momento de alterar o meu discurso, respondi:

— Estão bem; mãe e filho estão muito bem...

— O parto se antecipou, não é, Doutor? questionou a senhora, com voz trêmula.

— Às vezes, acontece... Deus também nos prega peças!

— Como assim?!

— Conforme havíamos combinado, o casal que adotaria o neto de vocês é de outra cidade... **O** menino nasceu de sete meses e não pude avisá-los.

— Quer dizer, então...

— Quer dizer que a criança está nos braços da mãe; afinal, tinha que mamar, não é? Eu vou precisar de tempo; vou ter que localizá-los e é provável que demore uns dias, três dias...

— Mas, Doutor...

— Olhem, não me culpem; eu não posso com Deus... Estava tudo certo: nome, endereço... disse, sentindo-me como, digamos, um Clark Gable.

— Fizemos um trato... argumentava a matrona.

— E ele não está desfeito, apenas não saiu como prevíamos... Vocês querem vê-los? indaguei, como se não tivesse dando a menor importância à aflição deles e, de fato, não

estava mesmo.

Entreolhando-se surpresos, antes que respondessem, emendei:

— Isadora sabe que vocês chegaram... O menino é lindo e tem os olhos castanhos iguais aos do avô, embora os traços fisionômicos e o sorriso sejam os da avó...

É claro que eu estava exagerando; o garoto não tinha nada a ver com aquelas duas, desculpem-me, toupeiras... Eu nunca haveria de xingálos o suficiente pela proposta que ambos haviam sido capazes de me fazer. (E vocês, que estão me lendo agora, não pensem que eu, o Dr. Inácio Ferreira, fosse diferente de qualquer um de vocês o meu arsenal de palavras grosseiras era considerável!)

Ante o impasse que se criara, a Providência Divina interveio no momento certo: o menino, que até então ressonava ao lado da mãe, em um quarto isolado próximo à enfermaria, começou a chorar... Espontaneamente, como que atraídos por um mágico encanto, o casal me tomou a frente e saiu caminhando na direção do choro. Eles tinham caído como dois patinhos! Eu me regozijava da maldade...

Quando a porta do quarto foi aberta, Isadora sorriu e, com ingenuidade, falou para o filho que se aquietara:

— Fernandinho, são o vovô e a vovó!... — E trouxeram presentes... falei, deixandoos em dificuldade e com vergonha.

## 31º Capítulo Abrandando a Prova

A passos lentos, a mãe de Isadora se aproximou do leito e colocou a mão sobre a mão da filha, que sorria como quem tivesse ganhado um presente do Céu.

— O Dr. Inácio disse que ele se parece com vocês... Ele não é uma gracinha?

— Sim, minha filha; ele é lindo, mas... Antes que a senhora concluísse a frase, emendei:

— O momento é de alegria; o futuro pertence a Deus... Não vamos, agora, cogitar de outra coisa que não seja o restabelecimento de Isadora...

— Eu já tomo os remédios sozinha, papai; antes eu era rebelde, o senhor se lembra? O Dr. Inácio me ensinou... Preciso criar o meu filho...

o genitor, incapaz de falar, permanecia mudo, com os olhos marejados.

— Pegue o Fernandinho no colo, papai pediu a jovem, serenamente envolvida pelo amparo do Alto.

o comerciante me olhou e reforcei a solicitação de Isadora:

— Pegue-o, não tenha receio... O seu neto está bem. Assim que nasceu, chamei um pediatra amigo para examiná-lo.

Desajeitado e esquecido das poucas vezes que, certamente, tivera a própria filha no colo, o avô abraçou-se à criança e começou a niná-la; o recém-nascido, intuindo, quem sabe?, que aqueles braços seriam os únicos braços de pai que conheceria na vida, esboçou discreto sorriso... Enciumada, a avó interveio:

— Não é deste lado que se segura um menino disse, tomando Fernandinho dos braços do marido; a cabeça deve ficar de encontro ao peito, ao lado do coração... Você não tem experiência...

— Eu quase não tinha tempo, Doutor procurou justificar-se. — A fazenda e, depois, a máquina de beneficiar arroz não me deixaram acompanhar o crescimento de Isadora; toda a vida, trabalhei muito...

Aquele, sem dúvida, aquele era o instante de desfechar o golpe de misericórdia; emocionalmente, o casal de Uberlândia estava frágil e à mercê da situação que fora criada pelas circunstâncias e... fomentada por mim.

— Vocês fiquem à vontade observei; preciso dar um telefonema para Ribeirão Preto... Não demoro. Empenhei a minha palavra e não volto atrás...

Marido e mulher me olharam significativamente, mas, sem dar a mínima para nenhum deles, saí, representando em cena...

O comerciante, me alcançando no corredor, pediu:

— Doutor, espere um pouco; vamos conversar...

— O casal de Ribeirão está esperando... Não é o que vocês querem?..., indaguei, reticente, no diálogo que prosseguiu.

— O senhor acha...

— Uma criança crescendo enjeitada numa casa, não sei... O amor faz falta. Se damos carinho às plantas e aos animais, por que o negarmos a uma criança? Você e a sua esposa estão certos: é melhor darmos sequência ao plano. Diremos a Isadora que o menino teve que ser internado com pneumonia e... que morreu. Ela vai chorar, mas tudo passa.

— Doutor, o senhor nos perdoe...

— O senhor está falando por você ou também pela sua esposa?

— Tenho certeza de que falo por nós dois; não somos tão cruéis assim...

— Eu pensei que fossem... Lembra-se da proposta que ambos me fizeram?

— Tínhamos receio de mais uma criança doente; a Isadora...

— A Isadora melhorou, mas não alimentem muitas esperanças; a esquizofrenia costuma ser uma prova para toda a vida... É possível que ela recaia em outras crises.

— Quais as chances do meu neto ter herdado a carga genética da mãe?

— Ainda é cedo para falar, mas a chance é de **50%**. A Isadora deve ter herdado o problema de alguém de sua família... Cientificamente, não se chegou a qualquer conclusão, mas, no caso da esquizofrenia, a genética parece implacável.

— A avó dela, mãe de minha esposa, morreu num hospital psiquiátrico; daí o trauma que carregamos...

—A sua esposa argumentei também não me parece muito tranquila...

—A nossa vida tem sido difícil; o senhor já deve ter reparado que ela tem problemas psiquiátricos...

—Desde a primeira vez que me procuraram.

—Isto explica, Doutor, a minha angústia.

—Explica, mas não justifica...

—O senhor tem razão.

Como faremos? — questionei.

— Ficaremos com o menino. Quem sabe...

— Tenho certeza de que a presença do seu neto em sua casa será bom para todos vocês.

— Quando poderemos levá-lo?

Não é prudente que seja agora; digamos dentro de uns três, quatro dias... E a sua esposa, não seria interessante ouvi-la?

Voltamos para o quarto e a senhora, ao nos perceber abrindo a porta, que rangeu, levou o indicador aos lábios e pediu silêncio: o garoto dormia nos seus braços e, extenuada, Isadora igualmente cochilava. Chamando-a à porta para conversar, após ter acomodado o neto no berço rente à cama da filha, fui direto ao assunto.

— Precisamos resolver... Aqui não é maternidade e muito menos orfanato.

— Resolver o quê, Doutor? perguntou, dando o braço ao marido.

— O que vocês me pediram que fosse feito quando a criança nascesse; infelizmente, o parto se antecipou e...

— Vamos levar a minha filha e o meu neto conosco! reagiu com energia.

E, dirigindo-se ao esposo, disse, incisiva:

— Eu quero a criança! Eu quero a criança!  
— Tudo bem atalhei, temendo ir além do que me competia. — A criança é de vocês.

— Eu tenho um primo que é da polícia, Doutor desafiou a mulher.

Ora, ora! Aquela seria boa! Eu atrás das grades, quando aqueles dois é que deveriam estar trancados numa das celas do Sanatório...

— Não, minha senhora, não há necessidade de que cheguemos a tanto falei, piscando discretamente para o cerealista. — Não queremos complicações com a polícia.

— Quer dizer...

— Que dentro de uns três dias vocês poderão viajar; Uberlândia não é tão longe assim...

— Ficarei aqui...

— Como?! interrogou o esposo, surpreso. v — Ficarei aqui! repetiu, com ênfase, a avó.

— Mas o hospital não possui acomodações adequadas... Vocês pagando, eu ajeito redargui.

— Dinheiro não é problema, Doutor...

— Então, está tudo resolvido.

Depois do almoço, deixando a esposa na companhia da filha e do neto, o comerciante partiu, tendo ficado acertado que voltaria no meio da semana para buscá-los. Naqueles pouco mais de dois dias em que se hospedara conosco, pude melhor analisar o drama da família. O espírito que reencarnara havia sido, em existência pregressa, o pivô do desentendimento entre aquelas duas, que, agora, ele deveria se esforçar por reaproximar; no outro dia, mãe e filha já me davam a impressão de disputar o menino...

No dia marcado para a alta hospitalar de Isadora, convidei o casal ao meu gabinete e esclareci sem meias palavras:

— Devo dizer a vocês que nunca houve ninguém em Ribeirão Preto interessado no seu neto; se vocês pensaram que eu fosse capaz de aceitar a proposta que ambos me fizeram, enganaram-se redondamente... Sinto-me no direito de dizer o que estou dizendo. Aqui mando eu e não aceito que ninguém levante a voz para mim ou me faça ameaças. Primeiro, vocês me propuseram um aborto e, depois, que mentisse para a Isadora... Falamos em dinheiro; vocês não me devem nada... A minha consciência não está à venda e, se estivesse, não teriam dinheiro para comprá-la. A menina, de fato, é doente, no entanto é mais sadia que vocês dois e, principalmente, mais que a senhora ■disse, olhando para aquela mulher, que abaixou a cabeça. — Moderem o temperamento e pensem na responsabilidade que estão assumindo ao levar esta criança para casa. São católicos? Por que não frequentam a igreja? A Isadora vai necessitar prosseguir com o tratamento e... a senhora também precisa.

— Eu?! exclamou a mulher, ante o silêncio do companheiro.

— É, a senhora confirmei.

— Mas eu não sinto nada...

— Às vezes, a pior doença é aquela que não se sente.

— Sou apenas um pouco nervosa, tenho insônia...

— Trate-se; não comigo, mas trate-se...

— E eu, Doutor? perguntou o pai de Isadora.

— O senhor, meu amigo, aumente a sua cota de paciência e não seja mais tão omisso; o seu neto vai precisar muito de sua proteção...

— Por que o senhor não continua olhando Isadora?

— Ela não é um caso para mim e nem o Sanatório é um hospital para ela.

— Não sabemos como agradecer...

— Pois não agradeçam... Eu não fiz nada; foram os espíritos...

— Que espíritos? indagou a mulher, com certa ironia.

— Os espíritos, senhora, nos quais eu acredito. Procurem fazer jus à bênção recebida. O neto de vocês é a sua oportunidade de abrandar a prova. Tenham juízo. Se não souberem se relacionar, tudo ficará pior. Isadora e o menino necessitam de carinho. Não dispute o seu neto com a sua filha; unam-se, para criá-lo com amor... É só o que eu tenho a dizer. Vocês me desculpem, mas, além de pigarro, eu não costumo ficar com mais nada entalado na garganta.

Despedimo-nos e, ao abraçar Isadora e abençoar o garoto, confesso-lhes que o velho músculo cardíaco tropeçou dentro do peito.

— Eis o cheque, Doutor disse o comerciante, preenchendo uma folha, à minha revelia.

— Ex-cheque, senhor respondi, rasgando em pedacinhos.

## 32° Capítulo Incógnita

**O** meu misterioso paciente estava de volta... Chegou à minha casa num sábado à tarde, num desses sábados sem luminosidade, com excesso de nuvens escuras no firmamento. Havia vários meses que eu não o via. Da última vez em que conversamos, ao sair, ele me disse que o tratasse pela alcunha de “Legião”...

— Vamos entrar cumprimentei, sem receio. Apesar de sua estranheza, “Legião” me parecia inofensivo; era apenas alguém querendo um ombro para desabafar... Ora, eu escutava gente o dia inteiro: os problemas da alma são muito mais diversificados que os problemas do corpo humano; a alma é um continente inexplorado, um universo muito maior que o próprio Universo...

— O senhor me desculpe pela demora involuntária explicou-se; tive alguns embarrasos...

— Também, com tanta gente dentro de você... -brinquei.

— Como assim?

— Você não diz se chamar “Legião”?...

— E sou mesmo, Doutor falou, acomodando-se na cadeira. — Cada dia eu me sinto diferente... Não sei como pode ser isto.

— Estamos debaixo de várias influências retruquei, tentando aprofundar-me no diálogo que se estabeleceu. Reagimos diversamente a cada uma delas... Alguém afirmou que não existe ser mais singular e plural que o homem; aliás, é herança divina, pois Deus é Único, no entanto as suas faces são múltiplas...

— Às vezes, eu me elevo e... quase tomo um rumo na vida, porém, na maioria das vezes... Vivem, Doutor, muitas pessoas comigo; não me sinto hora alguma eu mesmo...

— Você já ouviu falar em obsessão? questionei.

— É claro que sim; não sou um completo ignorante das coisas espirituais... Acredito perfeitamente na interferência negativa a que vivemos expostos.

— Interferência negativa e positiva consertei. — A escolha é nossa... O homem vive pela sua mente; é o pensamento que nos direciona.

— Eu não creio que, comigo, o problema seja obsessão, pois não sinto qualquer influência perniciosa ao meu lado...

— **O** pensamento desconhece fronteiras; os que nos querem prejudicar podem fazê-lo a longa distância... A prece é o pensamento benéfico que se projeta no espaço; para o que pensamos e sentimos, não existem dimensões e barreiras...

— Mesmo assim, Doutor, a dificuldade é comigo mesmo; sinto que é assim... Nenhum

obsessor precisaria perder tempo comigo. Eu me transfiguro instantaneamente e não me controlo. Como deve ter reparado, não sou agressivo e não me incomodo com os outros; vivo trancado em meu próprio mundo...

— Talvez o seu problema argumentei seja falta de objetivo na vida, falta de ideal...

— Não tenho ânimo algum; sou a apatia personificada...

— Depressão...

— Não creio; depressão, para o meu caso, é um termo muito vago...

— Traumas de vidas passadas; o espírito conserva reminiscências...

— Não sei... Não sou daqueles que valorizam a Reencarnação. Muitas vidas? É possível, mas o espírito é sempre o mesmo... Eu quero ficar parado; detesto o chamado esforço de ascensão... Subir para quê? Qual o objetivo de avançar?

— O Universo nos desafia; nada do que conhecemos permanece estagnado... Tudo é movido por um anseio de expansão. É lei natural da Vida...

— Morrer, renascer, morrer de novo e tornar a viver... A Vida é somente dor; tudo me desagrada... Nada vem de graça para ninguém. A tristeza marca mais que a alegria. Estamos condenados... Melhor que não tivéssemos sido criados.

— Não fale assim. Você está pensando, e pensar é uma faculdade extraordinária! Sem saber, você está se buscando a cada momento... Por que me procura?

— Para tentar entender ou...

— Ou?...

— ...desistir de vez, isolar-me em algum canto escuro e... dormir. Ainda, Doutor, não desisti de morrer...

— Você pensa em suicídio?

— Não, não penso; sei que o suicídio não resolveria o meu problema, que não está no corpo, mas em minha própria essência... Doutor, será que Deus é doente? Deus sofreria de alguma patologia em seu Cérebro Divino?

— A sua pergunta vem a que propósito...

— De tudo; tenho a impressão de que Deus é um Ser insano que se diverte conosco... Criou-nos e deixou-nos entregues... Ora, viver não me interessa; a aspiração à completa inconsciência é que, para mim, seria verdadeiramente a felicidade... Eu não durmo, não descanso não faço nada, mas não descanso... O meu cérebro não me concede trégua. Perambulo pelas ruas, conversando com os vivos e com os mortos...

— Com os mortos também? indaguei. — Você é médium?

— Não, não quis dizer isso; quis dizer que falo com todos e ninguém me responde... Não há quem se interesse pelas minhas aflições. Vocês, os espiritualistas, afirmam que a morte não existe... Quem lhes disse? Eu sou um moribundo, um moribundo...

— Você necessita de fé...

— Fé?! Os homens mentem... Já frequentei quase todos os templos religiosos; não sou um completo ignorante, Doutor... Apesar de minha aparência, eu sou velho...

— Quantos anos você tem? perguntei, na esperança de amenizar o diálogo.

— Milhares!... respondeu sem qualquer evasiva; cada *eu* dentro de mim é uma individualidade secular e somando-se uns aos outros... Milhares, Doutor! Eu tenho milhares de anos, no entanto o tempo não passa... Sinto-me exausto.

— A vida depois da morte...

— ...é igual, sempre igual; a vida é sempre a mesma em toda parte...

— Quem lhe dá essa certeza? Você já morreu alguma vez?

— Morro e revivo todos os dias...

— Por que não aquieta o pensamento? Procure se ocupar das coisas simples... Esqueça o Sol, pense no grão de areia. Deixe de tantas cogitações...

— Não depende de mim; sou governado por *eles* não sei se eu sou *eles* ou se *eles* é

que me constituem... Sou homem, sou mulher; sou adulto, sou criança; sou treva, sou luz...

— Todos somos assim... retruquei. — Neste ponto, você não é diferente de ninguém; não temos ainda exata consciência do que somos, ou seja, ainda não nos definimos...

— O senhor também se sente assim?

— É lógico. A insatisfação, quando não se transforma em mórbida condição, é um estado natural da criatura. Jesus não veio trazer a paz, mas a espada...

— O que quer dizer?

— O Evangelho é o maior desafio que já foi lançado ao homem. É a meta que devemos alcançar, permanente convite de auto-superação...

— Auto-superação de novo? Eu não quero...

— Não quer, mas está se sentindo impelido para isto...

— Eu não queria voltar aqui...

— Não queria, mas veio...

— Os meus papos me trouxeram ou, por outra, *alguém* de mim me trouxe e me abandonou aqui...

— Com *qual* de vocês estou conversando agora? interroguei, curioso. — Qual a sua tonalidade?...

— Nem eu sei... Todos *eles* falam por mim e, por este motivo, não tenho nome, não tenho sexo, não tenho cor...

— O que você deseja de mim? O seu caso é muito complicado...

— O senhor também vai desistir de mim?

Bp Meu filho, o único que lidou com sucesso com uma *legião* foi Jesus Cristo! Eu não tenho esse poder... Sou apenas um médico.

— O senhor é mais que um médico...

— Certamente, sou espírita! r respondi.

— Mas eu não o procuro por ser médico ou por ser espírita...

— Por que, então? r indaguei, curioso.

— Pela sua sinceridade; o senhor não esconde os seus limites...

— E adiantaria? Sou o que sou...

— Está aí o que eu preciso aprender... Quem sabe possa me ensinar? Como o senhor faz para ser simplesmente o que é?

— Nunca pensei nisso...

— A resposta me serve...

Mais uma vez, o meu estranho paciente, me colocando no divã, trocava de posição comigo.

— O senhor me disse que tem defeitos...

— Muitos.

— Como lida com eles?

— Não lido... Eu não estou preocupado com o Céu; não me preocupa ser anjo: o meu objetivo na vida é resumido.

— Qual?

— Se eu conseguir não prejudicar o próximo e fazer pelos meus semelhantes o bem que me seja possível...

— Não aspira a ser mais, conforme me disse que precisamos aspirar?

— Certamente, mas não me desespero; quero voar, mas sei que não tenho asas e... pacientemente, espero que elas me cresçam nos ombros.

Não será comodismo, Doutor?

— Digamos que seja *consciência de imperfeição*... O Céu está onde sempre estive e

não vai sair do lugar; um dia, eu o alcançarei... Tenho muito ainda que fazer por aqui... A Terra, apesar dos pesares, me agrada; adoro a visão das estrelas!...

- O que lhe dá essa serenidade?
- Sereno, eu? Você não me conhece. Eu sou um Vesúvio...
- Sim, de quando em quando, entra em erupção, mas não lança lavas...
- Como pode saber de mim, se não sabe de si? questioneei, interessado.

## 33º Capítulo Legião e Eu

O diálogo entre nós prosseguia com um mínimo de palavras.

- Eu o observo, Doutor; acompanho as suas publicações...
- Vive me espionando...
- Não é bem isto; todos nos observam e observamos a todos...
- Cercados por uma “nuvem de testemunhas”...
- Sei que o senhor é um homem bom.
- Ora, não me lisonjeie; não passo de um velho teimoso e...
- ...solitário completou.
- Vivo a sós com as minhas reflexões, impotente que me sinto para mudar em torno...
- E mudaria, se pudesse?
- Deus pode e não muda... Creio que não.
- Deixaria tudo como está?
- As coisas devem seguir o seu curso, você não acha?
- Talvez eu aprenda a achar... Sabe?, conversar com o senhor me faz bem.
- Meras palavras, meu caro; não podemos passar a Eternidade conversando...

Eu sei, o relógio...

- Daqui a pouco, terei palestra no Centro Espírita Uberabense; falarei para os jovens...
- O que vai abordar?
- Estou pensando nesta nossa conversa; é possível que eu me valha de algumas colocações... O espírito sem perspectiva se perde no caminho. Falarei para uma plateia de jovens...
- Os jovens não cogitam de Filosofia; querem viver o momento...
- A Eternidade é constituída de momentos...
- O senhor recrimina a juventude?
- Eu não recrimino nada e ninguém; há muito tempo joguei fora as minhas pedras... As minhas janelas são de vidro.
- Mas, e as drogas, o alcoolismo, o sexo desvairado...
- “Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”; o Sanatório está repleto de casos de alcoolismo...
- E o sexo, Doutor?
- Encaro de um modo diferente; toda e qualquer permissividade é vício, e o vício suga as energias do espírito... O pecado é aquilo que faz sofrer. Sem respeito à felicidade alheia, ninguém é feliz.
- Quando o assunto é sexo, todo o mundo vacila...
- Eu não vacilo. O que você quer saber?
- O senhor concorda que o sexo tenha apenas função reprodutora?
- Eu não concordo e nem discordo; não sou eu quem faz as leis, os usos e costumes...
- Qual a sua opinião pessoal?

— O que não é mal é bem. O prazer compartilhado não é imoralidade. O problema não é o sexo em si, mas as lesões que provoca no outro...

— E o marido que trai a esposa, ou vice-versa?

— Deveriam chegar a um consenso, liberando-se um do outro; casamento é compromisso espiritual, mas não escravidão...

— Muitos espíritas não pensam assim...

— O direito de pensar é meu. O número de pacientes femininas internadas no Sanatório, insatisfeitas com o seu relacionamento conjugal, é grande... Os homens fazem o que querem, e elas se sentem castradas. No casamento que não deu certo, a mulher é sempre vítima. Por que não lhe conceder o divórcio?

— O senhor está falando como médico ou como espírita?

Como ser humano; eu não sou fanático... Sei que alguns companheiros contestam as minhas ideias. Mas perguntei o que o assunto tem a ver com o seu caso especificamente? Você é um repórter disfarçado de paciente?

— Desculpe-me, Doutor. Eu estava divagando... Conversar com o senhor me faz esquecer de mim. A espontaneidade com que o senhor se refere aos problemas de Vida, o senhor os reduz de tamanho...

— Para que dramatizar? As coisas são simples. Quem cai, deve se levantar e... pronto. Não existe segredo. O jarro quebrou? Tratemos de colar as suas partes... Não é possível reconstituí-lo? Paciência.

— E o criminoso?

— É um irmão equivocados; é filho de Deus e, um dia, vai ser santo...

— A pena de morte?

— Inútil; o espírito sai do corpo e volta à Terra nas mesmas condições... Se a morte não existe, a pena também não; se ninguém morre, ninguém mata... O problema é de educação.

— E o governo?

— Um bando de safados... (O que eu disse, à época, foi antes da ditadura militar que, por 21 anos, imperou no Brasil e, agora, o repito em pleno regime democrático; não quero complicações para os médiuns...)

— Como assim?...

— Os políticos deveriam ter mais preocupações sociais; a Igreja não se importa... Padres e políticos sempre se entenderam; espíritos iguais no poder temporal e espiritual... Responderão.

— De que forma?

— Reencarnarão e sofrerão na pele, literalmente; estão semeando para colher... A Lei Divina é perfeita. A Reencarnação é que me faz acreditar em Deus repeti.

— Doutor, eu preciso ir anunciou o meu paciente, algo modificado.

— Agora que o assunto estava mais me agrada dando...

Pela primeira vez, *Legião* esboçou um sorriso.

— É uma pena disse-me.

— O quê?

— Talvez eu não volte mais... Parte daquela minha amargura está indo embora; preciso tocar a vida...

— O que você faz? Nunca me disse nada a respeito...

— Até agora nada, mas farei doravante...

— Tem alguma profissão?

— Tive...

— Qual?

Eu escrevia.

— Tem obras publicadas?  
— Alguns ensaios apenas; nada que tenha repercutido...  
— E o seu sotaque?  
— Eu já preciso ir, Doutor levantou-se, sem me responder.  
— Mandarei, depois, o dinheiro da consulta...  
— Ora, não se preocupe; hoje é sábado e eu, quando se trata de trabalhar no sábado, sou judeu...

O cliente de quem eu nunca consegui receber uma consulta, riu de novo.

— O senhor é um espírito notável; se eu o tivesse encontrado antes...  
— ...teria me achado mais louco ainda respondi, interessado em vê-lo sorrir.  
— Não, eu não creio...  
— Quem me indicou a você? Algum paciente que se tratou comigo?  
— Alguém cujo nome não pude guardar... Eu estava viajando e me expus para ele; o certo é que eu deveria ter vindo mais cedo...  
— Você veio na hora certa; tudo que se antecipa aborta... Estará melhor, não é? perguntei, acompanhando-o até a porta.  
— Estarei, Doutor redarguiu, reafirmando -; com certeza estarei. Eu não sei dizer o que o senhor fez comigo...

— Nada...  
— Talvez esse nada tenha sido tudo... O senhor não me fez diagnóstico algum, não me rotulou, não me prescreveu um medicamento sequer, não me internou...  
— Bem que pensei em interná-lo, mas você aparece e desaparece misteriosamente.  
*Legião* sorriu e me estendeu a mão, sem mais aquela aparência tétrica de um morto fora do túmulo.

— Você não voltará mais mesmo? Vou sentir falta de conversar com você...

— Quem sabe, um dia, eu torne a passar por aqui...

— Pretende viajar?

— Sim, viajar e pensar.

— E os “muitos” que convivem com você?

— Estou me sentindo vazio... O senhor os exorcizou.

— Ora, exorcismo é coisa de padre; não me compare a menos...

— Adeus!...

— Até breve! respondi. Estando na cidade, apareça para um café.

— Eu não tomo café há muitos anos...

— Por quê?

Ele pensou e respondeu, fechando o portão com suavidade.

— Gastrite, Doutor, gastrite!...

Fui até a cozinha e, como ainda me restavam alguns minutos, preparei um lanche para mim e... para os meus gatos, que hora alguma podiam me ver na cozinha. Depois, voltando à minha mesa de trabalho, tentei colocar em ordem algumas anotações que fizera para a palestra daquele sábado. *Legião* tomara preciosa parte do meu tempo e eu, que nunca fui muito de preparar palestra, estava um tanto perdido; o diálogo que mantivéramos não me saía da cabeça... Então, olhando para as prateleiras da minha biblioteca que, aos poucos, o cupim ia destruindo, levantei-me para pegar um volume de uma coleção que eu mandara encadernar. Quem sabe imaginei eu encontre aqui uma frase ou uma boa historietta com que ilustrar a conferência... No entanto, quando abri o livreto, quase caí de costas: um retrato a bico-de-pena, feito com tinta nanquim, era a reprodução exata do rosto do meu paciente!... “E. A. Poe” dizia o pequeno texto -, “morto em 1918, vitimado por alcoolismo. Contista e poeta norte-americano que, infelizmente, nos deixou tão cedo aos 39 de idade;”

## 34° Capítulo Edgar Allan Poe

Aproximadamente, quatro meses se passaram. Apesar da semelhança entre o paciente que me visitara algumas vezes e o famoso escritor, eu não tinha certeza de que os dois fossem o mesmo e, por este motivo, nada comentei com ninguém, nem com D. Modesta. Não queria que pensassem que eu estivesse alucinado e, depois, se, de fato, ele fosse o grande literato, aquele homem disfarçara bem, jamais fornecendo indícios que pudessem identificá-lo...

Uma vez ou outra, alguns questionamentos me acudiam ao cérebro: Por que motivo eu fora escolhido? Como ele viera de tão longe? Expressava-se em português? Há tanto tempo desencarnado, ainda não se encontra na vida de Além-Túmulo? Seria possível o que acontecera, um agênera me consultar com certa frequência, tocar a campainha, entrar no meu gabinete e sentar-se comigo por longos minutos?...

Certa noite de quarta-feira, quando eu quase já havia esquecido o episódio, a médium amiga caiu em transe e, após prolongado silêncio, a entidade começou a falar:

— Alguém aqui me conhece; estive com ele recentemente e estou voltando para agradecer...

Os meus pêlos se eriçaram e, de imediato, me veio a lembrança daquele homem que, desde o nosso primeiro diálogo, eu achava enigmático.

— Sou eu mesmo prosseguiu. — Sou, Doutor, quem o senhor está imaginando. Eu sou o homem do almanaque, naquele retrato talhado a bico-de-pena... Não se assuste. Perambulei, sem rumo, por várias décadas. Fui criado sem pai e sem mãe. Não sei dizer como em mim se manifestou o pendor literário... A inspiração cresceu ao lado dos reveses que enfrentei na vida, mas, na maioria das vezes, eu escrevia sob os efeitos do álcool; não pude me controlar e, desencantado, deixei o mundo... Os críticos reverenciavam os meus escritos, no entanto nunca fui feliz; reconheço que, apesar do valor literário das minhas páginas, escrevi inutilidades contos e poemas que apenas repercutiram à sua época e nada que edificasse o espírito... O que fui não corresponde à fama que desfruto. Quis esquecer e fugir do cenário de tantas decepções... Fora do corpo, a revolta se me acrescentou e sequer pude me aproximar de alguém para, de maneira indireta, continuar escrevendo... Ninguém me hospedava o pensamento. Estive na França, na Espanha, em Portugal. Queria libertar-me! A existência finda no corpo transitório me marcara profundamente. De que me valiam a Literatura e o reconhecimento dos críticos, se eu desconhecia paz? Os europeus do mundo nada valem deste Outro Lado da Vida!...

Com a voz embargada e expressando-se com naturalidade, Poe sintetizava o seu drama:

— Encontrei amigos e conhecidos nos novos e diferentes caminhos que fora chamado a percorrer. Quase todos, porém, estavam na minha mesma condição; poucos os que haviam se cultivado para os frutos sazonados do porvir... A Religião é uma farsa. Desculpem-me a sinceridade. O ritual sufoca o espírito; o excesso de formalidade compromete a Mensagem... Os homens transformaram os interesses de Deus em transações do Diabo. Descri de tudo; nem a morte e a constatação de que a vida não cessa no túmulo foram suficientes para arrancar-me àquela cruel depressão... Ouvi falar do senhor, um médico que, no Brasil, dirigia um hospital de dementes. Fui à Espanha... Um dos livros que o senhor escreveu chegou por lá; não sei como, mas escapou de ser incinerado nas fogueiras da intolerância religiosa creio que por trazer o selo de obra científica. Um dia, aproximei-me de dois senhores que conversavam à porta de uma casa.

— “A Psiquiatria se ilumina com a tese da Reencarnação” comentava o primeiro.

— “Fale mais baixo pedia o segundo se algum membro do Clero nos escutar...”

— “Você tem razão, mas a obra do Dr. Inácio Ferreira tem caráter científico; ele dirige um hospital psiquiátrico no Brasil e tem tratado com êxito muitos pacientes...”

— “Ah, se pudéssemos conhecê-lo... Tenho uma prima que, para mim, vive possuída. Os meus tios sofrem muito com ela, no entanto estamos desprovidos de recursos financeiros. A viagem teria que ser feita de navio e, depois, o Brasil é qual um continente... Ao que estou informado, o Dr. Inácio mora no interior de um Estado que não possui porto marítimo.

— “Escrevamos para ele; quem sabe através de carta possa nos orientar... Os métodos dele são interessantes.”

— “Não podemos confiar; o regime político em que estamos vivendo é ditatorial quase todas as cartas para o Exterior são violadas... O Clero controla tudo. As obras de seu mestre, um francês que adotou o pseudônimo de Allan Kardec, foram queimadas em Barcelona...”

— “É uma pena! lamentou um dos interlocutores. — Como você conseguiu o exemplar do livro que tem nas mãos?”

— “Um amigo de Portugal que nos veio visitar me presenteou. Ele sabe do meu interesse pelas coisas concernentes à vida além da morte e que sou um colecionador de obras raras de cunho espiritualista... Arriscou-se; se fosse pego, teria que se explicar...”

— “No Brasil impera a liberdade de crença?”

— “A Igreja exerce pressão, mas... Um país cujo território é quase do tamanho dos Estados Unidos é difícil de ser controlado.”

Após rápido intervalo, o poeta norte-americano desencarnado, continuou:

— Ouvindo, atento, o que ambos diziam, manifestou-se em mim a vontade de viajar e respirar outros ares. Como, todavia, fazê-lo? O meu corpo espiritual, pesado, ainda me mantinha de pés presos ao solo... Eu desconhecia, como ainda em parte desconheço, a chamada faculdade de volitação. Não tenho a mente ágil para vencer a força gravitacional. Digo ao senhor que viajei para o Brasil, como se de corpo físico eu ainda fosse provido... Fui para o porto e procurei descobrir qual o navio para a América do Sul. Cheguei ao Rio de Janeiro e... não me sentia bem. Caminhei pelas ruas feito um mendigo e dormia ao relento; de quando em quando, com fome e com sede, eu me aproximava de alguém... Aquilo tudo para mim era um pesadelo imaginação sobreexcitada de um escritor que ganhara notoriedade, mas morrera pobre... Depois de quase um mês assim, ouvi falar de “Federação Espírita Brasileira” e anotei o endereço.

A narrativa, interessante, não me permitia intervir na condição de doutrinador. O espírito falava calmo e não havia necessidade de que eu o interrompesse, pois, além do mais, já havíamos conversado antes o suficiente.

— Da “Federação” não me foi difícil chegar até aqui; o senhor é bastante conhecido por lá, e um dos espíritos que transitavam lá dentro me orientou ofereceu-me auxílio, mas eu não quis; todo escritor é mais ou menos determinado... Eu queria conhecê-lo e, se possível, dialogar. Fui para a rodoviária e pude ler, em um dos ônibus, o nome da cidade em que o senhor reside: “Uberaba”. Acomodei-me ao lado de um passageiro que fumava um cachimbo e o resto foi fácil. Fui de hospital em hospital até encontrar o Sanatório que dirige; no entanto, não me deixaram entrar de imediato; eu não contava com a segurança, mas esperei-o lá fora e, quando o senhor tomou o carro, aboletei-me na cabine e desci nas imediações de sua residência naquela avenida por onde passa um córrego. Como fazer, porém? No trajeto, eu falava com o senhor, mas as minhas palavras soavam sem eco... Toquei-o, no entanto não era percebido... Durante vários dias, fiquei estudando um processo. Até que, certa vez...

0 que vou lhes dizer em seguida caros leitores -, ficará a critério de vocês aceitarem ou não. Devo ser fiel à verdade dos fatos.

Prosseguindo pela voz da médium, o célebre criador do romance policial contou:

— Observando-me as tentativas frustradas de contactá-lo, um desconhecido me orientou:

— “Por que você não se materializa? Não é tão difícil assim... É só conseguir ectoplasma...”

— Ora explicou a entidade -, eu jamais havia ouvido falar de ectoplasma... “Que substância é esta?” perguntei, sem me dar conta, como das vezes anteriores, do idioma em que eu estava me expressando: eu *pensava* em inglês e ele entendia em português, exatamente, Doutor, como está acontecendo agora.

— “Ectoplasma respondeu-me é fluido animal; se você conseguir quantidade suficiente para se revestir, poderá se tornar visível..

— De que maneira obtê-lo? quis saber, curioso.

— ‘Através de um doador vivo ou... morto.’

— Morto?—questionei, duvidando que aquela história toda fosse verdade.

— “Sim, no cemitério...”

— Poderei encontrar tal substância materializante no cemitério?

— “Não nos corpos em adiantado estado de decomposição, mas nos que morreram recentes...”

— E o que devo fazer?

— “Mentalize, plasme-se...” falou o espírito, que se retirou.

— Quase a desanimar (Poe deu sequência à inusitada narrativa), localizei o cemitério e me pus a esperar um enterro. Foi difícil, pois não me consentiam me aproximar de certos cadáveres... Algumas entidades que não falavam comigo dispersavam uma matéria brilhante na atmosfera e os cadáveres ficavam *vazios*. “Aquilo é ectoplasma” pensei. Depois disso, um enterro com quase nenhum acompanhamento chegou ao cemitério... O corpo inanimado era o de um homem que, bêbado, havia caído de um andaime; espessa substância leitosa ainda lhe escapava abundante, dos orifícios e, inclusive, dos poros, a praticamente envolver-lhe toda a forma física... Dele, curiosamente, eu pude me aproximar sem qualquer embaraço e, após o seu corpo ter descido à cova rasa, postei-me ao seu lado e, com as mãos, comecei a me cobrir com aquele tecido gaseificado... O meu desespero era tamanho, Doutor, que eu o introduzia na boca, eu o inalava através das narinas, como se eu fosse um paciente hospitalizado recebendo uma transfusão de sangue...

## 35° Capítulo Materialismo

— Aos poucos, sem que eu pudesse explicar o fenômeno prosseguiu dizendo fui tomando forma humana, ou melhor, retomando-a... Era interessante observar. Felizmente, não havia ninguém por perto... A imagem que eu conservava de mim era tão forte em minha mente, que, devagar, fui reconstituindo, com a força do pensamento, detalhe a detalhe, inclusive apropriada indumentária aquela que, de hábito, eu envergava em meus derradeiros dias no corpo quando, infelizmente, tombei vítima do alcoolismo. Quando a *metamorfose* se completou, a minha primeira iniciativa foi a de procurar um espelho eu queria me ver... Saí do túmulo no qual praticamente me encontrava mergulhado e, percebendo um carro estacionado à porta do campo santo, me fitei no seu retrovisor externo era eu, sem tirar nem pôr! De imediato, acudiu-me uma ideia à cabeça: — “Que bom seria, se eu pudesse, sempre, me conservar assim; este corpo certamente não adoce e... não morre, não estando sujeito às vicissitudes do corpo feito de carne... Talvez seja este o estado de perfeita imortalidade a que todos os homens

aspiram”... De certa maneira, inclusive, eu me remoçara e aquelas indisposições orgânicas haviam desaparecido. Mas infelizmente, notei, doutor, que se eu me demorasse exposto ao Sol, os seus raios como que, lentamente, desintegravam a substância ectoplásmica que me revestia, devolvendo os seus elementos ao laboratório da Natureza; se tal não ocorresse, aquele estado, digamos, intermediário entre a vida e a morte do corpo, seria o ideal...

A narrativa de Poe me surpreendia; eu nunca havia lido nada parecido a respeito na extensa bibliografia espírita especializada. Com voz pausada e firme, o poeta desencarnado continuou o interessante depoimento.

— Por este motivo, doutor, eu o procurava sempre nos dias de chuva ou nas tardes sem Sol, quase escurecendo, e não podia prolongar as consultas excessivamente... Se, por vezes, demorava a aparecer para um novo diálogo, é que o ectoplasma não é tão fácil de obter assim; de fato, todas as criaturas encarnadas o possuem em estado natural, mas apenas o liberam em condições especiais e, mesmo assim, nem sempre na quantidade suficiente para sustentar uma materialização completa e de longo curso. Tentei manipulá-lo junto a algumas pessoas, todavia, não fui bem sucedido; o máximo que consegui foi uma materialização parcial da minha face ou de um dos meus membros uma materialização fugaz, impossível de ser sustentada pelo tempo que me era indispensável ao que eu me proponha fazer.

A comunicação da entidade já se estendia por quase uma hora e comecei a perceber que D. Modesta se desgastava; não era prudente que avançássemos... Valendo-me de uma pausa que se fez espontânea, observei:

— Meu amigo, o nosso tempo está se esgotando...

— Sei disto, Doutor redarguiu -, e, por este motivo, tentei sintetizar...

— Sintetizando, você nos ofereceu muito material para reflexão; é quase inacreditável...

Mas é real. E não pensem que seja somente eu a “explorar” os cadáveres em busca da substância que nos vitaliza; muitos a desejam apenas em quantidade suficiente para que possam desfrutar dos prazeres que a matéria proporciona dos prazeres que a morte nos subtraiu...

— Não existem prazeres desse Outro Lado? questioneiei.

— Não é a mesma coisa, Doutor; quanto mais material, mais o prazer é prazer...

— Não deveria ser o contrário?

— Para os que se angelizaram, sim; para nós outros, não... Ainda não aprendemos a perceber sem os sentidos físicos. Por exemplo, em matéria de sexo, o que nos interessa é o orgasmo, seguido da ejaculação...

— Como?! exclamei, duvidando.

— Materializados, podemos, sim, ejacular, Doutor... Infelizmente, não me é permitido descrever-lhes uma experiência que tive aqui mesmo, na zona do meretrício.

— Você se relacionou sexualmente?...

— Não inteiramente corporificado; tangibilizei-me o suficiente para deitar ao lado de uma mulher e fazê-la sentir o que sente quando em contato com a pele de um homem ambos atingimos o orgasmo e, depois de muito tempo, me senti ejaculando...

— Espírito não tem esperma; espírito não reproduz...

É um assunto que transcende o meu e o seu entendimento... Deus é espírito e, no entanto...

— No entanto, o quê?... retruquei, não conseguindo conter a curiosidade.

— Criou tudo o que existe, não é? Eu nada sei, Doutor, mas lhe faço uma indagação: Como é que de Deus, que todas as filosofias religiosas proclamam ser a Quintessência do Universo, o Etéreo Criador, o que é material poderia ter se originado?

— Não sei responder...

— Acredito que ninguém saiba. Ora, se assim é, não descreia da capacidade reprodutora dos mortos... A gestação humana pode não existir por *aqui*, mas o sexo existe.

— Você convidei poderia voltar para darmos sequência ao assunto... Você não é um espírito comum; apesar dos pesares, a sua bagagem intelectual é considerável...

— Vivi muito, Doutor, e aproveitei pouco. Sinto que algo me atrai para a minha terra, embora, se pudesse escolher, gostaria de reencarnar no Brasil...

— Não seria difícil conseguir pai e mãe por aqui... aleguei. Sua capacidade e seu talento nos interessariam; o nosso país está precisando de apurar a genética, favorecendo o renascimento de entidades que nos impulsionem o progresso... O grande E. A. Poe seria bem-vindo!

— Vocês talvez estejam necessitando de intelectualidade, mas nós, por lá, estamos carecendo de espiritualidade; quem sabe, em reencarnando daqui a algum tempo, eu consiga me ocupar da Literatura com maior proveito e favorecer aquela comunidade de espíritos...

— Está aprendendo depressa...

— Eu os ouço há muito e, agora, escutarei os Instrutores que, deste Outro Lado, ensinam apenas aqueles que desejam aprender... Em nosso país, Doutor, a colonização espiritual é diferente; as dimensões imediatas à morte do corpo são ainda controladas por interesses imediatistas; a nossa formação religiosa predominante nos impede de raciocinar em termos de fé...

— “A letra mata, o espírito vivifica” B repeti.

— Agradeço a sua atenção disse ao se despedir. — Quem sabe, eu organize grupo e venhamos visitá-los...

— Desde que um bando de agêneres não me procure... brinquei.

— Não, aquela experiência ficou para trás; cemitério não me atrai mais e muito menos cadáveres...

— Que Deus o abençoe em seus propósitos, meu irmão.

— Até qualquer tempo, em qualquer parte, Doutor. Antes, porém, de sair, gostaria de lhe fazer um último pedido...

— Se eu puder atendê-lo...

— Eu queria dar-lhe um abraço...

A médium, acomodada rente à cadeira que eu ocupava na mesa, se colocou de pé e eu pude, fraternalmente, abraçar E. A. Poe!

— Adeus, Doutor!...

As palavras em resposta morreram na minha garganta. Esperei quase cinco minutos para me refazer da forte emoção e tomar as providências finais de encerramento da reunião. Aquela fora uma das mais lídimas provas que eu obtinha da imortalidade.

Quando tornou a si, a médium estava extenuada; seu desgaste psíquico fora muito grande naquela noite...

— Um espírito admirável ele, não é, Inácio? -perguntou, procurando devolver a naturalidade ao ambiente de nossa reunião.

— Custa-me crer que tenha se frustrado tanto e realizado aquém de suas possibilidades...

— Certos espíritos disse D. Modesta são capazes, mas, quando reencarnam, o assédio espiritual sobre eles é muito grande; pressentindolhes a capacidade de realizar, os obsessores procuram comprometê-los... Creio ter sido o caso do nosso poeta que se comunicou nesta noite. Reencarnou atormentado, viveu atormentado, desencarnou atormentado e atormentado estava... Algumas inteligências, inexplicavelmente, só

produzem assim debaixo de provas acerbadas.

—Então, se assemelham aos médiuns sentencieí, para descontraír.

—O médium, Inácio, é uma força cega; sem que a lâmina se atrite, ela não corta... No médium que não sofre na infância, na adolescência ou na Juventude, a mediunidade é artificial.

— Deveríamos, então, Modesta, instituir o Dia Nacional do Sofrimento dos Médiuns... Eu me candidato a fazê-los sofrer!...

— Você não toma jeito, Inácio!

— Se, para ser médium, tiver que sofrer, eu não quero ser médium...

— Ser médium é inevitável e... sofrer também.

— Então, eu fico com a mediunidade e vocês ficam com o sofrimento...

— Quem colhe a rosa, colhe o espinho encerrou a nobre dama de caridade, já um pouco mais refeita.

— Olhem o chá quente de canela! anunciou uma de nossas irmãs que, providencialmente, tinha ido até à cozinha.

— Eu prefiro café disse.

— O café virá em seguida, Doutor.

— Inácio, você não prefere o café foi a vez de D. Modesta me chatear você prefere o que acompanha o café...

— Como é que você sabe que eu estou louco para acender um pito?

— Não é preciso ser médium para isto...

Eram assim as nossas reuniões mediúnicas

no Sanatório: sérias e descontraídas, fraternas e esclarecedoras... Infelizmente, tempos que já se foram!

## 36° Capítulo Causas da Aflições

Em minha condição de médico espírita, mais espírita do que médico, sempre procurei enfatizar da tribuna, nos meus escritos ou junto aos meus pacientes, que nem todas as provas e lutas que faceamos têm a sua causa no passado; o carma é atitude de todo dia... Evidentemente que as nossas imperfeições estão na base das experiências que vivenciamos a Vida não comete injustiça com ninguém; quem sofre é porque necessita aprender; sem o concurso da dor, o homem não avançaria... No entanto, não podemos fugir à realidade de que, se o ontem se reflete sobre o hoje, o hoje atenua ou agrava o ontem... O destino, por assim dizer, não é uma construção definitiva; temos, nas mãos, o projeto do que somos e do que seremos. As decisões que tomamos no presente, as nossas opções, escolhas e preferências é que dão ensejo a que muitos males se nos compliquem, dando origem a novos e, por vezes, mais graves padecimentos. Ninguém reencarna para agir compulsivamente; logo, não podemos culpar o passado pela nossa viciação de espírito... Quando retomamos o corpo, o fazemos ante a justa expectativa das Leis que nos governam de que melhoraremos.

Digo-lhes que, dos meus pacientes no Sanatório, muitos poderiam ter evitado a internação ou a cronificação de suas provas, caso eles mesmos tivessem tomado um outro caminho ou contassem, desde a infância, com o auxílio de quem, por eles, verdadeiramente se interessasse. A indiferença dos familiares o seu descaso afetivo | segundo eu podia constatar, era a causa determinante ou, me expressando melhor, coadjuvante, nos quadros psiquiátricos e espirituais que se complicavam para a maioria dos meus pacientes.

Em alguns familiares, inclusive, que acompanhavam os seus entes queridos nas

consultas, eu constatava uma certa aversão psicológica pelo doente, como se ele lhes fosse obstáculo à felicidade e à paz social: os cuidados iniciais, quando existiam, acabavam cedendo lugar ao ressentimento, ao desânimo, à sensação de fracasso... Então, eu verificava que aquele enfermo como que viera de encomenda para quebrar o orgulho da família; sim, porque, quando tudo está bem conosco, não sabemos quem somos e do que somos capazes. Certas famílias bem-postas na sociedade, com *status*, dinheiro e prestígio, tinham vergonha de exhibir os seus doentes, as suas “ovelhas negras”... A Sabedoria Divina se manifesta de todas as formas, com o propósito de nos educar. De muitos pais e filhos, chegávamos a receber propostas financeiras vultosas para albergarmos no Sanatório, em definitivo, os filhos e os pais problemáticos.

— Isto aqui não é pensão respondia a uns e a outros; os pacientes não nos pertencem. O carma diz respeito a vocês e não a nós, que temos aqueles que nos são próprios... Aproveitem a oportunidade para um melhor relacionamento afetivo; não ignorem os que hoje sofrem mais, porque, amanhã, vocês poderão estar em idêntica situação...

Quase sempre, no entanto, a minha voz, pelo menos neste sentido, ecoava como a de João Batista, o Precursor: clamava no deserto dos corações endurecidos. Raros aqueles que polemizavam comigo conheciam a minha têmpora -, todavia simplesmente ignoravam as minhas colocações. Deixavam o doente sob os nossos cuidados e... quase que os esqueciam conosco; às vezes, para dar alta a um paciente, eu precisava recorrer à polícia, com o propósito de obrigar os responsáveis por ele a buscá-lo.

Aos poucos, fui entendendo que, de fato, não existe processo cármico isolado; somos instrumentos de purificação uns para os outros e simplesmente a presença de um desequilibrado mental ou desajustado social na família é fator indispensável ao progresso de todo o grupo. Muitos cientistas e pesquisadores chegaram a importantes descobertas médicas, incentivados pelas próprias limitações de caráter físico ou daqueles que lhes eram da maior estima. O mundo deve à Dor o mesmo que deve ao Amor. Creio não ser temerária esta minha afirmação e espero que ninguém a interprete ao modo dos protestantes, ou seja, ao pé da letra. O Amor nos tutela na caminhada, mas é a Dor que nos leva a avançar.

Doutor, o que faço com o meu filho? perguntava-me um pai aflito. — Está com 25 de idade e não quer trabalhar; dorme a manhã toda e, à tarde, perambula pela cidade... À noite, ninguém o aguenta dentro de casa: bate portas e janelas, ouve rádio na maior altura e fala palavrões, fica agressivo...

— Que providências tomarei com a minha mãe, Doutor? indagava-me uma filha. — Eu me casei, mas o meu esposo não a quer mais na nossa casa; nenhum dos meus irmãos a assume. A minha mãe é doente há muitos anos... O meu casamento está ameaçado.

—Doutor dizia-me um neto o meu avô está esclerosado; a minha avó morreu e ele veio morar conosco... Suja a casa inteira. Rima sem parar e queima os lençóis da cama; quase que incendiou o quarto!... Eu tenho que trabalhar e não posso olhá-lo. A minha mãe, que é viúva, quebrou a perna e se movimenta com dificuldade...

—A minha filha é esquizofrênica, Doutor queixava-me uma senhora. — Somos eu e ela dentro de casa e o meu segundo marido; precisei me casar de novo... Sinto o interesse do meu esposo por ela; percebo os olhos dele percorrendo o corpo dela... O que devo fazer? Internar a menina ou mandar embora o homem que trata de nós?... Eu não tenho qualquer renda...

— O meu irmão morreu e deixou-me por herança um sobrinho problemático. Rima maconha, bebe e anda com más companhias explicava-me um tio desanimado. Quer dinheiro toda semana e vive dizendo que enganei o pai dele, que era meu sócio numa empresa... Tenho vergonha dos vizinhos; ele não me respeita, mas a consciência não me permite mandá-lo embora... Vive dando maus exemplos para os meus filhos.

— A minha esposa enlouqueceu; não tive culpa... Desde que nos casamos, nunca combinamos; ela me evitava na cama e acabei arrumando uma amante... Contaram para ela que, por duas vezes, tentou se matar. Toma muitos remédios controlados, mas não adianta. Eu não deixo faltar nada em casa, mas não tenho paz; queria me separar...

Problemas semelhantes eu enfrentava no meu consultório ou no Sanatório todos os dias todos queriam um remédio, uma solução, mas ninguém ou, para não ser tão extremista, quase ninguém queria ouvir falar de perdão, de renúncia, de paciência... Preferiam a doença do corpo à da alma, porque a doença do corpo pode ser tratada com base de comprimidos e injeções, mas a da alma exige uma mais efetiva participação do doente no processo de cura. Quando, então, eu aventava a hipótese da obsessão, da interferência maléfica dos desencarnados, na maioria das vezes faziam ouvidos moucos, porque sabiam que o Espiritismo não é uma crença de comodistas; preferiam a prece sem ação, o culto religioso que lhes prometia a graça do Alto, sem que nada tivessem que fazer para merecê-la...

Confesso-lhes que era extremamente difícil lavrar num terreno assim espiritualmente árido; todavia, com o pensamento de que outrorarecentemente eu não diferia muito deles os meus pacientes psiquiátricos não consentia que a angústia me dominasse e nem que o desalento me fizesse cruzar os braços. Quando, não raro, um caso ou outro me deprimia, pela minha absoluta incapacidade de solucioná-lo, acendia um cigarro e, vendo-o queimar por entre os meus dedos, dizia para que eu mesmo escutasse:

— Tudo fumaça que passa!...

O tempo na existência física não é tão longo assim; vale a pena aguentar qualquer prova, sem ceder às artimanhas do Mal... O desejo é um minuto fugaz; a ambição de se ter, quando se tem, acaba; a tristeza de agora não se eterniza; a dor mais lancinante não doerá para sempre...

Percorrendo os corredores do Sanatório e ouvindo os internos, no que diziam, à minha passagem, eu concluía:

— Tenho aqui dentro uma amostragem do homem no mundo; o homem, em qualquer parte da Terra, é sempre o mesmo... A cultura e os hábitos podem ser diferentes, mas o anseio não muda cada qual imagina que Deus criou no Universo um palco somente para si próprio e todos não passam de meros figurantes na peça em que ele se sente o ator principal!

Esta também era a minha dificuldade: anularme e não pretender que o Sol me elegesse como o centro de sua órbita no Cosmo! Quanto mais conseguisse me apequenar, mais conseguiria realmente superar-me não ser mais que os outros, mas, sim, mais que eu mesmo. Todavia, como é difícil viver com sinceridade! Creio até que ainda não possuímos sanidade mental para sermos inteiramente bons... O Amor, em quem não está preparado para amar ou ser amado, pode levar à loucura. Espero que eu esteja sendo compreendido. A renúncia de um Francisco de Assis, por exemplo, induziu à perturbação os que, espiritualmente, não se colocaram à altura de compreendê-la... Os que querem se fazer santos da noite para o dia ensandecem. Eu já tratara de pacientes assim; escolhendo o caminho da santidade plena, abdicavam de tudo dinheiro, conforto, vida sexual ativa... Os que não se transfiguraram em intolerantes e intoleráveis moralistas, pregando o advento do Reino de Deus pelas ruas, iam parar no Sanatório em lastimável situação. Era, pois, melhor não ter pressa pecar sem extremismo e ser virtuoso com moderação; avançar sempre, mas um passo atrás do outro e não pretender tomar o Céu de assalto...

Pelas comunicações mediúnicas através de D. Maria Modesto Cravo e de outros médiuns que serviam no anonimato aos propósitos da Doutrina, eu constatava que a morte, em verdade, não representava solução alguma para o magno problema da Vida,

que, indiferente ao decesso físico do homem, prosseguia vertiginosa e sem alteração... O homem não passava de uma *poeira pensante* que, por momentos, pousara na Terra, um dos últimos degraus da Escada do Infinito que lhe compete escalar na Imensidão!...

## 37° Capítulo Conspiração de Fé

Não era comum que Odilon Fernandes me visitasse em minha casa; assoberbado tanto quanto eu pelas atividades profissionais e doutrinárias, apenas de quando em quando o ilustre confrade me concedia a alegria da visita. Naquela manhã, valendo-se do feriado, Odilon apareceu e pudemos conversar. Entre o “Sanatório”, que eu dirigia, e a “Casa do Cinza”, templo espírita erguido por ele em memória de seu digno pai, o Sr. Ludovice Fernandes, apelidado *Cinza*, estabelecia-se uma espécie de *ponte espiritual* que também se estendia ao Centro Espírita Uberabense, casamáter da Doutrina em Uberaba, fundado pelo saudoso Prof. João Augusto Chaves, um dos homens mais íntegros e operosos que conheci em toda a minha vida; D. Modesta e outros companheiros do Sanatório igualmente frequentavam o Uberabense, do qual nosso hospital é Departamento antigamente, os espíritas eram unidos e não eram dados aos assuntos menos edificantes entre si e que vulgarmente se rotula de *fofocas*. Os adversários de nossa fé não nos concediam tréguas e, portanto, não tínhamos tempo para reparar nos erros uns dos outros; carecíamos de ser fortes para enfrentar a oposição que nos espreitava em nossos menores movimentos quase ao contrário de hoje, em que ficamos relegados a nós mesmos para as atitudes de intolerância que cometemos e as arbitrariedades com que vitimamos os irmãos de ideal, a pretexto de servir a Causa que, assim, na verdade, desservimos.

Odilon, que além de espírita era maçom, como eu, saudou-me com o seu costumeiro sorriso e entramos a conversar sobre o tema de sua e minha preferência: mediunidade. Permutando impressões quanto às atividades mediúnicas do Sanatório e da “Casa do Cinza”, o referido confrade considerou:

— Dr. Inácio, os médiuns necessitariam se compenetrar mais de sua responsabilidade e de sua importância para a Doutrina; ninguém é insubstituível ou imprescindível, mas graças aos medianeiros é que o Mundo Espiritual consegue se fazer presente na Terra... A mediunidade sem orientação da Doutrina é obsessão. Médiuns existem em toda parte e em todas as religiões, todavia muitos deles estão a serviço dos espíritos que lutam para manter o homem cativo da ignorância -amediuidade, em muitos segmentos religiosos tem sido instrumento de descrença! É propósito dos espíritos vinculados ao Mal que a criatura encarnada desacredite de sua própria sobrevivência...

— É uma espécie de conspiração das trevas, não é, Odilon? O que deveria ser instrumento de fé a mediunidade passa a ser instrumento de descrença... A mesma tática tem sido tentada com os médiuns espíritas; procurando expô-los ao ridículo e envolvê-los em escândalos, o que os espíritos obsessores pretendem é impedir o avanço do Espiritismo. As pessoas, de modo geral, não possuem discernimento e não separam o joio do trigo...

— Fazem, Doutor, questão de não separar... Kardec nos adverte, em “O Livro dos Espíritos”, que a Doutrina, para se tornar uma crença de caráter geral, ainda terá grandes lutas a sustentar mais contra os interesses do que contra as convicções. Muitos se decepcionam com o Cristianismo porque se decepcionaram com os cristãos...

— Ao invés de tomarem o Cristo por único parâmetro de suas ações, depositaram injustificadas e excessivas expectativas nos seus seguidores, esquecidos de que todos nós, os adeptos do Evangelho de ontem e de hoje, nos encontramos debaixo de lutas que ainda

não logramos superar e, com certeza, infelizmente, estamos longe de vencer em nossa indispensável renovação... A Doutrina é inatacável, mas os que engrossamos as suas fileiras somos frágeis...

— Justamente por isto, Odilon, é que os médiuns e dirigentes espíritas são o alvo preferencial das trevas... Tenho, de minha parte, sentido o assédio na pele; as tramas urdidas pelos espíritos inimigos da Doutrina para me derrubar são impressionantes os seus detalhes são apenas percebidos por mim e, se me dispuser a narrá-los a alguém, dirão que é excesso de imaginação... Observo, diuturnamente, a movimentação das sombras e procuro me conservar vigilante: sei que não é a mim que elas querem, mas, sim, o que eu possa representar para a Doutrina...

— Comigo, Doutor, não tem sido diferente, e o curioso é que os espíritos que pretendem nos atingir, quando não conseguem fazê-lo diretamente, voltam-se contra os que são objetos de nossas mais caras afeições os familiares que nos representam na sociedade em que vivemos...

— Tenho ouvido as queixas de muitos companheiros neste sentido; dentro de casa, no seio da família, não alcançam o êxito espiritual que alcançam junto a estranhos ou aos frequentadores dos centros que, por eles, são prelecionados da tribuna... Cônjuges que se conflitam em nome da religião, filhos o calcanhar de Aquiles dos pais que crescem e se desgarram da orientação moral recebida, preconceitos que se exacerbam criando um clima de intolerância...

— Os médiuns ainda não se conscientizaram: a maioria quer exercer a mediunidade para si mesmos e não para o ideal que abraçaram... Querem se relacionar com a Espiritualidade para atender aos seus interesses, esquecidos de que são chamados a um compromisso maior. Sem o trabalho consciente e responsável dos medianeiros, os Espíritos Superiores se veem impedidos de cooperar conosco... Os obsidiados são médiuns em tempo integral dos espíritos obsessores, mas os que poderiam ser intérpretes da luz do Mais Além para os homens na Terra não se dispõem a tanto alegam falta de tempo, compromissos profissionais, insegurança no trato com a mediunidade, não cultivam a disciplina e, sobretudo, com excessiva crítica a si mesmos, acabam se anulando...

—Você tocou num ponto importante, Odilon. De fato, tenho visto médiuns portadores de excelentes faculdades que recuam não querem se expor; dizem que não são missionários e que não se encontram à altura... Ora, à altura ninguém efetivamente está. Os médiuns são seres humanos e não anjos...

— É vaidade sob disfarce, Doutor; no fundo, os médiuns estimariam ser ovacionados e guindados aos mais altos postos de liderança da Doutrina... Como temem não ser reconhecidos ou equiparados aos medianeiros que se celebrizaram na tarefa, encostam a humilde enxada do serviço num canto e a deixam enferrujar...

— Concordo. Em muitos companheiros nossos, a simplicidade é aparente e a modéstia uma desculpa para que continuem de braços cruzados; como possuem fé para o gesto, não se preocupam com a multidão dos descrentes, daqueles que todos os dias batem às nossas portas, ansiando pela paz. Estão sonhando a luz e não sabem...

— Por este motivo falou Odilon com precisão -, os Espíritos Amigos, não raro, preferem contar com companheiros não tão bem aparelhados mediunicamente... Quem não tem cachorro caça com gato, não é, Doutor?

— É o que tenho feito por aqui, Odilon respondi à fraterna provocação do amigo: há muito tempo que eu venho caçando só com os meus bichanos...

Retomando a seriedade do assunto, o confrade prosseguiu:

— O esforço da Espiritualidade é comovente... Os Espíritos Superiores se sujeitam à limitação dos médiuns à sua disposição, os treinam pacientemente e, não raro,

preparam por longo tempo a gleba que custará a produzir...

— E, muitas vezes acentuei quando estão prestes a colher, os médiuns lhes frustram todas as expectativas desistem na véspera ou quando já haviam cumprido a maior parte do trajeto empreendido... De repente, por um melindre qualquer ou ideia obsessiva que as trevas lhe inoculam na cabeça, o médium se afasta do grupo e não mais se vincula a qualquer outro; sem mais nem menos, decide paralisar as suas atividades mediúnicas isola-se em sua casa e, entre uma promessa e outra de voltar, nunca mais retoma as atividades...

—A chamada *solução de continuidade*, sem dúvida, é um dos grandes entraves no intercâmbio que o Mundo Espiritual se desdobra para manter com os homens... Muito dificilmente, espírito e médium conseguem trabalhar a sintonia; sim, Doutor, porquanto a sintonia mediúnica há de ser trabalhada afinidade psíquica é algo que não se improvisa... O espírito, para confiar no sensitivo, carece de tempo, e vice-versa.

— E essa confiança mútua nem sempre é coisa do passado, não é, Odilon?

— Não; o compromisso do médium com o Mundo Espiritual pode estar começando agora... Aliás, doutor, vários medianeiros que renasceram com a tarefa da mediunidade estão em debandada; quando é assim, aos Espíritos Mentores não resta alternativa senão tentar substituí-los... O que os nossos irmãos médiuns necessitavam saber é que eles são os *agentes* de uma conspiração de fé entre os Dois Planos da Vida...

— Interessante a comparação emendei. — De fato, em nossas sessões mediúnicas é o que fazemos: conspirar nos bastidores da existência humana...

— Conspirar, Doutor, em prol da ideia da imortalidade... Precisamos trazer o Mundo Espiritual para a Terra! À maneira dos que saltavam os muros das fortalezas inexpugnáveis para descerrar as suas portas à invasão do exército adversário, carecemos, através da mediunidade exercida legitimamente, abrir os portões que o materialismo ergueu na batalha que trava contra a fé, para que as hostes de luz do Invisível triunfem e desfraldem sobre o campo inimigo as suas bandeiras...

— O triunfo que ainda nos parece tão distante...

— Mas a cada dia mais próximo, doutor; sabemos que a vitória definitiva dos nossos ideais de crença é simplesmente uma questão de tempo...

— Sem dúvida, a Espiritualidade Superior já conseguiu fincar as suas balizas em pontos estratégicos...

— Embora entrincheirados, necessitamos de continuar oferecendo retaguarda ao avanço das Legiões do Bem; por este motivo, não devemos desanimar. Por mais insignificante a tarefa espiritual sob a nossa responsabilidade na casa espírita, torna-se-nos indispensável sustentá-la...

Naquela manhã agradável, eu e Odilon já havíamos *conspirado* o suficiente... A visita inesperada do valoroso amigo me animara e o nosso diálogo a respeito do assunto ventilado haveria de se desdobrar em outras oportunidades. Com o mesmo sorriso da chegada, Odilon se despediu de mim com a amabilidade que caracteriza os espíritos nobres.

## 38° Capítulo Vida Além da Morte

— Como é que nós, Modesta, fazemos uma ideia errônea da vida além da morte!... disse à companheira, cuja experiência no trato com os desencarnados às vezes excedia o que me era possível observar nos livros que tratavam do assunto.

— De fato, Inácio respondeu-me, no diálogo que proseguiu -, mesmo nós, os espíritas, haveremos de nos surpreender; por mais bem informados que estejamos,

depois da vida física, aportaremos num *país* de cultura e de valores com os quais não estamos habituados... Sobre a Terra, as construções são mais ou menos permanentes, a matéria também obedece à rígida disciplina, mas no Além...

—Muitos concebem a espiritualidade como sendo uma região homogênea, espaço etéreo povoado de seres alados, luzes e músicas de harpa...

—As regiões espirituais são tão vastas e díspares, que não nos é possível concebê-las todas; os próprios espíritos, em contato conosco, têm certa dificuldade em descrevê-las naturalmente, nós, os médiuns, lhes opomos resistência...

—As dimensões próximas à Crosta são semelhantes ao nosso espaço geográfico no mundo, não é? indaguei, interessado em maiores e mais detalhadas informações.

— Sim, para os espíritos que ainda conservam os hábitos humanos, a vida continua literalmente, todavia regiões existem na vida de AlémTúmulo em que a condição existencial poderia ser classificada de subumana, tal é o primitivismo do estado e a promiscuidade em que vivem os desencarnados excessivamente apegados às sensações da matéria...

— Muitos vivem vagando por aí...

— Milhares, Inácio, milhares... Figuremos uma casa de marimbondos... Os espíritos que deixam o corpo pelas circunstâncias da morte, em maioria, vivem presos à psicofera do Planeta, como marimbondos no exterior da casa, a voejar em torno dela mesma quando tenha sido semidestruída. De modo geral, os desencarnados não têm outro ponto de referência que não seja o mundo físico e os afetos, ou desafetos, que deixaram na retaguarda...

— Desafetos também?

— Principalmente desafetos, porquanto, se o amor liberta, o ódio escraviza. Durante a existência física, vivemos a nos suggestionar com a repetição de atitudes e a fixação dos pensamentos que acalentamos... Morrer, Inácio, é tão-somente sair do corpo. Seria ótimo se a morte igualmente significasse o decesso das ilusões e dos equívocos que nos nortearam os passos na trajetória empreendida do berço ao túmulo! Infelizmente, não é assim; a morte não nos despoja de nós mesmos e nos coloca em confronto com uma realidade que não queremos aceitar, porquanto, para aceitá-la, teríamos que conjugar um verbo extremamente difícil o verbo *renunciar*, em cuja conjugação não conseguimos ultrapassar a primeira pessoa do indicativo presente: *Eu renuncio*...

— Os espíritos pensamos que seremos admitidos nas colônias espirituais que existem ao redor da Terra... “Nosso Lar”, por exemplo, situado sobre a cidade do Rio de Janeiro, deve estar com uma superpopulação, visto que concentra as preferências dos companheiros de ideal para quando se transferirem desta para melhor...

—.. .ou para pior enfatizou D. Modesta, sem qualquer intenção de ironizar. O corpo físico funciona para nós outros como uma espécie de esconderijo; ele não nos permite mostrar como realmente somos, pelo menos aos olhos alheios... À consciência não há quem possa ludibriar. A forma física que ocupamos transitoriamente nos esconde as mazelas morais. Após o desenlace, cada qual prosseguirá vivendo na órbita dos seus interesses; nenhuma porta se nos abrirá sem a chave do mérito... Esqueçamos o chão revestido de pétalas de rosas nos conduzindo à entrada de resplandecente castelo.

—O que os espíritos nos dizem nas reuniões de desobsessão, os seus depoimentos...

— ...são a realidade pura; mesmo os fanfarrões desencarnados não passam de mendigos, tentando ocultar os próprios andrajos... Os que não lutaram para acender, pelo menos, diminuta réstia de luz no âmago de si mesmos vivem se arrastando na escuridão; os “mortos”, em sua imensa maioria, continuam, psicologicamente, dependentes dos “vivos”... Daí os processos de vampirismo, em que os encarnados, de maneira inconsciente, servem de repasto para os desencarnados. Os supostos “mortos”,

Inácio, frequentam a nossa mesa, participam das nossas refeições, bebem conosco no mesmo copo, esfregam-se a nós, carentes das emanções de calor e de sensualidade do corpo...

— Vejamos, Modesta, a importância de modificarmos o pensamento, não é?

— Sem dúvida; tudo funciona com base na sintonia mental... Através do que pensamos, manifestamos o que preferimos e atraímos os que cultivam as mesmas preferências. Existem entidades que, inclusive, chegam a participar das situações de relacionamento sexual, não nos respeitando sequer o tálamo conjugal. Agora, como o homem pode pensar melhor, se tem abolido até mesmo a prece do seu cotidiano? Raros são aqueles que oram e muitos dos que oram o fazem por mera formalidade, não colocando sentimento algum nas palavras que pronunciam...

— Acham que a prece é constituída de um mágico poder...

— A prece possui base científica, Inácio, e você sabe disto melhor do que eu.

A prece emite ondas mentais luminescentes; seria como, dentro do escuro labirinto do cérebro, de repente se acendesse um clarão... Quem ora entra em contato direto, sem necessidade de intermediação, com as Fontes da Vida. Está sendo provado cientificamente que a prece atua na intimidade celular, alterando-lhe a constituição e funcionamento. As curas podem ser explicadas; a fé é um poder espiritual sem precedentes...

— O Cristo ensinou que a fé remove montanhas...

— No entanto, Modesta, você tem razão; infelizmente, para a maioria dos crentes, a prece não passa de enfadonha ladainha; ninguém pensa que, orando, lhe será possível mobilizar as energias sutis do espírito... Todo o Universo é sensível, ou melhor, ultra-sensível ao poder da mente. Jesus não conseguiu curar aqueles que se revelavam psicologicamente desmotivados... Toda semente, para florescer, necessita de terreno fértil.

— Retomando o tema inicial da nossa conversa, Inácio, aliás muito interessante, os espíritos, quando se reconhecem sem rumo na Vida Maior, têm receio do que lhes possa acontecer... Existem malhas de desencarnados malfeitores que A percorrem as regiões de Além-Túmulo aliciando os incautos; submetem-nos aos seus caprichos e os escravizam, para deles se servirem segundo as próprias conveniências...

— Espírito obsediando espírito...

— Exatamente. A situação não muda... Não temos no mundo pessoas que se tornam dependentes de outras e as que vivem, durante longo tempo, em regime de escravização moral no seio da própria família? Querem crescer e são impedidas; aspiram a trilhar novos caminhos e têm os seus passos cerceados...

— Conheço muita gente assim gente que, para ter um serviçal dentro de casa, não pensa no prejuízo moral que está ocasionando àquela pessoa...

— Prejuízo de uma existência inteira... Quantos são os que vivem, abnegadamente, servindo a determinado grupo familiar, movimentando-se no pequeno mundo de uma casa, sem quase sequer saírem à rua para ver as outras pessoas?...

— Tremenda dívida que se contrai, não é? Em vidas futuras, os papéis se invertem...

— Sem dúvida, os serviçais serão senhores e os senhores, serviçais... Apenas o amor, em forma de indulgência, pode entrar no meio desse carma que, caso contrário, se arrastará indefinidamente...

— O perdão pode interromper o carma...

— Dizendo melhor, Inácio, modificar o carma, amenizá-lo, torná-lo possível de ser cumprido e impedir que a roda do destino se transforme num círculo vicioso...

— A escravidão dos espíritos é um mal sem precedentes emendei, pensativo. — Às

vezes, não atinamos para isto; temos trabalhando conosco pessoas pelas quais absolutamente não nos interessamos... Quando lhes retribuímos o esforço, o fazemos com as migalhas que nos caem da mesa e...

— ...nos acreditamos excessivamente generosos ! complementou D. Modesta com acerto. Recebemos mais do que damos e achamos o contrário. Espiritualmente, as criaturas que nos servem, quando não descambam para a revolta, lucram bem mais do que nós; estão se exercitando no desapego, na renúncia, na humildade... Quanto a nós...

— Estamos nos viciando em ser servidos e queremos tudo na mão, a tempo e a hora; não raro, somos incapazes de nos levantar de uma cadeira para apanhar determinado objeto que se encontra a poucos metros de nós...

— Quando desencarnamos...

— ...não temos nada e ninguém para nos atender; sem corpo, sem dinheiro, sem poder e sem mentiras que nos sustentem, não queremos aceitar a Verdade...

— Porém a Verdade não contemporiza e não tem outro compromisso que não seja consigo mesma afirmou a devotada companheira. — O mundo físico é o palco das aparências...

— Por este motivo, a Verdade passa por aqui quase completamente ignorada por nós, não é? Fixamos a atenção naquilo que nos interessa de imediato e nos atenda depressa, marginalizando os valores que contam para a Vida Eterna e que, não raro, requisitam o concurso do tempo para se imporem.

— Você tocou num ponto que carece de ser enfatizado, Inácio necessitamos de abordá-lo com maior frequência em nossas palestras e diálogos com os confrades. De fato, a Verdade não prevalece com violência se não transige, igualmente não se impõe à custa de opressão... O Bem reocupa os espaços que lhe foram tomados pelo Mal, sem necessidade de recorrer aos mesmos expedientes do Mal para se propagar...

— Mas deveríamos nos apressar no tempo...

— Sem dúvida comentou a abnegada obreira, encerrando mais aquele capítulo de nossos inesquecíveis entendimentos à luz do Espiritismo -, o tempo não passa lento e nem depressa. O seu ritmo é sempre o mesmo. Nós é que devemos nos conscientizar de que necessitamos administrá-lo com maior proveito, economizando lágrimas...

Infelizmente, quase todas as comunicações obtidas através da mediunidade de D. Modesta se perderam; à época, não dispúnhamos das facilidades tecnológicas de hoje, e páginas psicofônicas de inegável valor doutrinário ficaram restritas ao grupo. Algumas das citadas mensagens foram divulgadas em “A Flama Espírita”, mas tão somente aquelas que nos chegaram psicografadas ou que, eventualmente, conseguíamos reconstituir, com o concurso da médium, em seus trechos mais importantes. Um dos comunicados que, sem dúvida, mais nos impressionaram foi o de Cairbar Schutel, apóstolo do Espiritismo em Matão, Estado de São Paulo. Visitando-nos pela primeira vez, incorporou-se na médium e falou-nos com simplicidade:

— Meus irmãos, que a paz do Senhor seja conosco. Nas atividades doutrinárias que, agora, desenvolvemos no Mais Além, não poderíamos deixar de estar com os companheiros de ideal que se vinculam a esta casa. Necessitamos, embora os embaraços do caminho, perseverar no cumprimento do dever que abraçamos no Espiritismo, como sendo, em séculos, a nossa melhor oportunidade de redenção... Sigamos conscientes da responsabilidade e não consintamos que os nossos antigos erros novamente nos comprometam, na empreitada a que nos lançamos sob a égide do Cristo. A aplicação da Doutrina em nossas vidas significa não descurmarmos das nossas menores obrigações no cotidiano; a finalidade da semente é produzir não sejamos apenas promessa, mas, sim, realização. Os Espíritos Superiores, que colaboram com o Senhor na obra de evangelização da Humanidade, contam com o nosso diminuto esforço. Não desfrutemos

sem saber retribuir... Saibamos corresponder. Quantos se consagram ao intercâmbio com os desencarnados apenas por mera curiosidade ou por simples deleite, sem atinarem para a seriedade do assunto que transcende os interesses de ordem material e extrapola os propósitos de caráter subalterno do homem que vive esquecido de sua própria essência? Quantos incrementam no Espiritismo, mormente no campo da prática mediúnica, comportamentos estranhos e pessoais, como se a Verdade pudesse se adequar ou se submeter aos seus caprichos mesquinhos? Quantos se dizem espíritas, tudo querendo com o corpo filosófico da Doutrina, mas nada querendo com o espírito do Evangelho, que nos conclama a mais do que simplesmente conhecer? A teoria sem ação que a justifique inexistente! O Espiritismo em nós deve ser o Cristo oficiando no santuário da alma. O conhecimento que não liberta é dogma escravizante. A Terceira Revelação necessita muito mais se difundir pelos nossos exemplos do que pela palavra brilhante na tribuna. A palavra, sem o aval do exemplo, sempre haverá de soar sem eco aos ouvidos de quem no-la ouça, desconfiado. Seriedade no Espiritismo, acima de tudo, é compromisso com a consciência e não com aqueles para cujos olhos atuamos no cotidiano: não devemos nos preocupar em fazer para que sejamos vistos, mas para que, com o sábio concurso do tempo, nos vejamos melhor... Muitos fazem pelo aplauso; raros os que fazem por convicção. Não distorcamos a aplicação da Doutrina, quando ela é transparente em seus fundamentos: a renovação alheia não nos deve dizer respeito mais do que à nossa própria renovação. Não nos transformemos em vigilantes da conduta dos outros, adotando uma postura de extrema vigilância para conosco. A rigor, ninguém personifica em si o Espiritismo e, em hipótese alguma, deve se considerar parâmetro para os demais confrades. Não nos iludamos a tanto... Listemo-nos entre aqueles cujas imperfeições são evidentes. Quanto mais criticamos os semelhantes, mais as nossas próprias mazelas se revelam em seus nítidos contornos; a intenção de quem critica descaridosamente é a de se esconder por detrás do equívoco que aponta... Os bons jamais recriminam. Infelizmente, muitas casas espíritas estão destituídas do espírito do Evangelho sólidas construções de alvenaria, mas vazias de espiritualidade! Ou nos irmanamos ou estaremos, o tempo todo, ludibriando a nós mesmos. Pujamos a tudo quanto se oponha à simplicidade... O Cristianismo, em sua revivescência, não carece de se modernizar. Para acompanhar o progresso do conhecimento humano, o espírita não necessita tergiversar com Kardec, clamando pela atualização dos seus postulados: objetivando o fortalecimento da árvore e a sua melhor produção, ninguém lhe poda as raízes... As bases doutrinárias são inamovíveis no edifício da Codificação! Sem que os nossos sentimentos sejam puros, não nos relacionaremos sem obscuros interesses com os nossos irmãos de ideal; este conceito também se estende ao nosso relacionamento com o Espiritismo. Sem que estejamos imbuídos de propósitos superiores, não nos afinizaremos espiritualmente com a Causa, que desserviremos. A mediunidade não confere sabedoria ao mediano. A luz do discernimento há de se produzir na usina da experiência exaurida no suor do trabalho digno.

Efetuada breve pausa, Cairbar Schutel continuou:

— Nas regiões do Mais Além, já são inúmeros os espíritos atormentados pelo remorso; excessivamente preocupados com os outros, olvidaram a si mesmos na necessidade de se renovarem foram médiuns e dirigentes sob austera disciplina na fé, mas que, contraditoriamente, não levaram o Espiritismo a sério; não admitiram se descontrair na rigidez comportamental que preconizavam, mas não souberam sorrir nas boas obras. Repartiram o pão, contudo dele não se alimentaram... Narra-nos o Novo Testamento que, no episódio da multiplicação, doze cestos sobram cheios de pães um para cada apóstolo, qual se o Cristo quisesse dizer aos amigos que eles também tinham fome e que, inclusive, a sua era ainda maior que a fome da multidão que se aglomerava...

A intolerância em matéria de crença religiosa é violência do espírito, tão perniciosa e comprometedora quanto a excessiva flexibilidade moral da criatura consigo mesma. No Movimento Espírita que se esboça e se fortalece, tenhamos cautela para que não nos afastemos de nossas origens e não percamos a espontaneidade. Excesso de diretrizes formaliza e descaracteriza a fé. Eis, sem dúvida, o maior desafio para os que, presentemente, se encontram engajados nas tarefas unificacionistas promover a união sem pretender uniformizar, porquanto, de certa maneira, a sua diversidade é que mantém o Movimento Espírita livre e possibilita a natural expansão da Doutrina, sem que tenha que prestar obediência a órgãos centralizadores. O centro espírita é a célula mais importante do nosso movimento doutrinário e deve ser o desdobramento do próprio lar dos companheiros de ideal que mourejam no corpo físico. As igrejas nascentes do Cristianismo se alicerçaram na intimidade doméstica dos seus primeiros seguidores; quando o centro espírita perde a sua característica de lar, a instituição, embora nobre, se distancia do espírito cristão e não devemos ter receio algum de sustentar a tese de que o espírita de hoje é chamado à responsabilidade de que se encontrava investido o cristão de outrora, porquanto a finalidade precípua do Espiritismo é a de reviver o Cristianismo, retomando-o no exato ponto histórico do qual, infelizmente, após três séculos de luta para se impor ao paganismo, ele se afastou. Não repitamos semelhantes equívocos e não contemporizemos com a intelectualidade do Movimento, companheiros evidentemente de grande cultura e notável capacidade acadêmica, mas faltos de senso espiritual **338**

*fDot rzAnwt ao 'Dfye.ab*

que os levam, inadvertidamente, a propor perigosas inovações doutrinárias.

— Meus irmãos rematou Cairbar -, nada pior para impedir o avanço de uma ideia do que submetê-la a conceitos dogmáticos, que a impeçam de ser assimilada com facilidade pelo povo a que pretende alcançar. Mantenhamos a simplicidade da Doutrina e que a fraternidade nos inspire. Numa casa espírita, o que foge à aplicação do Evangelho é prática que deve ser abolida ou, no mínimo, revista. O que tem sustentado a propagação do Espiritismo, afora a excelência de seus postulados, são as atividades aparentemente insignificantes o passe, a água magnetizada, a prece, o prato de sopa, a visita ao doente... A própria mediunidade, quando não exercida com discernimento, traz mais prejuízos do que lucros para a nossa Causa; na ânsia de obter comunicados com pretensos Espíritos Benfeitores, os médiuns têm extrapolado e criado inúmeros problemas... Quem não se considere apto para o contato com os desencarnados já detentores de alguma luz não se acanhe de ser útil àqueles de mediana evolução, servindo-lhes de intérpretes nas ditas reuniões de desobsessão; na maioria das vezes, é através do falso comunicado de um espírito que se imagina protetor do médium ou do grupo que o melindre e a desavença se estabelecem... Os grupos mediúnicos que se especializam na lida com os enfermos do Mundo Espiritual dificilmente se comprometem. Por incrível que pareça, o perigo maior relacionado com a obsessão não está no intercâmbio com os que, reconhecidamente, são espíritos sofredores; o perigo justamente está no contato com aquelas entidades às quais se atribui algum esclarecimento... Deixolhes o meu fraternal abraço, rogando ao Senhor que continue a fortalecê-los em seus melhores propósitos em nossa Doutrina de Amor e Luz!...

Quando Cairbar Schutel se retirou, percebemos que a palavra dele deixara o ambiente imerso em profunda paz. A sua advertência nos calara fundo. De fato, carecíamos de maior vigilância e, de quando em quando, precisávamos nos indagar até onde, com a nossa atuação, estávamos sendo úteis à Causa que pretendíamos servir.

Após as luzes se acenderem, D. Modesta comentou:

— Pois é, Inácio, devemos ter cuidado para, tendo já saciado a sede, não conspurcarmos a fonte que nos dessedenta...

— Mesmo porque voltaremos a sentir necessidade de sorver-lhe a linfa cristalina... comentei.

— Sem dúvida. Os que, no passado, desvirtuaram o Cristianismo, eclipsando-lhe a luz da Verdade, reencarnaram, dentro dele, tateando nas trevas...

—Ansiavam pela chama que eles próprios apagaram...

—Fomos nós, Inácio, os que, agora, intentamos reacendê-la...

—Você tem razão, Modesta... Há quantos séculos estamos lutando, não?

—Criando condições propícias para o surgimento do Espiritismo...

—O sublime advento do Consolador!...

—No entanto, a Doutrina ainda é uma planta frágil que, timidamente, desponta...

—Crescendo em terreno hostil... No solo em que nasceu, na França, praticamente inexistem vestígios dela...

—Aclimou-se no Brasil, chamado a ser o coração do mundo e a pátria do Evangelho...

—Chamado, mas será escolhido?... perguntei, reticencioso.

—A resposta, Inácio disse-me a companheira caberá a cada um de nós!...

## 40° Capítulo Perdão Todo Dia

Em minha lida no Sanatório, verificava que o problema básico da Humanidade, sem dúvida, era concernente à aplicação do perdão. Todos os meus pacientes, não importando qual fosse o diagnóstico, eram almas afligidas pela necessidade de perdoar ou de serem perdoadas. A Medicina Psiquiátrica, em suas mais variadas especialidades, não passava, como não passa, de mero paliativo para as dores do remorso que o homem acumula na consciência; enquanto a criatura encarnada não se resolver com o seu semelhante, ela desconhecerá a paz e, conseqüentemente, a vida feliz. Por este motivo, creio, o perdão foi a derradeira lição que Jesus nos deixou... Quem não aprende a perdoar, vive sob constantes abalos emocionais, estabelecendo natural sintonia com as entidades que não acreditam na força do Amor. A indulgência agora liberta-nos de muitos carmas para o futuro, evitando complicações reencarnatórias que poderão nos induzir a perder valioso tempo na jornada de ascensão... Às vezes, pelo que nos revelam os nossos Benfeitores, o espírito permanece séculos na tentativa de obter o perdão daqueles que prejudicou, sentindo-se impedido de avançar. Quantos pais, quantos filhos, enfim quantos familiares e amigos presos ao passado porque não souberam compreender e perdoar!

Na faina a que me entregava cotidianamente, quando das visitas esporádicas dos familiares aos enfermos internados, eu podia observar certo distanciamento entre eles; na maioria das vezes, em silêncio, os pacientes eram recriminados pelos seus entes queridos, como se apenas a eles coubesse a culpa da situação a que foram reduzidos... Os desequilibrados eram como que uma constante vergonha familiar, algo que os impedia de serem completamente abertos na sociedade uma mácula social que, de todas as maneiras, procuravam esconder. Raras vezes digo-lhes pude testemunhar autênticas manifestações de carinho e solidariedade da parentela consanguínea em visita aos meus pacientes... Muitos, repito, se sentiam até aliviados por terem conseguido, digamos, isolar aquele *quisto moral*, distanciando-o do convívio doméstico. É lamentável, mas é verdade. Outros, salvo melhor juízo de minha parte, chegavam a receber com certo alívio a notícia do óbito de um ou de outro, quando, porventura, a desencarnação ocorria nas dependências do hospital; com o intuito de se justificarem na própria indiferença, exclamavam: — “Foi a Vontade de Deus; antes assim... Rilano era um provador; sofreu

muito... Desde criança, arrastava essa cruz... Agora, descansará em paz!...”

A minha luta sempre foi muito maior com os seus familiares do que propriamente com os enfermos que eram conduzidos aos meus préstimos; afirmo, inclusive, que era maior até do que a peleja travada com os ditos espíritos obsessores... Quando, em nossos diálogos mediúnicos, tentávamos sensibilizá-los, diziam-nos: — “São enjeitados da própria família... Por que haveríamos de amá-los, quando sequer são amados dos seus? Ninguém os quer... Fizeram tanto mal em vidas pretéritas, que enlouqueceram a si mesmos... Não nos culpem pelo que não fizemos; apenas nos prevalecemos da situação, pois temos *necessidade* deles...” Não era fácil lidar com semelhante situação, e um verdadeiro desafio envolvia a família do paciente no seu processo de recuperação; os avanços que lográvamos no tratamento, enquanto o paciente se demorava conosco por dias ou meses mais ou menos longos, eram praticamente anulados em casa quando esse mesmo paciente recebia alta incontáveis vezes, os parentes voltavam com ele no dia seguinte e, então, a vontade que eu sentia era a de *trancar* os loucos sociáveis que o reconduziam ao Sanatório, pretextando recaída... Alguns chegavam a enervar o paciente de propósito; faziam de tudo para não tê-lo em casa... Como lograr qualquer êxito médico ou espiritual laborando em campo completamente hostil? Digo-lhes que, com raras exceções, os que tinham afeto no seio da família não eram internados quando o perdão era posto em prática, perdão recíproco, visto que semelhante virtude é a única dentre as demais virtudes que não se exerce unilateralmente, a situação se amenizava e a prova se atenuava... Obter o perdão alheio sempre me pareceu mais difícil que perdoar, porquanto, para sermos perdoados, carecemos de mobilizar a vontade daquele que ofendemos.

Este preâmbulo que já se alonga em demasia, tem o propósito de explicar que, em uma de nossas inesquecíveis sessões mediúnicas no Sanatório, recebemos a visita do venerando Irmão José, que, através da psicofonia de D. Modesta, teceu judiciosos apontamentos em torno do perdão.

Aberto a esmo, no início da reunião, “O Evangelho Segundo o Espiritismo” ofertara-nos à leitura um trecho do item “Reconciliar-se com os adversários”, no capítulo “Bem-aventurados os *que são misericordiosos*”, de acordo com as palavras de Jesus, anotadas por Mateus: “Concerta-te sem demora com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele, para que não suceda que ele te entregue ao juiz, e que o juiz te entregue ao seu ministro, e sejas mandado para a cadeia. Em verdade te digo que não sairás de lá, enquanto não pagares o último ceutil. /

— “Meus irmãos principiou o Benfeitor -, da lição que o Senhor nos envia nesta noite, em torno da nossa premente necessidade de indulgência, dentre outros, destacaríamos dois pontos de fundamental importância. O primeiro é o que se refere à sentença: “*Concerta-te sem demora com o teu adversário*”... Reparemos que o Senhor não nos recomenda esperar pela melhor hora que poderá não chegar para o exercício do perdão. O perdão não é para amanhã nem para depois; o perdão é para hoje... Notemos, ainda, que o Mestre preceitua que a iniciativa do perdão parta de nós e não daqueles que agredimos ou tenham nos agredido. O segundo ponto que estimaríamos destacar é que Jesus não se dirige especialmente a nenhum dos envolvidos na questão nem à pretensa vítima nem ao suposto algoz, na trama infeliz que entre ambos se estabeleceu. Ele se refere ao adversário, deixando-nos subentender que seremos mais culpados pela falta de indulgência do que propriamente pela ofensa em si... Avançando um pouco mais na interpretação do texto sob a nossa análise, vejamos que o Senhor, na recomendação que nos direciona, nos responsabiliza diretamente. Sejamos mais claros: Ele nos fala como se culpados fôssemos, culpados por não perdoar ou culpados por não pedir perdão; sim, porquanto, se quem não perdoa tem culpa, quem não toma a iniciativa de pedir perdão

também a tem... Jamais estaremos, com relação à indulgência, em uma situação de neutralidade: sempre estaremos provocando ou sendo provocados ou, ainda, provocando e sendo provocados; às vezes, basta a nossa presença para que alguém se sinta agredido. O que não se dirá quando falamos ou agimos? *“Concerta-te sem demora com o teu adversário”* pelo que nos é possível depreender da divina advertência, o adversário, pela óptica do Evangelho, sempre tem razão, seja ele ou não o autor do desentendimento. Quantos ficamos na expectativa do perdão alheio, e viceversa? A expectativa de ambas as partes inviabiliza a indulgência, pois quem se sente acobertado pela razão julga-se no direito de esperar que a iniciativa parta do outro. Quem é que nos confere razão em qualquer conflito, senão o próprio juízo que formamos? Raramente, admitimos que erramos e, mesmo assim, mais raramente ainda fazemos a confissão pública dos nossos equívocos... A confissão à qual nos referimos não é da simples proclamação verbal dos enganos que cometemos, mas a da atitude que nos possibilite reparar o mal que, inadvertidamente, engendramos. Existe mais grandeza em se pedir perdão do que em se perdoar; quem perdoa pode fazê-lo de cima para baixo, mas quem roga perdão o faz de baixo para cima... Por este motivo, todos deveríamos facilitar o perdão que os outros anseiam de nós; o ofendido deveria ir até o ofensor, ensejando a ele a oportunidade de concertar-se consigo mesmo... No fundo, quem erra sabe que errou e, na maioria das vezes, sente-se envergonhado de tomar a iniciativa da reaproximação. Por outro lado, naquele que se sente a vítima, o amor próprio está presente; se não estivesse, não se colocaria na condição de vítima.

Rematando a preciosa asserção, o lúcido Irmão José considerou:

*mÊjm* Jesus Cristo não nos perdoou; Ele pediu a Deus que nos perdoasse, como se pretendesse nos dizer que somente ao Criador cabe perdoar as criaturas... Quem não se considera atingido pela ofensa não tem necessidade de perdoar; o perdão é para quem se magoa... O Senhor entendeu a nossa inconsciência: quem fere está fora de si e quem não é indulgente dentro de si não está, A orque, caso estivesse, consideraria que, em circunstâncias diversas, seria capaz de fazer o mesmo... Notemos a máxima, que novamente chamamos à reflexão: *“Concerta-te sem demora com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele, para que não suceda que ele te entregue ao juiz...”* “Enquanto estás a caminho” significa enquanto nos é possível equacionar a pendência por nós mesmos, sem a interferência do *juiz* e do *ministro*, que aqui simbolizam a ação da Lei do Carma, perante a qual não nos será possível qualquer defesa. Diante do juiz se comparece para ouvir a sentença, depois de concluído o processo... Isto quer dizer que a Lei do Carma, ou de Ação e Reação, não contabiliza de imediato os deslizes que cometemos: a nossa ficha permanece em aberto, na expectativa de que saldemos o débito de iniciativa própria, sem necessidade de que os cobradores nos batam à porta com a promissória nas mãos e nos indaguem: “Pagamento à vista ou parcelado?”

Despedindo-se de nós, o querido Benfeitor, ao qual todos devíamos tantas gentilezas, conclamou:

— Meus irmãos, façamos tudo para que os sentimentos menos nobres não nos ditem as atitudes de cada dia. Estejamos sempre dispostos a compreender. Ninguém comete o mal em estado de perfeita sanidade; toda e qualquer conduta agressiva, nossa ou dos outros, evidencia o desequilíbrio de que, infelizmente, ainda somos portadores. Por este motivo, a Lei não condena: a Lei simplesmente educa. Amemos em nossos semelhantes a parte daquilo que igualmente somos... Para nós, espíritos frágeis nas sendas da evolução, tanto o Mal quanto o Bem são uma questão de oportunidade. Estejamos atentos. A terra produz de acordo com a própria fertilidade e não apenas com a qualidade da semente.

Que o Senhor nos fortaleça em nossos ideais e que nos guie, hoje e sempre, nos caminhos da Luz!...